POR DENTRO DO CONGRESSO

Poderoso como nunca, o Legislativo aprovou medidas importantes neste mandato, a exemplo da reforma da Previdência e da privatização da Eletrobras. Mas uma avaliação sobre o desempenho de cada parlamentar mostra que o eleitor deveria prestar mais atenção na escolha de seus representantes

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editores Executivos: Daniel Hessel Teich, Monica Weinberg **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Diogo Vassao Magri, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Purchio Haddad, Marcela Moura Mattos, Maria Aguida Menezes Aguiar, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turollo Jr., Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Diego Alejandro Meira Valencia, Eric Cavasani Vechi, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Vitoria Barreto Martins **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus e Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MERCADO PUBLICITÁRIO** Jack Blanc **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 807 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 37. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

www.grupoabril.com.br

MARCOS Ulysses Guimarães e José Bonifácio: constituintes em momentos históricos diferentes

A CASA DO POVO

A HISTÓRIA do Poder Legislativo brasileiro começou de forma tumultuada, com a dissolução, em 1823, da primeira Constituinte do Brasil independente, provocada por conflitos entre alguns parlamentares e o imperador dom Pedro I — a Carta acabaria sendo outorgada apenas em 1824, instituindo em seu artigo 14 a Câmara dos Deputados e o Senado. Um dos deputados mais influentes na infrutífera tentativa de 1823, José Bonifácio havia formulado propostas rele-

FOTOS ANTONIO RIBEIRO; ACERVO PREFEITURA DE SÃO VICENTE

vantes, como a reforma agrária e a abolição da escravidão, algo que só se tornaria realidade no país seis décadas depois.

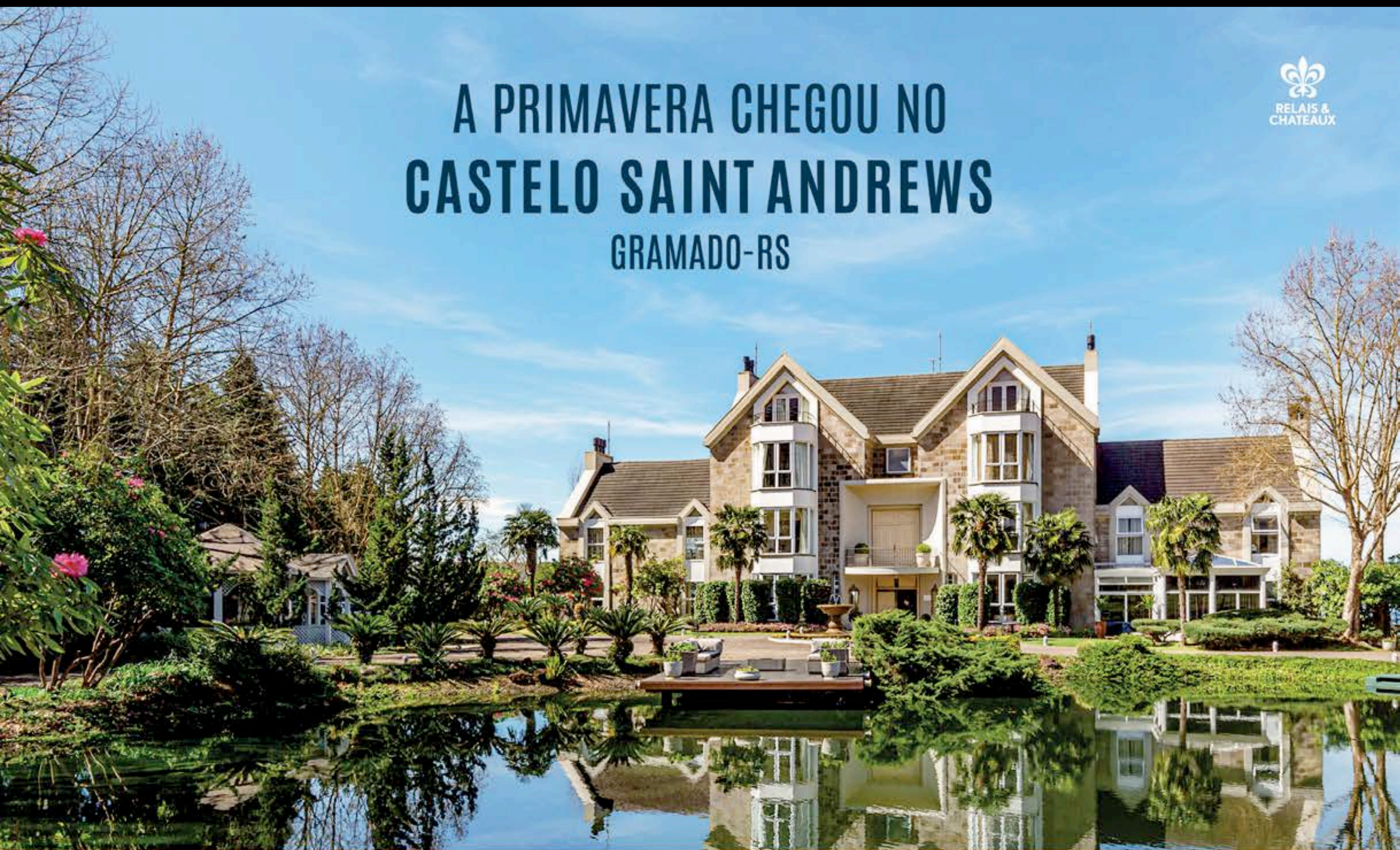
Ao longo de 200 anos, o Parlamento assistiu ao nascimento da República, enfrentou o período de trevas da ditadura militar e, sob o firme comando de Ulysses Guimarães, elaborou a atual Carta, a de 1988, feita ao sabor dos bem-vindos ventos da retomada da normalidade democrática. O texto tem méritos inegáveis, mas também foi eivado de excessos, alguns produzidos por ação de lobbies, como o artigo que obriga o governo federal a manter o controle da administração do Colégio Pedro II, no Rio. Por força do desatino dos deputados, deu-se outro equívoco: limitar os juros reais a 12% ao ano.

O Congresso atual repete a tradição de oscilar entre acertos e retrocessos, com o agravante de que havia no início desta legislatura uma esperança de progresso, dado o índice recorde de renovação. Na análise dos trabalhos realizados nos últimos quatro anos, ainda que aos trancos e barrancos, os deputados foram responsáveis por avanços, como a aprovação da reforma da Previdência, a autonomia do Banco Central e o marco do saneamento básico. Ao mesmo tempo, porém, não deram seguimento a decisões urgentes e fundamentais, como as reformas administrativa e tributária. Como se não bastasse, entre outros desacertos, não apenas criaram como ampliaram o artifício conhecido como orçamento secreto, que saltou de 2,7 bilhões de reais em 2019 para 16,5 bilhões em 2022.

Quando o trabalho é analisado individualmente, o retrato do Congresso piora ainda mais, conforme mostra um novo ranking de avaliação dos parlamentares, elaborado pelo Legisla Brasil. Há sempre honrosas exceções, mas a nota média dos deputados em questões como a da produção de leis é de 3,3, conforme mostra a reportagem desta edição que começa na página 22. Como grande parte deles concorre à reeleição, convém prestar mais atenção no desempenho dos atuais congressistas e usar seu voto para escolher os melhores representantes para essas Casas. O Parlamento está cada vez mais poderoso e, caso aprove uma agenda reformista, pode ajudar o Brasil a deslanchar, aumentando a criação de empregos e oportunidades. Infelizmente, hoje a maioria dos brasileiros sequer se lembra em quem votou na última eleição ou conhece as propostas dos candidatos ao Poder Legislativo. Uma lástima. Está na hora de mudarmos essa postura e começarmos um novo capítulo da história. ■

A PRIMAVERA CHEGOU NO CASTELO SAINT ANDREWS

GRAMADO-RS

RELAIS & CHATEAUX

REFERÊNCIA NA HOTELARIA DE ALTO PADRÃO NA AMÉRICA LATINA

Imagine um lugar perfeito, onde design, bem-estar, gastronomia e entretenimento se harmonizam de maneira integrada. Assim é o Castelo Saint Andrews, um Relais & Châteaux na encantadora Gramado. Envolto pelo clima intimista da Serra Gaúcha e o esplendor do Vale do Quilombo. Contamos com 3 tipos de acomodações exclusivas, sendo 11 suítes no Castelo, 8 suítes no Mountain e 3 suítes na Mountain House. Dispomos de jardins encantadores, vista maravilhosa, restaurante Primrose com menus personalizados e premiada carta de vinhos, adega gourmet, boulangerie, cigar lounge, espaço fitness, piscina coberta e aquecida, sauna e spa.

Hospedagens: *de 2 a 7 noites incluímos transfer privativo, welcome drink na chegada, massagem escalda pés, serviços de concierge e mordomo, amenities Bvlgari, café da manhã menu degustação com horário livre, chá da tarde tradicional inglês*, jantar menu surprise do chef e jantar temático harmonizado, noite de pizzas gourmet*, terapia relaxante**. Visitas: Vinícola Jolimont com degustação**, Cristais de Gramado, Geo - Museu de Pedras Preciosas. Programações opcionais: Ingressos para o espetáculo Natal Luz de Gramado, passeios pelo Vale dos Vinhedos e Vinícola Seganfredo.*

Espaço Madrepérola/Restaurante Primrose

Experiências gastronômicas harmonizadas com os melhores vinhos do mundo!

*Vide site nossa programação completa de Setembro a Março, incluindo Natal e Réveillon com maravilhoso **Show Som & Luzes** no Castelo. Veja também a programação de **Férias de Verão 2023**. Janeiro - **Mês das Hortênsias** nos jardins do Castelo. Fevereiro - **Vindima Experience** e **Carnaval Veneziano**. Faça sua reserva!*

Mountain House

Mountain House - 500m²
Uma Casa exclusiva, dentro do complexo do Castelo!

Com garagem privativa, hall, salas de jantar e estar, cozinha completa, suíte master com vista maravilhosa do Vale do Quilombo e 2 suítes loft . Você conta ainda com serviços exclusivos do hotel como: Mordomos, Camareiras, Concierges e Exclusivo Chef que irá preparar refeições a seu gosto.

(* somente para hospedagens de 4 e 7 noites / ** somente para hospedagem com 7 noites)

*Reservas e informações: (54) **3295-7700 / 99957-4220** (ou seu agente de viagens)* | *castelosaintandrews* | *saintandrews.com.br*

FABIO ROCHA/TV GLOBO

“NÃO VOU ME APOSENTAR”

O narrador esportivo número 1 do Brasil lembra momentos da carreira, admite que fala demais e revela projetos para quando deixar as transmissões da TV aberta, depois da Copa do Catar

RICARDO FERRAZ

CARLOS EDUARDO Galvão Bueno, o narrador mais conhecido do Brasil, entrou no universo das transmissões esportivas por força de uma aposta: aos 23 anos, venceu um concurso de comentarista feito pela Rádio Gazeta, de São Paulo, só para convencer seu sócio em um escritório comercial que vendia embalagens de que entendia de esportes. Contratado pela rádio, Galvão abandonou o negócio e também os treinos de basquete, modalidade em que tentava crescer como profissional. De lá para cá, a voz empolgada do narrador se fez ouvir em onze finais de Copa do Mundo e diversas Olimpíadas, corridas de Fórmula 1 e campeonatos nacionais de futebol. Dono de um dos maiores salários da TV brasileira, o que lhe permitiu adquirir hábitos caros, como golfe, vinhos e cavalos, Galvão vai desligar o microfone após a final do Mundial do Catar e está cheio de planos para a vida pós-transmissões. Nessa entrevista, que concedeu de sua casa em Londrina por videoconferência, ele fala da sua trajetória, dos novos projetos e, como não podia deixar de ser, da seleção brasileira.

Como se sente pendurando a chuteira? Na verdade, vou virar uma página, mas o livro continua aberto. Eu paro de fazer narrações em TV aberta e isso é definitivo. Meu último jogo será a final da Copa do Catar, que espero ter a presença da seleção brasileira. Mas não vou me aposentar. Seguirei tendo projetos na Globo. Não vou me desligar totalmente da empresa.

O que vem por aí? Já está em produção uma série sobre a minha vida, cinco episódios na Globoplay rememorando alguns momentos marcantes. Gravei no Rose Bowl, o estádio do tetracampeonato mundial da seleção, e no Coliseum de Los Angeles, onde narrei a minha primeira Olimpíada, em 1984. Outros projetos estão em estudo. O que posso garantir é que não vou para nenhuma outra emissora, embora tenha tido propostas.

De quem? É fácil imaginar. Meu time inteiro foi para a Band transmitir a Fórmula 1 e eu fiquei. O fato é que a Globo é a minha casa. Me dou ao direito até de me sentir um pouco parte da família Marinho.

Como foi a conversa em que acertou sua saída das narrações? No final da Copa de 2010, na África do Sul, disse

“Meu time inteiro foi para a Band transmitir a Fórmula 1 e eu fiquei. O fato é que a Globo é a minha casa. Me dou ao direito até de me sentir um pouco parte da família Marinho”

no ar que não me via fazendo mais copas do mundo fora do Brasil, dado que o Mundial seguinte seria em nosso país. Imaginava que iria até a Olimpíada do Rio, em 2016, e fecharia um ciclo. Mas houve mudanças na direção da empresa, pediram para eu ficar mais um pouco e atendi. A verdade é que eu já vinha amadurecendo havia algum tempo a ideia de parar de narrar.

Sabe o que vai falar na despedida? Será minha 13ª Copa, não há ninguém no mundo que tenha feito algo semelhante. Tenho a sensação de que vão preparar alguma surpresa. É claro que vou me emocionar e seguramente chorar. Mas não planejei nada, vou falar com o coração.

O senhor se notabilizou por fazer transmissões das mais variadas modalidades esportivas. Terá um sucessor assim na Globo? Me perguntam muito se vai ter um novo Galvão. Respondo que não, eu fazia coisa demais, do Campeonato Paulista à Fórmula 1. Mas não faltariam nomes. Vários profissionais da Globo, como o Luís Roberto e Cléber Machado, são narradores esportivos e não meros locutores de futebol.

Qual dos dois será seu substituto nas transmissões mais importantes? Isso é a Globo que decide, não vou interferir nessa escolha. Mas basta prestar atenção em quem fará o primeiro jogo da seleção depois que eu parar.

Como vê as mudanças que estão surgindo na transmissão esportiva, com a entrada de jovens talentos da internet? Tudo mudou depois do YouTube e das redes sociais, principalmente no mundo das comunicações. Se alguém está fazendo diferente e tendo sucesso, mesmo sem dominar os fundamentos técnicos de uma transmissão, acho bacana. Mas ainda considero que uma narração esportiva é parecida com um desfile de escola de samba. Você precisa entender o enredo, a história que está sendo contada, e passar isso ao espectador.

Os bordões que se tornaram sua marca registrada são criados de que forma? Invento tudo na hora, em decorrência de algumas situações. Tinha uma época em que o Taffarel não saía do gol nos cruzamentos do adversário e isso me dava um desespero enorme. A vontade era dizer "Sai da porra do gol", mas não dava, então criei o "Sai que é sua, Taffarel". Não sei se ele mudou de atitude por minha causa, mas pode ter se tocado. A curiosidade engraçada é que Taffarel tem um papagaio que repete o bordão.

Esse seu jeito também atrai críticas e gozações, como o "Cala a boca, Galvão", que viralizou em 2010. Isso o incomoda? O meu amigo Ayrton Senna me chamava de papagaio. Nunca entendi bem o motivo. Falando sério, admito que devo ter falado um pouco demais na abertura da Copa naquele ano. Também teve um cara de um site de humor

que fez um vídeo dizendo que Galvão era um pássaro em extinção e a *fake news* foi parar na capa do jornal espanhol *El País*. Até a Madonna tuitou *Save the Galvão Bird*. Essa eu confesso que me assustou. Fizemos uma reunião com os chefes da Globo e resolvemos assumir a brincadeira.

E hoje, como é virar meme? Lido bem com isso. Depois da Olimpíada de Tóquio, em que fui filmado dentro da cabine narrando os principais feitos dos atletas brasileiros, virei o tiozão fofo da internet. O novo capítulo da minha vida que está para se abrir é totalmente voltado para as redes sociais. Não vou me transformar em youtuber, mas pretendo ser uma espécie de publisher, produzindo conteúdo para plataformas

digitais. Na essência, continuo o mesmo papagaio de sempre. Estou sempre no fio da navalha, me equilibrando entre a emoção que quero passar ao telespectador e a realidade dos fatos. Nunca deixei de dizer se alguém jogou mal ou bem.

Mas falam que um comentário negativo ou positivo seu pode ser crucial para um jogador ser convocado para a seleção, por exemplo. Não acho que tenho esse poder nem que o jogador possa imaginar que isso aconteça. Seria uma grande falta de consideração para com o técnico da seleção. Ele não pode se basear na opinião de comunicadores.

O senhor nunca escalou jogador para a seleção? Nunca, mas tem uma história engraçada com o Felipão. Na Copa

de 2002, ele pediu para tomar um vinho no meu quarto e disse: “Pode colocar no teu jornal que seu jogador vai estar em campo amanhã”. Deixei claro que não era pai de atleta, presidente de clube ou empresário para ele falar daquele jeito. Aí o técnico retrucou: “Não sabe que eu convoquei o Kaká porque não aguentava mais meu filho em casa e você na TV repetindo o nome dele?”. Essa parte era brincadeira, claro. Ele só queria me adiantar um nome na escalação.

Sua relação com Felipão ficou estremecida depois do 7 a 1, não? Ele diz que eu apontei o dedo do torcedor contra ele com meu comentário. Mas foi um editorial, não uma mera opinião. O texto que li foi escrito a oito mãos por mim e três diretores da Globo. Já o procurei, mas ele nunca mais falou comigo. Na antevéspera da partida, fizemos uma entrevista ao vivo e quis saber como a seleção atuaria sem Neymar,

“Tive convites, mas nunca pensei em me tornar político. Agora, tenho minhas convicções. Sou um democrata e, como tal, fico triste com a polarização política atual”

machucado, e sem o capitão Thiago Silva, suspenso. Ele disse que o Brasil não mudaria o jeito de jogar e que tinha várias opções para substituir Neymar. A minha vontade era falar: "F...". Foi um gol atrás do outro, uma coisa surreal. Acabei criando o "Virou passeio", um bordão que espero nunca mais repetir na vida.

E para 2022, qual sua expectativa? Estou muito otimista. Temos uma geração de jovens jogadores de ataque que não se via fazia tempo no Brasil: Raphinha, Antony, Vini Jr. e o Pedro, que é o nosso Lewandowski. E temos bons goleiros, uma bela dupla de zaga, com Marquinhos e Thiago Silva, e Neymar para tocar a bola para essa garotada que está voando. Agora, o sorteio complicou a situação. O Brasil deve passar bem a primeira fase, mas as chaves da segunda permitem cruzamentos com Portugal, Uruguai, Alemanha, Espanha, França, Inglaterra, Holanda e Argentina. Para ser hexa, a seleção terá de encarar a Copa mais difícil que já disputou.

Neymar tem condições, principalmente psicológicas, de liderar a seleção? Em 2014, ele saiu com uma fratura na coluna e, em 2018, estava se recuperando de outra no pé. Chegou aos meus ouvidos que, após a eliminação para a Bélgica, ele disse ao Tite que o resultado seria outro se estivesse bem fisicamente. Neymar está fazendo um excelente início de temporada na França e tem potencial

para ser o melhor jogador da Copa. Torço muito para que isso aconteça.

Qual sua opinião sobre o VAR? Não podemos ir contra a modernidade, é importante ter o apito eletrônico. Mas precisa ser do jeito que é? Cinco minutos para ver se foi gol ou não? Em caso de impedimento, discute-se se o ombro do atacante está centímetros à frente do pé do zagueiro. O VAR é chato para caramba.

O senhor gosta de futebol, mas já disse que ama mesmo o automobilismo. Por quê? Na minha primeira transmissão pela Globo, no GP da África do Sul, errei o vencedor por causa das paradas nos boxes. Achei que era a última, mas o Boni me deu uma segunda chance. É preciso informação, proximidade e conhecimento para identificar a tática das equipes e traduzir o que está acontecendo na pista. Essa necessidade faz a coisa ser mais prazerosa do que no futebol.

O senhor já recebeu propostas para se candidatar a cargo público? Tive alguns convites, mas jamais pensei em me tornar político. Agora, tenho minhas convicções. Na juventude, participei ativamente do movimento estudantil e sei o que foram o golpe de 64 e a ditadura militar. Sou um democrata e, como tal, fico triste com essa polarização política atual.

As campanhas publicitárias se tornaram uma fonte de renda importante? Negociei minha liberação para fazer publicidade pessoalmente com Robertinho Marinho, e isso se tornou possível graças à separação entre esporte e jornalismo. Não sendo apelativo, sem envolvimento ideológico, não vejo problema em fazer.

Seu cachê é um dos mais caros do mercado? Só digo que ganho mais do que preciso e menos que mereço. ■

ÁGUA FRIA NOS PLANOS DO KREMLIN

“AO OLHAR PARA CIMA, nosso desejo era ver o céu azul. Hoje, quando olhamos para o alto, estamos procurando uma só imagem: a bandeira da Ucrânia. E nossa bandeira azul e amarela está hasteada na Izium desocupada.” Em seguida ao discurso emocionado, **o presidente ucraniano**

UCRÂNIA PRESIDENCIAL PRESS SERVICE/AFP

Volodymyr Zelensky postou-se sob a garoa fria, com a mão no peito, e viu o estandarte ser erguido no prédio da prefeitura, em meio aos destroços deixados pelo Exército russo em fuga após a liberação da cidade no nordeste da Ucrânia — uma derrota extraordinária do inimigo muito mais poderoso, que elevou os ânimos e trouxe nova esperança para o país invadido por Vladimir Putin há sete meses. Izium serviu de base de operações do Exército russo em sua ofensiva para conquistar a região de Donbas, no leste, uma operação ainda em andamento, que a retomada tanto da estratégica Izium quanto da vizinha Kharkiv, uma das principais cidades ucranianas, ameaça desmantelar. Diante do avanço das tropas de Zelensky, os soldados russos debandaram, deixando para trás mais de 100 tanques, blindados e pilhas de munição. O revés foi um jato de água fria para o Kremlin e repercutiu nos círculos do poder — mais de quarenta políticos assinaram uma petição exigindo "a renúncia de Vladimir Putin do cargo de presidente da Federação Russa". A Rússia está reagrupando suas forças e deve reagir, contando daqui algumas semanas com a chegada do poderoso general Inverno. Mas a Ucrânia mostrou — mais uma vez — que não pretende desistir sem antes brigar. ■

Amanda Péchy

LUCASFILM

FORÇA LATINA Luna como Cassian Andor na série: "As pessoas precisam se sentir conectadas com aquilo a que estão assistindo"

"ATUAR EM *STAR WARS* É UM PRESENTE"

Aos 42 anos, o ator mexicano fala sobre a diversidade nas telas e o prazer de retomar seu papel na franquia criada por George Lucas em *Andor,* série que chega ao Disney+ na quarta-feira 21

O rebelde personagem Cassian Andor surgiu em *Rogue One: uma História Star Wars* (2016). Como foi retornar ao papel seis anos depois? Foi ótimo, mas na série *Andor* ele se revela muito distinto de quem era no filme. Se eu fosse convidado para ficar fazendo a mesma coisa, seria chato. Agora, interpreto um homem cinco anos mais novo que o de *Rogue One*. Abre-se uma oportunidade para explorar coisas diferentes. A série nos permite mostrar lugares e situações inéditos. É um formato que nos dá liberdade para transitar entre vários gêneros: em certos momentos, pode ser um thriller político; em outros, uma trama de espionagem.

***Star Wars* é uma franquia com personagens diversos,**

com atores de todas as etnias, raças e cores. A indústria americana do cinema e da TV está mais aberta para atores latinos? Claro que sim. Mas não é porque o mundo está mudando e, sim, porque simplesmente as pessoas precisam se sentir conectadas com aquilo a que elas estão assistindo e se ver representadas na tela. Se você vive em um grande centro urbano, como a Cidade do México ou São Paulo, ouve sotaques diferentes, vê raças diferentes, as histórias precisam responder a isso também. Não acho que essa mudança seja algo a que devemos reagir dizendo: "Oh! Obrigado".

Por que não? Está acontecendo porque precisa acontecer. Se você quer ser relevante hoje, precisa falar sobre diversi-

dade, inclusive nos bastidores, com técnicos, maquiadores, diretores. Todo mundo trazendo novas perspectivas.

Andor não é um Jedi, apenas uma pessoa comum querendo fazer a diferença. Você já disse que a desigualdade social do México o inspirou a compor o personagem. Como isso se deu? Andor passa uma bela mensagem não só para o México, mas para vários outros países. É sobre as pessoas lutarem por aquilo em que elas acreditam que é certo e correndo riscos para que mudanças ocorram. A vida não é uma jornada particular, somos parte de algo maior. A série nos envia mensagens importantes, e acho válida essa conexão emocional que propõe.

***Star Wars* tem um público fanático. Sentiu uma responsabilidade maior por atuar em uma franquia tão celebrada?** É uma responsabilidade, mas também um lindo presente. Quero fazer o meu melhor e estou feliz porque é algo de que eu vou me lembrar pelo resto da minha vida. Muitas pessoas adoram a história que eu estou contando, por isso não vejo essa pressão. Eu encaro mais como uma bênção. ■

Felipe Branco Cruz

UMA VIDA NA FICÇÃO

QUIM LLENAS/GETTY IMAGES

ESTILO Javier Marías: escritor com uma bússola em mãos, e não um mapa

Em um ensaio de 2014, o escritor espanhol **Javier Marías** respondeu a uma pergunta que não queria calar — por que escrevia romances? A resposta: "Escrevê-los permite ao romancista viver boa parte de seu tempo instalado na ficção, seguramente o único lugar suportável". A ele parecia inviável, sobretudo nos dias atuais, levar a vida dentro de um smartphone, na ágora descontrolada das redes sociais, onde pululam "fofoqueiros e detratores, indivíduos ressentidos,

ociosos, e malignos, que com frequência procuram prejudicar os outros para combater sua frustração e sua mediocridade". Marías seguia no avesso dessa constatação, com uma prosa elegante, a um só tempo seca e emotiva, em que nem mesmo uma única vírgula parece fora do lugar.

Um dos mais celebrados autores contemporâneos espanhóis, escreveu dezesseis romances, entre eles *Coração Tão Branco, Os Enamoramentos*, *Assim Começa o Mal* e a trilogia *Seu Rosto Amanhã*. Seus livros foram traduzidos para mais de quarenta idiomas — ele mesmo, aliás, foi um respeitado tradutor. Uma de suas editoras, Pilar Reyes, revelou o método de trabalho sempre discreto de Marías. "Ele nunca falava de seus livros enquanto os escrevia, dizia ter começado algo, mas não sabia se levaria a algum lugar", afirma Reyes. "Mas se tinha um primeiro parágrafo, tinha um romance encaminhado. O primeiro parágrafo de seus romances tem tudo, embora ele mesmo se identificasse mais como um escritor com uma bússola do que com um mapa, descobria suas histórias na medida em que avançava." Eis, portanto, as linhas iniciais de *Coração Tão Branco*: "Eu não quis saber, mas soube que uma das meninas, quando já não era menina e não fazia muito voltara de sua viagem de lua de mel, entrou no banheiro, pôs-se diante do espelho, abriu a blusa, tirou o sutiã e procurou o coração com a ponta da pistola do próprio pai, que estava na sala de almoço com parte da família e três convidados". Marías morreu em 11 de setembro, aos 70 anos, em Madri. Havia contraído uma pneumonia.

O SUMIÇO DO CAPITÃO

NEWSDAY RM/GETTY IMAGES

CULPA Joseph Hazelwood: o comandante do Exxon Valdez

Em março de 1989, o petroleiro americano Exxon Valdez colidiu com arrecifes na baía Príncipe William, no Alasca. O resultado foram 42 milhões de litros de óleo derramados nas águas geladas do Pacífico Norte — em um dos mais vergonhosos acidentes ambientais da história. As cenas de pássaros mortos, cobertos de piche, comoveram o mundo. O erro foi atribuído ao comandante do navio, **Joseph Hazelwood.** Supostamente embriagado, ele tinha deixado o leme a cargo de um imediato. Hazelwood seria condenado a pagar multa de 50 000 dólares e 1 000 horas de trabalho comunitário. Nunca admitiu a culpa pelo episódio. Em uma entrevista concedida em 2009, ele pediu desculpas aos habitantes do Alasca, mas deixou a dúvida no ar: "A verdade não é tão vendedora e tampouco é fácil". Mais não disse. Ele morreu aos 75 anos em Long Island, de complicações de um câncer e Covid-19, em 22 de julho — mas a notícia só foi divulgada na semana passada. ■

FERNANDO SCHÜLER

A LIÇÃO MAIS DIFÍCIL

"QUEM VOTA no Bolsonaro não é gente", leio de um ativista, em meio ao torvelinho de ódio que tomou conta do debate político. De outro leio que "falar em fascismo é fichinha", e que "corremos o risco de regredir aos tempos da escravidão". Ainda outro é mais direto: "Ou você vota no Lula, ou nos nazistas". A opinião não parece ser apenas dessas figuras. Lula diz que as manifestações do 7 de Setembro "pareciam reunião da Ku Klux Klan", enquanto Bolsonaro garantia que as eleições são uma luta do "bem contra o mal" e que é preciso "extirpar" aquele "tipo de gente", casualmente seus adversários, da vida pública. Não é preciso ir muito mais longe para percebermos que passamos do ponto. A turma fica meio biruta em época eleitoral, mas a verdade é que nosso debate público se tornou uma caricatura. Passadas três décadas e meia da redemocratização, transformamos nossa democracia num inútil espetáculo de argumentos infantis misturados com ódio de gente grande.

A atual radicalização tem os ares de um velho conceito da ciência política: a distinção amigo-inimigo, feita por Carl Schmitt, o jurista alemão que se filiou ao Partido Nacional-Socialista, em 1933. É o oposto da racionalidade domesticada das de-

mocracias liberais, que resumem o debate político a um espaço delimitado, das visões sobre o país, dos adversários que competem pelo governo, e não pelo "poder". Que usam da palavra para argumentar, ajustam opiniões e têm a grandeza de entender que o outro é apenas um adversário igualmente legítimo. É esta, em última instância, a regra operacional da democracia liberal. A lógica amigo-inimigo é o oposto. O outro é o "pestilento", como li de um tipo esquisito em um grupo de WhatsApp. É igualmente inconfiável. Ele expressa um "risco existencial", como virou comum se escutar de tipos mais delirantes.

Para Schmitt, há um problema na natureza das democracias liberais. Ele reside justamente na sua fuga dos embates sobre os "mais altos valores" que definem a existência de um

povo. Schmitt via como um problema algo que a tradição liberal sempre buscou como virtude. A política de baixa intensidade, distante das questões existenciais, focada na proteção de direitos e na definição — em geral sem a menor graça — de políticas públicas. O curioso da atual polarização brasileira é seu aspecto farsesco. Cada lado do jogo atribui ao oponente um risco existencial. A oposição antibolsonarista talvez faça isso com mais requinte. O inimigo é um risco à democracia, dado que dará um "golpe", e inimigo da civilização, dado que é um "genocida". O governismo não faz diferente, com suas teorias delirantes sobre os riscos do "globalismo" e da "destruição dos valores" supostamente promovida pelo progressismo. A partir daí, a guerra permanente. O exato oposto da suave ideia liberal e sua recusa à dinâmica

DISPUTA O Brasil: argumentos infantis misturados com ódio de gente grande

existencial. A noção de que é preciso preservar espaços de despolitização nos terrenos da ética, da religião, da estética, cujo cultivo diz respeito aos indivíduos, e nunca ao Estado.

Se a retórica amigo-inimigo permanecesse apenas no plano dos grupos militantes, não me preocuparia muito. O risco é quando ela invade o universo das instituições de Estado. O terreno daqueles que detêm, na famosa frase de Weber, o "monopólio do uso legítimo da violência". É diferente que alguém seja "cancelado" por uma horda de militantes fanatizados, como aconteceu com pessoas notáveis, que vão de J.K. Rowling ao nosso Antonio Risério, e que um órgão de Estado mande prender ou banir da internet um cidadão

ANDREY POPOV/GETTY IMAGES

“A radicalização tem ares de um velho conceito: a distinção amigo-inimigo”

que subitamente se torna uma ameaça existencial à democracia a partir do juízo altamente subjetivo. Ambas as atitudes são condenáveis, mas a segunda tem o sabor schmittiano: o soberano decide o estado de exceção. E é inaceitável em uma democracia liberal.

Dias atrás li de um candidato que esta eleição não era uma discussão sobre quem iria governar, mas sobre o “regime de governo”. Exemplo perfeito do lado farsesco de nosso debate. Remete-se a um suposto conflito existencial aquilo que é apenas uma decisão sobre alternativas de governo, ambas devidamente limitadas pelo sistema de freios e contrapesos. Na prática, há duas agendas em disputa, que podemos facilmente identificar nas votações no Congresso. Coisas como o teto de gastos, a reforma da Previdência, trabalhista, a autonomia do Banco Central, o marco do saneamento ou a privatização da Eletrobras. Coisas perfeitamente não existenciais, e mesmo por isso aborrecidas, e talvez por isso distantes de nosso popularesco debate eleitoral. É evi-

dente que as pessoas podem eleger critérios distintos para votar. Eles podem ir da predileção por uma política pública até a mera antipatia pessoal. Lula falou em "serviço de mulher"? Bolsonaro disse que era "imbrochável"? Perfeito. Mover-se por questões pueris, ou "tribalizáveis", como me definiu um bom amigo, é um direito das pessoas e sempre fez parte da vida democrática. Coisa bem diferente é a lógica tóxica da inimizade política. A ideia de que "vamos virar uma Venezuela", curiosamente atribuída tanto a Lula como a Bolsonaro, ou a tese superdelirante de que viraríamos uma "Alemanha dos anos 30". Patética referência ao nazismo nos lembrando que qualquer razão argumentativa perdeu o sentido e que nos aproximamos perigosamente do fundo do poço.

Quem se preocupa de verdade com nossa democracia deveria dar um tempo para a retórica de fim de mundo que impera na epiderme da política, à esquerda e à direita. A lógica que deseduca, que serve de antessala à violência, ao baixo consenso na formulação de políticas e a perda progressiva de qualidade no debate democrático. Quem nos deu uma bela lição sobre essas coisas (pra variar) foi Barack Obama, naquele momento mais intenso do debate americano, após à vitória de Trump, em 2016. Descontraído, diante do choro e ranger de dentes de seus amigos democratas, ele assegurou não haver nada efetivamente "letal" em jogo nas eleições. Nenhuma luta de vida ou morte. Tudo se resumia, em última instância, a saber quem iria governar. Quem ganha comanda o jogo, por quatro anos, e quem perde vai para casa,

esfria a cabeça e pode voltar na próxima rodada. Foi exatamente o que aconteceu naquela grande democracia. E no Brasil também. Sociais-democratas, socialistas e conservadores não estiveram no poder? E não continuamos aqui, batendo boca? A cada rodada do jogo, há frustração, de um lado, e fogos de artifício, de outro. Ao longo do tempo, porém, todos ganham. A lição é simples, mas talvez exija algo muito difícil: a renúncia a um tipo de grandeza que a democracia liberal não pode oferecer. A sabedoria de aceitar o "inteiramente outro". De agir como o "animal doméstico", na exata contramão de Carl Schmitt, naquilo que diz respeito ao poder, sempre limitado, sempre transitório, como deve ser, em uma grande democracia. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

IBANEIS ROCHA

Com uma gestão bem avaliada, o governador do MDB do Distrito Federal pode ser reeleito em primeiro turno, segundo as últimas pesquisas.

COLDPLAY

O grupo inglês fez um dos maiores shows do último Rock in Rio e tem ingressos quase esgotados para uma temporada de seis apresentações em São Paulo.

SUCCESSION

Na edição 2022 do Emmy, a primorosa produção da HBO voltou a levar alguns dos principais prêmios, incluindo o de melhor série dramática.

DESCE

PENA DE MORTE

Segundo pesquisa do Ipec, há mais brasileiros contrários do que favoráveis à adoção desse tipo de medida: 49% a 42% (6% não tinham opinião a respeito e 3% não souberam responder).

PLANOS DE SAÚDE

As operadoras do setor registraram neste ano o primeiro prejuízo semestral da sua história: 691,6 milhões de reais.

TAYLOR SWIFT

A cantora foi derrotada na tentativa de brecar um processo por violação de direitos autorais e será julgada em 2023 por suposto plágio no hit *Shake It Off*, lançado em 2014.

ANGELA WEISS/AFP

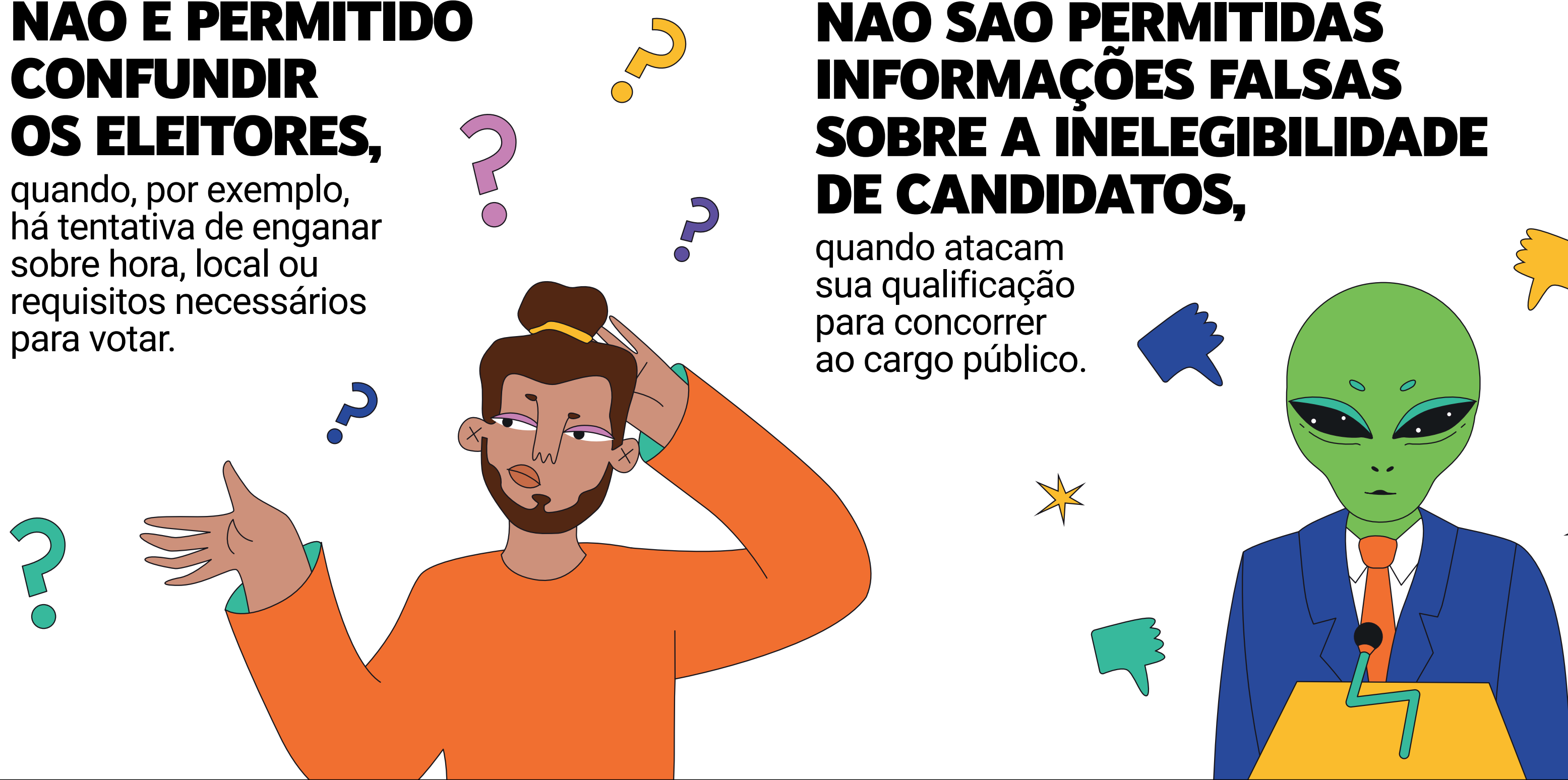
“Ser o número 1 do mundo é algo que sonho desde criança. Ser campeão de um Grand Slam foi algo para o qual trabalhei muito duro.”

CARLOS ALCARAZ, 19 anos, vencedor do Aberto dos Estados Unidos, o mais jovem tenista a chegar ao topo do ranking

“Se quiserem que eu jogue totalmente pelado, eu jogo. Não me importo. Eu sei que estou limpo.”

HANS NIEMANN, enxadrista americano de 19 anos, acusado de trapacear na vitória contra o norueguês Magnus Carlsen, campeão do mundo. A acusação, não comprovada: ele teria usado um dispositivo eletrônico para receber vibrações em código Morse

“É preciso tolerância e inteligência para não se separar. Para aceitar, por exemplo, que o êxito de uma mulher não pode ser interpretado como ataque contra um homem.”

JULIETTE BINOCHE, atriz de 58 anos, em seu terceiro casamento

“Depois das duas trágicas guerras mundiais, parecia que o mundo tinha aprendido a caminhar progressivamente em direção ao respeito aos direitos humanos, ao direito internacional, das várias formas de cooperação. Mas, infelizmente, a história mostra sinais de regressão.”

PAPA FRANCISCO, ao tratar da onda de populismo nacionalista pelo mundo

“Que me chamem de louco, de imbecil, de MacGyver, é uma coisa — outra é me acusarem de falso testemunho perante a Assembleia Nacional.”

DIDIER RAOULT, o infectologista francês defensor de tratamento precoce e da cloroquina – lembra dela? –, acusado de mentir numa comissão parlamentar de inquérito (na França, é claro)

NETFLIX

“Eu realmente acredito que ela estava muito perto de nós, ela estava conosco.”

ANA DE ARMAS, atriz cubana que faz Marilyn Monroe no filme *Blonde*, produzido pela Netflix e com estreia prevista para 16 de setembro

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia,
Lucas Vettorazzo e Ramiro Brites

Aliança institucional

Alexandre de Moraes e **Rodrigo Pacheco** se uniram para evitar que Jair Bolsonaro provocasse um novo estrago internacional na imagem do Brasil. É que o presidente não topou recepcionar observadores internacionais que virão ao país na eleição. A pedido de Moraes, então, Pacheco fará as honras.

Café e pão de queijo

O Programa de Convidados Internacionais tem noventa autoridades eleitorais de

ELEIÇÕES Moraes e Pacheco: ação conjunta para evitar vexame internacional

ANTONIO AUGUSTO/SECOM/TSE

trinta países. Chegará ao Brasil no dia 29 e não conhecerá o Planalto, mas será bem tratado no Congresso.

Por fora

A campanha de Bolsonaro tem tido pesadelos com Moraes. Há temor real de que as mensagens de empresários, em poder da Polícia Federal, revelem pagamento, via caixa dois, de eventos de campanha do presidente.

Velho método

Combustível para motociatas, ônibus com militância em eventos de Bolsonaro e outras despesas estariam nessa conta clandestina, segundo aliados.

Se tiver, vai aparecer

O primeiro relatório da PF sobre os achados nos celulares dos empresários bolsonaristas deve chegar a Moraes em uma semana aproximadamente.

"Alívio geral"

A ausência de Bolsonaro na posse de Rosa Weber no STF não foi sentida pelos integrantes do tribunal. Ao contrário. "Alívio geral que Bolsonaro não foi", diz um ministro.

Jogo diplomático

Quem ficou até o final da posse no STF — e tascou um longo abraço apertado em Rosa Weber — foi… Paulo Guedes.

O exército da Corte

O STF renovou recentemente um dos contratos do seu "batalhão de segurança", com 161 homens. A Polícia Judicial da Corte, ar-

mada até os dentes, que fique claro, é bem maior.

Novos ares

Denisse Ribeiro, a delegada da PF que investigou Bolsonaro e as milícias de *fake news,* vai atuar no STJ. Foi convidada pela presidente Maria Thereza.

Nervos à flor da pele

A reunião da Globo com representantes dos presidenciáveis sobre o último debate do primeiro turno teve tanta briga que até Ali Kamel teve de entrar na sala para pedir calma.

Milagre da goiabeira

Foi Damares Alves que convenceu Michelle a mergulhar na campanha do marido. "Ela percebeu que o presidente pode perder e entrou", diz um aliado.

Hora de passear

Ministros de Bolsonaro passaram a semana brigando por uma vaga no avião do presidente que irá ao funeral da rainha Elizabeth e a Nova York.

Mudança de tom

Na ONU, Bolsonaro fará um discurso eleitoral. Falará da compra de vacinas, queda do desemprego e da inflação, política para mulheres, combate às drogas e preço dos combustíveis.

Amigo do inimigo?

A diplomacia de Bolsonaro foi cobrada na ONU por ter recepcionado recentemente um chefe militar de Vladimir Putin no Rio de Janeiro.

Reforma do barulho

Bolsonarista briga por tudo mesmo. A reforma no 4º an-

dar do palácio criou salas com visão para a Praça dos Três Poderes. A guerra agora é para ver quem vai ocupar o espaço.

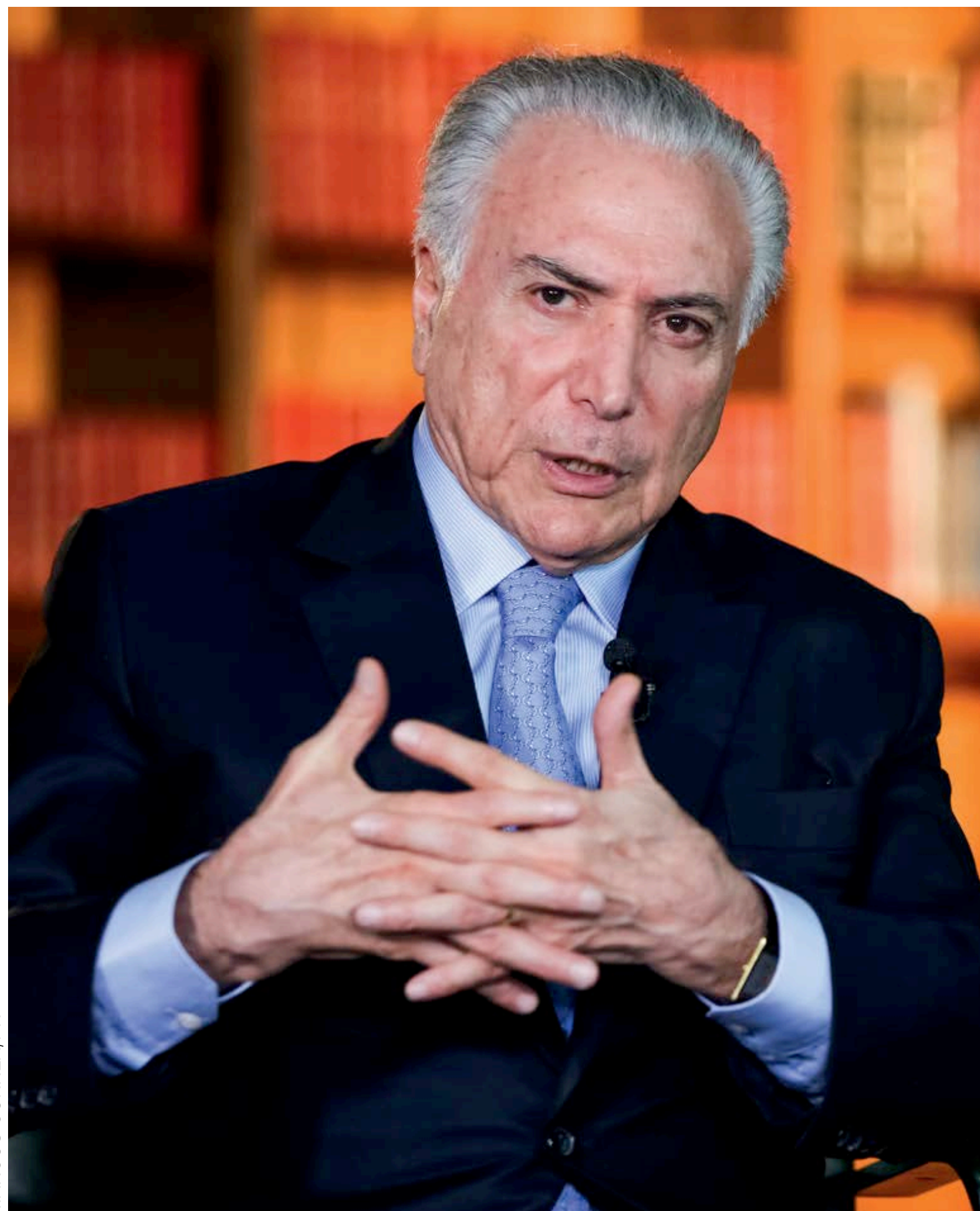
Foco no que importa

Na reta final, Simone Tebet vai focar nas falas sobre saúde, educação e combate à fome. É onde ela vai melhor nas pesquisas. Ciro Gomes que se cuide.

Ninho de traidores

Caciques de partidos de centro já conversam sobre o segundo turno. A turma deve migrar em peso para Lula. "Bolsonaro só deve ter o PL, o PP e parte do Republicanos", diz um deles.

Missão de paz

Em viagem aos Estados Unidos, **Michel Temer** deve ter um importante compromisso

MARCOS CORRÊA/PR

PARCERIA? Temer: o ex-presidente deve encontrar Lula em São Paulo

na volta ao Brasil: o seu primeiro encontro para falar de política com... Lula. A conversa foi encaminhada depois do reencontro na famosa posse de Moraes no TSE.

Artilharia judicial

A campanha de Lula acaba de romper a marca das 100

ações judiciais em curso no TSE por brigas eleitorais. Das 38 já julgadas, obteve trinta vitórias.

Fim da boquinha

A pedido de um ministro do STF, Paulo Guedes articula com Adolfo Sachsida para acabar com litígios da Agência Nacional de Petróleo com municípios por royalties. A ideia é evitar que advogados lucrem milhões em honorários.

Guerra da cevada

O Cade começou a investigar supostas práticas anticompetitivas da Ambev no mercado regional e nacional de produção e distribuição de cervejas.

Buraco sem fundo

O futuro reajuste do funcionalismo, outra bomba fiscal para 2023, avança silenciosamente no governo.

A conta vai chegar

A Caixa concluiu duas investigações preliminares e abriu processos contra dois ex-dirigentes por assédio sexual e moral. O caso de Pedro Guimarães ainda não chegou a essa fase.

No rastro da doleira

O MPF investiga funcionários do Bradesco que abriram contas bancárias usadas pela doleira Nelma Kodama para lavar dinheiro.

Fazendo a ponte

Geraldo Alckmin, Rui Falcão e o advogado Marco Aurélio de Carvalho atuam para aproximar Lula do bilionário grupo de empresários Esfera. Lula deve ter um almoço com a turma.

MASASHI HARA/GETTY IMAGES

SELEÇÃO CBF: reforço milionário no caixa com dois novos patrocinadores

Casa cheia

A Lide Brazil Conference, o evento de João Doria em Nova York com metade dos ministros do STF, em novembro, lotou. Todos os 140 lugares já foram reservados.

Bondade no cárcere

O STJ autorizou presos que tiveram de suspender atividades de estudo e trabalho na pandemia a abater o período ocioso da pena.

Que venha a Copa

Em lua de mel com a **seleção,** a CBF vai anunciar nos próximos dias a chegada de dois novos patrocinadores — local e internacional — que, juntos, aportarão 16 milhões de reais por ano no negócio. A entidade ainda fechou com a Globo para o Brasileirão e também renovou a cota master com o Itaú. ■

PEDRO FRANÇA/AGÊNCIA SENADO

SALDO A "Casa do Povo": os melhores momentos ocorreram quando houve atuação em bloco

ENTRE AVANÇOS E RETROCESSOS

A renovação recorde gerou a expectativa de um Congresso mais eficiente. Apesar da aprovação de medidas importantes, o resultado final do trabalho dos parlamentares é decepcionante

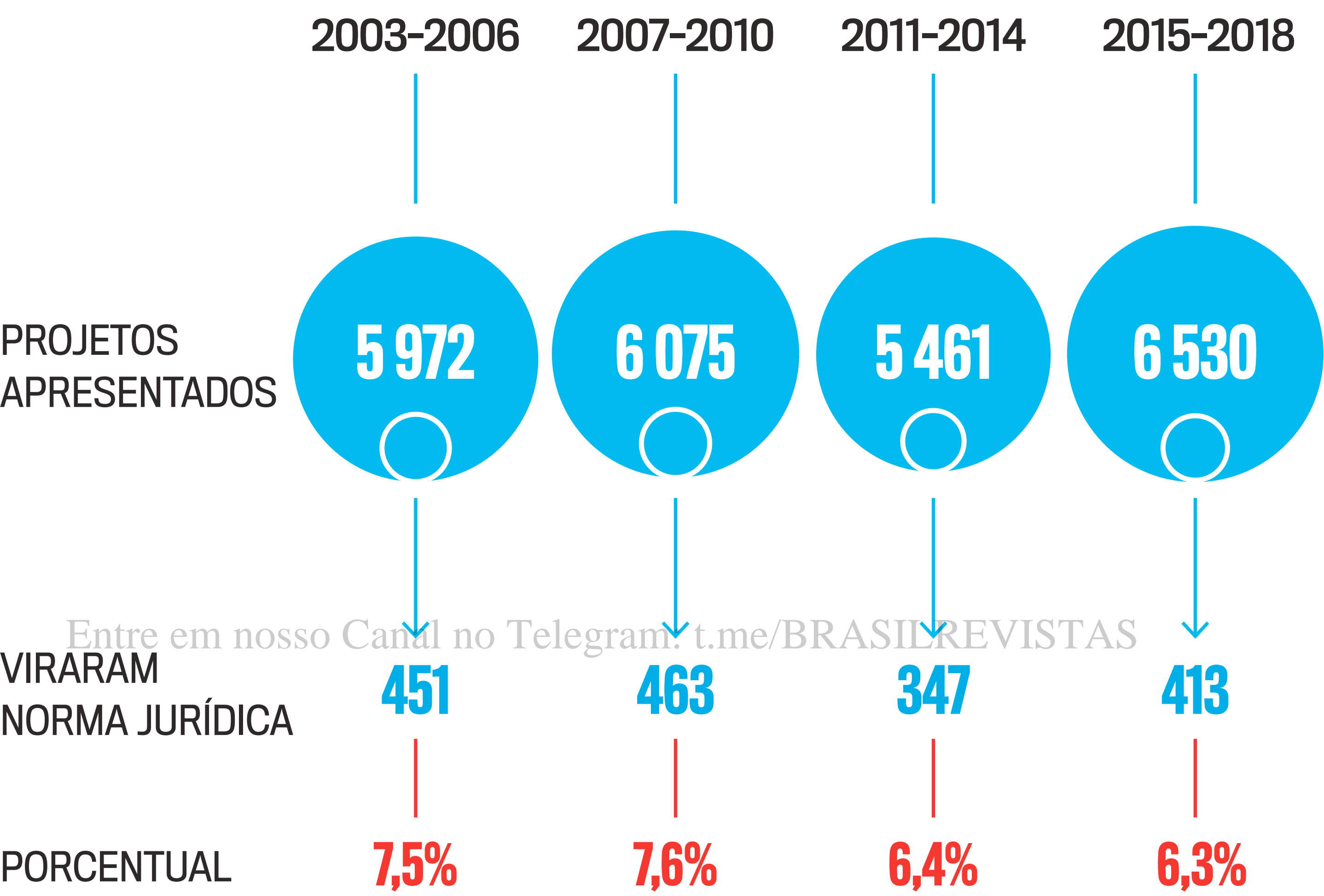
SÉRGIO QUINTELLA

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE SHUTTERSTOCK

Dos 513 deputados federais eleitos em outubro de 2018, quase metade (47,4%) nunca tinha pisado no Congresso Nacional na condição de parlamentar. O índice recorde de renovação ocorreu em um momento de descrédito do mundo político, potencializado pela Operação Lava-Jato, que produziu a onda que levou ao Palácio do Planalto o capitão do Exército Jair Bolsonaro — por ironia, um deputado de baixo clero, com sete mandatos consecutivos, que nunca produziu nada digno de nota nesse longo período. De qualquer forma, aqueles políticos, ungidos pelo sentimento de mudança nas urnas, produziram com seus novos rostos e ideias a expectativa de uma legislatura igualmente renovadora e transformadora. A fotografia tirada ao final do mandato, no entanto, retrata algo diferente, repetindo a tradição nacional de a chamada "Casa do Povo" oscilar muito entre acertos e retrocessos. Considerando-se o contexto em que a maioria chegou ao local, é inegável o sabor de frustração.

Na análise dos trabalhos realizados nos últimos três anos e meio, ainda que aos trancos e barrancos, é verdade que o Congresso teve o mérito de aprovar medidas importantes. Enquanto atuaram em bloco, os deputados conseguiram aprovar projetos fundamentais como a reforma da Previdência, a independência do Banco Central, a privatização da Eletrobras e os marcos legais de gás e saneamento básico *(veja o quadro na pág. 23)*. Em todos esses casos, as iniciati-

MUITO BARULHO POR NADA

A Câmara tem recorde de projetos, mas pouca efetividade

vas chegaram pelas mãos do Executivo, mas propostas polêmicas como a venda de uma estatal relevante ou mudanças no sistema de aposentadorias não teriam tramitação fácil no Legislativo se não houvesse a articulação cuidadosa e persistente de algumas de suas lideranças. Ao mesmo tempo, porém, os parlamentares falharam ao não conseguir levar adiante outras prioridades nacionais, como as reformas tributária e administrativa.

Se o trabalho em grupo produziu alguns resultados relevantes, o mesmo não pode ser dito da atuação individual dos parlamentares. Segundo um mapeamento recente feito pela plataforma Legisla Brasil, quase oito em cada dez deputados (77%) tiveram desempenho fraco ou mediano quando foram analisados os seus trabalhos com base em quatro indicadores: produção legislativa (e relevância dos projetos), fiscalização, mobilização e alinhamento

FORAM MAL

- Oficialização do calote com a PEC dos Precatórios
- Aval ao estouro do teto de gastos (“PEC das Bondades”)
- Flexibilização da lei de improbidade administrativa
- Aumento do Fundo Eleitoral, de 2 bilhões de reais, para 4,9 bilhões de reais
- Omissão sobre mais de 140 pedidos de impeachment de Bolsonaro

- Reformas administrativa e tributária travadas
- Ampliação do “orçamento secreto”, de 2,7 bilhões de reais em 2019, para 16,5 bilhões de reais em 2022

Fonte: *Câmara dos Deputados*

partidário. Dos 513 deputados, apenas 57 foram considerados cinco-estrelas (com notas gerais maiores de 5,3, em uma escala de 0 a 10). “A nota média dos deputados é muito baixa, assim como a produtividade individual foi baixa, porém o Congresso desde 2019 foi mais atuante em alguns pontos, como durante a pandemia, em que tomou a frente de várias medidas”, afirma Luciana Elmais, uma das idealizadoras do estudo.

O Índice Legisla Brasil não é o primeiro a fazer esse tipo de estudo, mas, ao contrário de outros, como o Ranking dos Políticos (de viés liberal) e o Diap (ligado a sindicatos de trabalhadores), busca fazer a avaliação sem filtro ideológico. Tanto que a lista de cinco-estrelas tem políticos de orientações distintas, como Alexandre Padilha (PT-SP), Kim Kataguiri (União-SP), Paula Belmonte (Cidadania-DF), Tabata Amaral (PSB-SP) e Capitão Alberto Neto (PL-AM). Infelizmente, porém, conforme mostra o trabalho do Legisla Brasil, eles são exceções. Na ponta mais baixa do ranking figuram parlamentares "duas-estrelas", a exemplo de Aécio Neves (PSDB-MG) e Marco Feliciano (PL-SP).

Há vários fatores que explicam a aparente contradição entre parlamentares ineficientes e, no conjunto, um Congresso com momentos de brilho, como quando foi capaz de levar adiante uma robusta reforma da Previdência, algo que as antigas legislaturas fracassaram ao longo de décadas. Uma das principais razões da baixa performance foi justamente a falta de experiência da maioria, que chegou à "Casa do Povo" sem ter noção alguma do funcionamento do Congresso e do que é necessário fazer para executar bem os trabalhos de fiscalização e de proposição de leis, entre outros. Esse tipo de imaturidade fica evidente diante do fato de que, até aqui, os atuais parlamentares apresentaram cerca de 17 000 projetos, sendo que desse total apenas 188 viraram alguma norma jurídica, um índice de 1,1%, o pior desde 2003, na comparação com os últimos Congressos. Trata-se de uma prova cabal de que

WESLEY AMARAL/CÂMARA DOS DEPUTADOS

PAULO SERGIO/CÂMARA DOS DEPUTADOS

grande parte deles perde tempo defendendo ideias irrelevantes — ou, na hipótese mais benigna, quando a proposta faz algum sentido, eles se mostram incapazes de convencer os demais colegas de sua importância. Esse poder de articulação política conta muitos pontos no cômputo de eficiência. "As funções dos deputados são compartilhadas e divididas. Há parlamentares que vão ser mais relevantes para seu eleitorado obstruindo sessões. Outros vão encabeçar projetos importantes que vão tomar tempo de boa parte da legislatura, como a relatoria de alguma PEC", destaca Graziella Testa, doutora em ciência política da FGV.

Outro ponto fundamental na análise do atual Congresso é o fato de que a Casa viveu no período duas épocas bastante

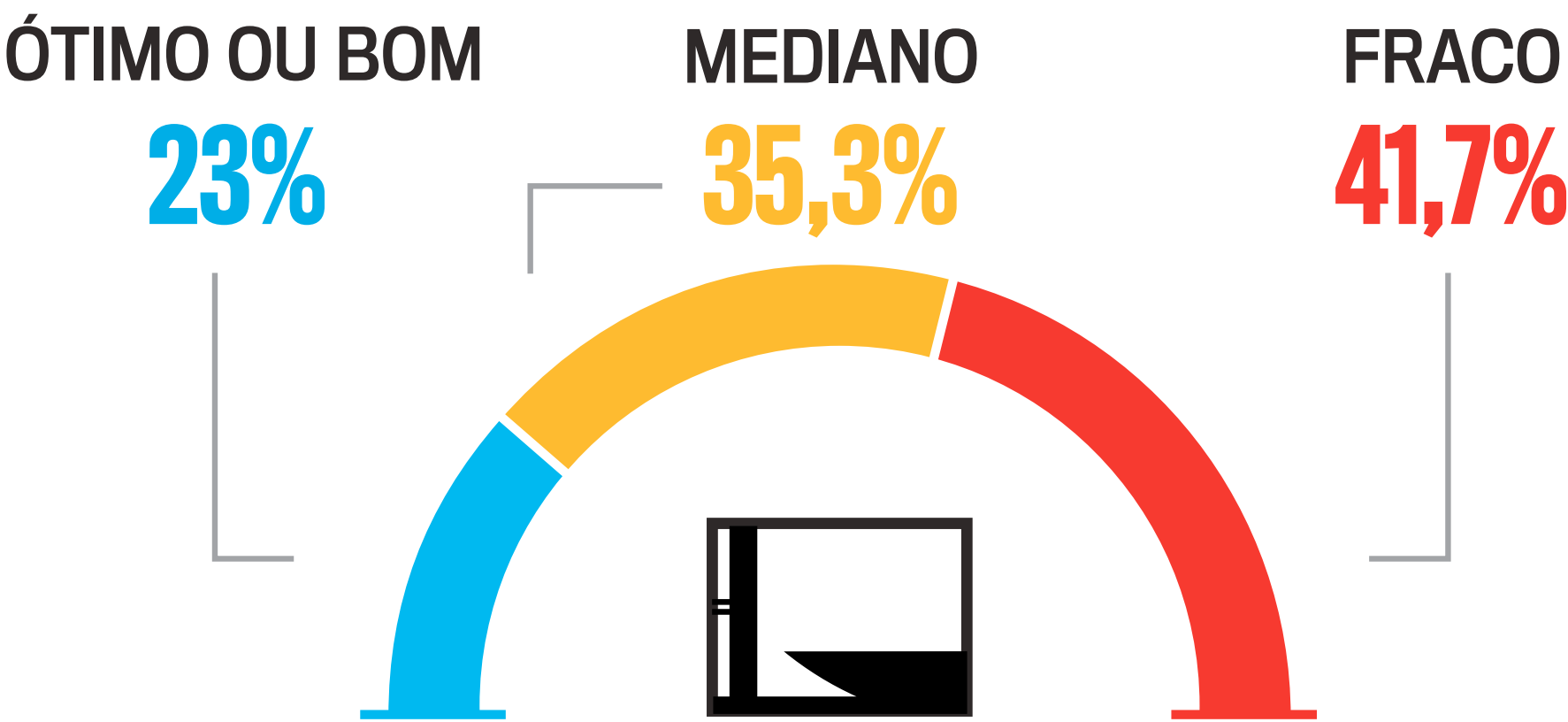
NILSON BASTIAN/CÂMARA DOS DEPUTADOS

OS MELHORES Erika Kokay (PT-DF), André Figueiredo (PDT-CE) e Kim Kataguiri (União Brasil-SP): os mais bem avaliados em produtividade pelo Legisla Brasil

distintas. Na primeira metade da atual legislatura, a relação entre o Poder Excecutivo e o presidente da Casa, Rodrigo Maia (então no DEM, hoje no PSDB), foi marcada por um estado de permanente tensão. Com postura independente, Maia protagonizou várias trombadas políticas com o presidente e algumas caneladas com sua equipe, em especial o ministro Paulo Guedes (Economia), mas teve frieza e competência para conduzir projetos importantes, em especial a reforma da Previdência. Sem a atuação do deputado, o governo Bolsonaro, com uma base política risível, liderada por radicais estreantes sem peso político algum, jamais teria conseguido aprovar a mudança. Foi com Maia também que o governo conseguiu passar a independência do Banco Central, peque-

BAIXA PERFORMANCE

Notas médias reprovam parlamentares em três quesitos

DESEMPENHO DOS DEPUTADOS

NOTAS MÉDIAS
(Em uma escala de 0 a 10)

→ PRODUÇÃO LEGISLATIVA

(capacidade de propor projetos de lei e substitutivos, relatorias exercidas e presença em plenário)

Nota média: 3,3

Melhores deputados:

Deputado	Nota
KIM KATAGUIRI (UNIÃO BRASIL-SP)	9
ERIKA KOKAY (PT-DF)	8,5
ANDRÉ FIGUEIREDO (PDT-CE)	8,3
LUIS MIRANDA (REPUBLICANOS-DF)	8,2
EDUARDO BISMARCK (PDT-CE)	8,2

→ FISCALIZAÇÃO

(requerimentos feitos ao Executivo e propostas de auditoria e controle)

Nota média: 1,3

Melhores deputados:

Deputado	Nota
ELIAS VAZ (PSB-GO)	6
ALESSANDRO MOLON (PSB-RJ)	5,6
ERIKA KOKAY (PT-DF)	5,5
ENIO VERRI (PT-PR)	4,9
BOHN GASS (PT-RS)	4,7

→ MOBILIZAÇÃO

(cargos ocupados na legislatura e capacidade de cooperação com outros agentes políticos)

Nota média: 3

Melhores deputados:

Deputado	Nota
ERIKA KOKAY (PT-DF)	7,5
CARMEN ZANOTTO (CIDADANIA-SC)	6,8
ROGÉRIO CORREIA (PT-MG)	6,6
PAULA BELMONTE (CIDADANIA-DF)	6,6
PAULO TEIXEIRA (PT-SP)	6,4

Fonte: *Índice Legisla Brasil*

nas reformas na legislação trabalhista e enfrentar os primeiros — e incertos — tempos da pandemia. "Foram dois anos de independência da Câmara. Tivemos uma agenda, apesar de o governo não ter pauta do ponto de vista de modernização do Estado, e conseguimos comandar a pauta com o apoio dos líderes", relembra Maia, que está licenciado, é secretário no governo de São Paulo e nem vai tentar a reeleição a deputado.

A ajuda que Maia deu ao presidente não foi suficiente para demover o chefe do Executivo de trabalhar para tirá-lo do cargo. Bolsonaro investiu pesado na construção de uma aliança com o Centrão, jogou fora o seu discurso contra a velha política, entregou as chaves de boa parte dos cofres e ajudou a empossar Arthur Lira (PP-AL) no comando da Câmara. Começava assim, em fevereiro de 2021, uma nova fase da atual legislatura. Além de ser fiador do governo, Lira, junto com seu grupo, avançou para garantir mais nacos de poder e começar a governar o país juntamente com o Executivo. O pacote incluiu a aprovação de medidas importantes, como a privatização da Eletrobras, mas também iniciativas para fortalecer os deputados, como a ampliação das emendas de relator, o "orçamento secreto", que saltou de 2,7 bilhões de reais em 2019 para 16,5 bilhões de reais em 2022. Também acenou aos partidos — ao elevar o Fundo Eleitoral para 4,9 bilhões de reais na atual eleição — e à classe política em geral, ao aprovar projetos que dificultam a punição dos malfeitos da classe, como a revisão da lei de improbidade administrativa (que passou a punir apenas se o político

INSTAGRAM @AECIONEVESOFICIAL

TOMZÉ FONSECA/FUTURA PRESS

tiver tido a "intenção" de alcançar um resultado ilícito). O pacote de Lira anabolizou a sua relevância política, mas também a do cargo que ocupa e da Casa que preside. "Há um movimento de mudança na relação entre os poderes no Brasil. A principal maneira de ver isso é pelo Orçamento", diz Carlos Ranulfo Melo, pesquisador do Centro de Estudos Legislativos da Universidade Federal de Minas Gerais.

Além de ter sido comandada por duas cabeças completamente diferentes, a atual legislatura é também histórica por um motivo especial: tanto com Maia quanto com Lira, a pandemia, a partir de março de 2020, marcou o trabalho do Congresso. Com sessões presenciais suspensas, as votações passaram a ser virtuais, o que deu ganho de celeridade às matérias.

REPRODUÇÃO

OS PIORES Aécio Neves (PSDB-MG), Marco Feliciano (PL-SP) e Tiririca (PL-SP): com duas estrelas, deputados tiveram as piores avaliações na atual legislatura

A prática é alvo de crítica da oposição. "Como não precisava estar presente no plenário, havia votações que eram marcadas para 1 hora da manhã e tinha mais de 500 deputados presentes. Quem disse que eles estavam lá?", questiona Ivan Valente (PSOL-SP), deputado há sete mandatos consecutivos. A prática do sistema remoto vigora até hoje e retirou um dos principais mecanismos da oposição: a obstrução. "Isso prejudicou muito os debates. Fazer debate pela internet é muito rebaixado, nossa obstrução se resume a formular requerimentos de discussão e retirada de pautas", afirma. Ex-todo-poderoso da Câmara e tentando retornar ao Congresso após um longo período na cadeia, Eduardo Cunha (PTB-SP) afirma que a votação remota foi uma prática tentada em sua gestão, mas não aceita

pelos deputados. “Não pode ser um instrumento de momento, tem de facilitar a vida da maioria. Precisa ser mantido”, diz.

O fato de os deputados da oposição perderem força e voz nas votações tem levado ao aumento da judicialização de matérias legislativas. O orçamento secreto foi suspenso pela ministra — e agora presidente — do Supremo Tribunal Federal, Rosa Weber, em resposta às ações apresentadas por PSOL, Cidadania e PSB, que, somados, têm apenas 39 deputados. A magistrada depois decidiu pela liberação, decisão referendada pelo plenário da Corte. O aumento bilionário do Fundo Eleitoral também foi parar no Supremo, questionado pelo Novo, que tem oito parlamentares. O STF manteve o valor, por 9 votos a 2. A judicialização da política ocorre ainda, muitas vezes, por omissão do Legislativo. Em abril de 2021, o ministro Luís Roberto Barroso determinou que o Senado instalasse a CPI da Pandemia, contrariando a postura do presidente da Casa, Rodrigo Pacheco, que havia descartado a abertura da comissão. O colegiado investigou a ação do governo federal na pandemia e jogou luz sobre a negligência em relação à compra de vacinas. “Menor e cada vez mais derrotada em seus pleitos, a oposição sai do Congresso e fica ajuizando tudo o que pode no STF. E o presidente da República sai do eixo e passa a chamar o Supremo de comunista, inflando seu eleitorado”, afirma o cientista político Humberto Dantas, diretor do Movimento Voto Consciente. “Veja o tamanho da confusão quando, na verdade, a oposição queria só anular ou retardar uma votação.”

DANIEL MARENCO/AG. O GLOBO

EMOÇÃO O choro de Maia após a aprovação da reforma da Previdência: momento alto da produção dos parlamentares

O aumento do protagonismo do Congresso na segunda metade do mandato de Bolsonaro, que transformou Lira em uma espécie de primeiro-ministro do governo, acendeu o sinal de alerta dos candidatos ao Palácio do Planalto. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), líder das pesquisas, tem demonstrado preocupação sobre como o Executivo pode recuperar o controle do Orçamento, sem fustigar o Centrão, que deve continuar sendo importante nas votações decisivas, independentemente de quem chegar à Presidência. Hoje, os partidos que formam a coligação de

ALAN SANTOS/PR

FESTA Leilão da Eletrobras: Bolsonaro e Guedes celebram a venda de ações na bolsa de São Paulo

Lula somam 120 deputados na Câmara. O número é insuficiente até para aprovar projetos que exigem maioria simples — uma emenda à Constituição (PEC) precisa de 308 votos. A estratégia mais óbvia passa por aumentar o tamanho da bancada na eleição, necessidade que Lula tem ressaltado com frequência nas redes sociais, no horário eleitoral e nos atos públicos. O presidente, no entanto, também aposta na sua capacidade de negociação com os partidos — há quem diga que ele não fecha as portas nem mesmo para uma aproximação com Lira.

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

FREIO Rodrigo Pacheco: o Senado foi contraponto à Câmara bolsonarista

MAIS CARO E COMBATIVO

Enquanto na Câmara o governo federal navegou nos últimos tempos sob o vento favorável da maioria que conquistou (com ajuda decisiva da distribuição de dinheiro via orçamento secreto), o cenário no Senado foi de turbulência permanente. Bolsonaro estava na cadeira fazia apenas seis meses quando os políticos de lá lhe apresentaram um indigesto cartão de visitas: votaram por anular o decreto em que o presidente havia flexibilizado a posse e o porte de armas no país, uma de suas promessas de campanha. De lá para cá, ele ainda viu o Senado rejeitar a medida provisória da "minirreforma trabalhista", dar um chá de cadeira de quase cinco meses em um dos nomes que indicou ao STF, André Mendonça,

derrotar o então líder do governo, Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE), na eleição ao Tribunal de Contas da União e — talvez o golpe mais duro — instalar a CPI da Pandemia. "A correlação de forças nunca foi favorável a Bolsonaro. E isso foi muito eloquente na CPI, onde o governo estava em minoria e criou-se o chamado G-7", diz o senador Renan Calheiros (MDB-AL), referindo-se à maioria oposicionista na CPI. O emedebista foi o relator da comissão e atribuiu ao presidente nove crimes. Eleito com apoio do Palácio e de partidos de esquerda como o PT, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), também barrou um pedido de Bolsonaro pela abertura de impeachment do ministro do STF Alexandre de Moraes, seu desafeto.

Em dados do próprio Senado, se comparada às duas legislaturas anteriores, esta foi a que menos aprovou matérias enviadas pelo Planalto: 168, número equivalente a 16,2% das 1 032 aprovadas na Casa desde 2019 — entre 2015 e 2018 foram 169 (17,5%) e entre 2011 e 2014, 203 (17,1%). Apesar da pandemia, o Senado elevou levemente nos últimos quatro anos o número de matérias apreciadas em relação ao quadriênio anterior (1 441 a 1 426). Por outro lado, o trabalho dos senadores está mais caro: as despesas da Casa, que haviam sido de 13,3 bilhões de reais entre 2011 e 2014 e de 15,8 bilhões de reais de 2015 a 2018, bateram os 18,2 bilhões de reais entre 2019 e 2022.

João Pedroso de Campos

Ainda é cedo para saber qual Congresso sairá das urnas na eleição deste ano. Mas é razoável imaginar que ele não deverá ter um alto grau de renovação como o de 2018, até mesmo porque as forças políticas em torno dos dois favoritos, Lula e Bolsonaro, abarcam três de cada cinco deputados atuais. Mas há quem tente. Entre as novidades está o 200+, um movimento suprapartidário que tenta eleger parlamentares baseado em bandeiras que vão na contramão do Legislativo atual, muitas herdadas do lavajatismo. Entre elas estão a redução significativa do Fundo Eleitoral, o fim do orçamento secreto, a extinção do foro privilegiado para políticos e a prisão após condenação em segunda instância. “O Congresso teve alguns retrocessos em relação ao combate à corrupção, e isso impacta diretamente a vida dos cidadãos”, afirma Luciana Alberto, cofundadora do grupo, que tem entre seus expoentes o ex-procurador Deltan Dallagnol, agora candidato a deputado pelo Podemos.

As votações para o Congresso, embora fundamentais, sempre mobilizaram pouco o eleitor brasileiro e atraem interesse menor que as disputas para a Presidência e os governos estaduais. Pesquisa Datafolha de agosto mostrou que 64% dos entrevistados não se lembravam em quem havia votado para deputado federal em 2018. Levando-se em conta os enormes desafios sociais e econômicos que o país terá pela frente, é preciso que os brasileiros dediquem muito mais atenção a essa importante escolha. ■

Com reportagem de Victoria Bechara

O ESCUDO DO PRESIDENTE

O general Braga Netto faz campanha distante dos holofotes, cumpre missões específicas e, se eleito vice-presidente, terá uma função curiosa no governo Bolsonaro **LEONARDO CALDAS**

NA RETAGUARDA Braga Netto: discreto, avesso a badalações, sem ambições de poder e disciplinado

RODNEY COSTA/O TEMPO

À EXCEÇÃO dos filhos e da esposa, se existe uma pessoa em quem Jair Bolsonaro realmente confia é o general Braga Netto. O presidente, como se sabe, é suscetível a teorias da conspiração. Acredita até hoje que o garçom que tentou matá-lo com uma facada na campanha de 2018 era parte de um plano arquitetado pela esquerda para evitar sua eleição. Como o atentado não deu certo, as engrenagens dessa poderosa mão invisível agora estariam agindo para burlar o processo eleitoral — daí a insistência do presidente em colocar sob suspeita o aparato eletrônico de votação. Caso consiga a reeleição, Bolsonaro não tem dúvida de que incursões ainda mais pesadas podem ser postas em prática para sabotar o segundo

mandato. A escolha de Braga Netto para compor sua chapa como candidato a vice-presidente tem muito a ver com essas obsessões do ex-capitão.

Discreto, avesso a badalações, neófito na política, sem ambições de poder e, acima de tudo, disciplinado, Braga Netto reúne boa parte dos atributos que Bolsonaro considera como ideais para ter em sua retaguarda. O general esteve por mais de quatro décadas nas Forças Armadas, onde ocupou os mais relevantes postos de comando, encerrando a carreira em 2020 como chefe do Estado-Maior do Exército. Em fevereiro daquele ano, ainda na ativa, foi convidado e aceitou assumir a chefia da Casa Civil, uma das pastas mais importantes do governo. A relação entre ele e o presidente teria sido construída a partir desse instante, ao contrário de

CÉSAR ITIBERÊ/PR

uma versão que circula em Brasília desde o início do governo. Em 2018, Bolsonaro liderava as pesquisas de intenção de voto. Na época, o Ministério Público investigava em segredo o esquema das rachadinhas na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro que envolvia, entre outros personagens, o então deputado Flávio Bolsonaro. Diz a lenda que a operação policial que traria à tona o escândalo estava programada para acontecer entre o primeiro e o segundo turno da eleição presidencial, mas acabou abortada depois que o então candidato a presidente foi informado do que estava prestes a ocorrer com o intuito de prejudicá-lo.

TWITTER @MINLUIZRAMOS

ASCENSÃO O general: interventor no Rio durante o governo Michel Temer e chefe da Casa Civil na gestão Bolsonaro

Braga Netto ocupava, nessa mesma época, a função de interventor federal na segurança pública do Rio. A narrativa atribui ao general a responsabilidade pelo desmonte da "armação política" que estava sendo gestada — e esse seria o verdadeiro ponto de partida da relação entre ele e o presidente. O agora candidato a vice garante que essa história não passa de lenda, uma invencionice que nada tem a ver com a decisão de Bolsonaro escolhê-lo para compor a chapa — decisão, aliás, tomada à revelia da ala política do governo, que preferia a ex-ministra da Agricultura Tereza Cristina para o posto. Ligada ao agronegócio e ao meio empresarial,

Tereza certamente seria importante para conquistar votos em nichos onde o presidente encontra resistências, como no eleitorado feminino. Já o general não tem carisma, não tem nenhum apelo eleitoral e nem agrega novos apoiadores. Mas, na lógica de Bolsonaro, o papel dele é considerado imprescindível num eventual segundo mandato. Braga Netto, diz o presidente, vai funcionar como o "seguro contra impeachment" — a garantia de que o ex-capitão, caso seja reeleito, estará protegido dos inimigos ocultos que farão de tudo para impedi-lo de governar até o fim de 2026.

No imaginário de Bolsonaro, ele não teria concluído o mandato caso o general Hamilton Mourão não fosse o seu vice-presidente. Apesar das divergências provocadas pelas

posições antagônicas entre os dois, o presidente reconhece que seus adversários nunca avançaram em direção ao impeachment graças, em parte, à lealdade do próprio Mourão. Braga Netto seria a renovação desse "seguro", com direito a bônus. O candidato a vice tem ascendência sobre os militares e já deu demonstrações de força quando estava no governo. Durante a CPI da Pandemia, os senadores tentaram convocar o general, então ministro da Casa Civil, a prestar depoimento sobre o atraso da compra de vacinas. Braga Netto fez chegar aos parlamentares a informação de que poderia ignorar a convocação. O recado foi acompanhado de uma pergunta em tom de desafio: em caso de descumprimento da intimação, alguém ousaria tentar buscá-lo dentro do Palácio do Planalto? Os senadores, na dú-

vida, preferiram não responder, desistiram da ideia de ouvir o general e nunca mais tocaram no assunto.

No ano passado, em outro episódio cheio de simbolismo e tão delicado como o anterior, Braga Netto foi convidado a assumir o Ministério da Defesa no lugar do general Fernando Azevedo, que foi demitido pelo presidente após se recusar a substituir o comandante do Exército, Edson Pujol, com quem Bolsonaro acumulou episódios de irritação e constrangimento — durante uma solenidade no auge da pandemia, Pujol se negou a cumprimentar o presidente com um aperto de mãos, preferindo estender o cotovelo, seguindo o protocolo das autoridades sanitárias para evitar o contágio da Covid-19. Mas, ao fazer esse gesto, o general acabou, como se diz, deixando o presidente no vácuo. No primeiro ato à frente como ministro da Defesa, Braga Netto aceitou sem pestanejar o pedido de demissão de Pujol e de toda a cúpula militar, dando mais uma demonstração de fidelidade ao ex-capitão. É isso que Bolsonaro espera do seu vice — quase nada a mais.

EVANDRO LEAL/AG. ENQUADRAR/AG. O GLOBO

LIÇÃO Mourão: o atual vice-presidente serviu de barreira contra o impeachment

MARCOS CORRÊA/PR

COTOVELADA Pujol: o ex-comandante do Exército constrangeu Bolsonaro

No início da semana, o general esteve em Belo Horizonte, sua terra natal, dando continuidade a sua até agora discretíssima campanha. No segundo maior colégio eleitoral do país, ele foi ao mercado, comprou queijo e tirou fotos com alguns poucos apoiadores. À noite, esteve com lideranças locais e diversos representantes de prefeitos à beira de um fogão a lenha. Ouviu apelos variados, que incluíam o avanço de promessas que ficaram para trás no primeiro mandato de Bolsonaro, como a aprovação das reformas tributária e administrativa. Braga Netto costuma levar aos compromissos um punhado de planilhas com dados econômicos. Usa o material para mostrar aos espectadores quanto o Brasil

avançou nos últimos tempos, especialmente em relação às políticas de combate à inflação e ao desemprego. Ao mesmo tempo, alerta sobre o risco da volta da esquerda ao poder, citando os últimos acontecimentos na Argentina e no Chile. Um detalhe curioso. Na segunda-feira, logo depois de uma reunião com empresários mineiros, na qual o general advertiu mais uma vez do risco de retrocesso econômico caso o PT vença as eleições, alguém que estava na plateia pegou o microfone e convocou os presentes a doar para campanha bolsonarista. Não é a primeira vez que isso acontece, embora Braga Netto, ao menos oficialmente, nada tenha a ver com a arrecadação de recursos.

Em busca de uma repaginada na imagem sisuda, o gene-

ral também se rendeu recentemente às redes sociais. A conta dele no Twitter, por meio da qual divulga alguns compromissos de campanha, tem pouco mais de 130 000 seguidores — a de Geraldo Alckmin, o candidato a vice do ex-presidente Lula, já acumula mais de 1 milhão. A pouca exposição nas redes faz sentido. Braga Netto não gosta de expor a vida privada. Fica irritado quando isso acontece e pede sempre aos amigos que apaguem ou não postem fotos captadas em ambientes particulares. Seus hábitos também são simples. Antes da campanha, ele se reunia todas as semanas com um grupo de oficiais num restaurante em Brasília. Fora isso, costumava passear sozinho com dois buldogues franceses — Jack e Daniels. Daniels morreu. Sem nenhuma cerimônia, também frequentava a padaria da quadra e, católico,

SERGIO LIMA/AFP

ENFRENTAMENTO CPI da Pandemia: o então ministro ameaçou ignorar a convocação dos senadores para depor

sempre que podia participava da missa dominical numa paróquia próxima ao seu apartamento. Tem faltado tempo ao candidato a vice para passeios em sua Harley-Davidson, partidas de vôlei no clube e treino de judô — ele é faixa preta. Na quarta-feira 14, o general, que tem 65 anos, confidenciou a um assessor que estava exausto. Por recomendação do presidente, as viagens do vice são realizadas em voos comerciais. Afinal, jatos particulares, além de muito caros, são perigosos. Bolsonaro nunca se convenceu de que foi obra do acaso o acidente aéreo que matou o ex-governador Eduardo Campos na campanha presidencial de 2014. ■

ALAN SANTOS/PR

ESTRATÉGIA O governador Romeu Zema e Bolsonaro: o distanciamento entre os antigos aliados é apenas aparente

TEATRO DE OPERAÇÕES

Candidatos à Presidência concentram as atenções e os esforços em Minas, o palco que pode definir quem será o próximo presidente da República

MARCELA MATTOS E **RICARDO CHAPOLA**

RICARDO STUCKERT

DIANTEIRA Kalil e Lula: o ex-prefeito e o ex-presidente apostam na eficácia do discurso dirigido aos mais pobres

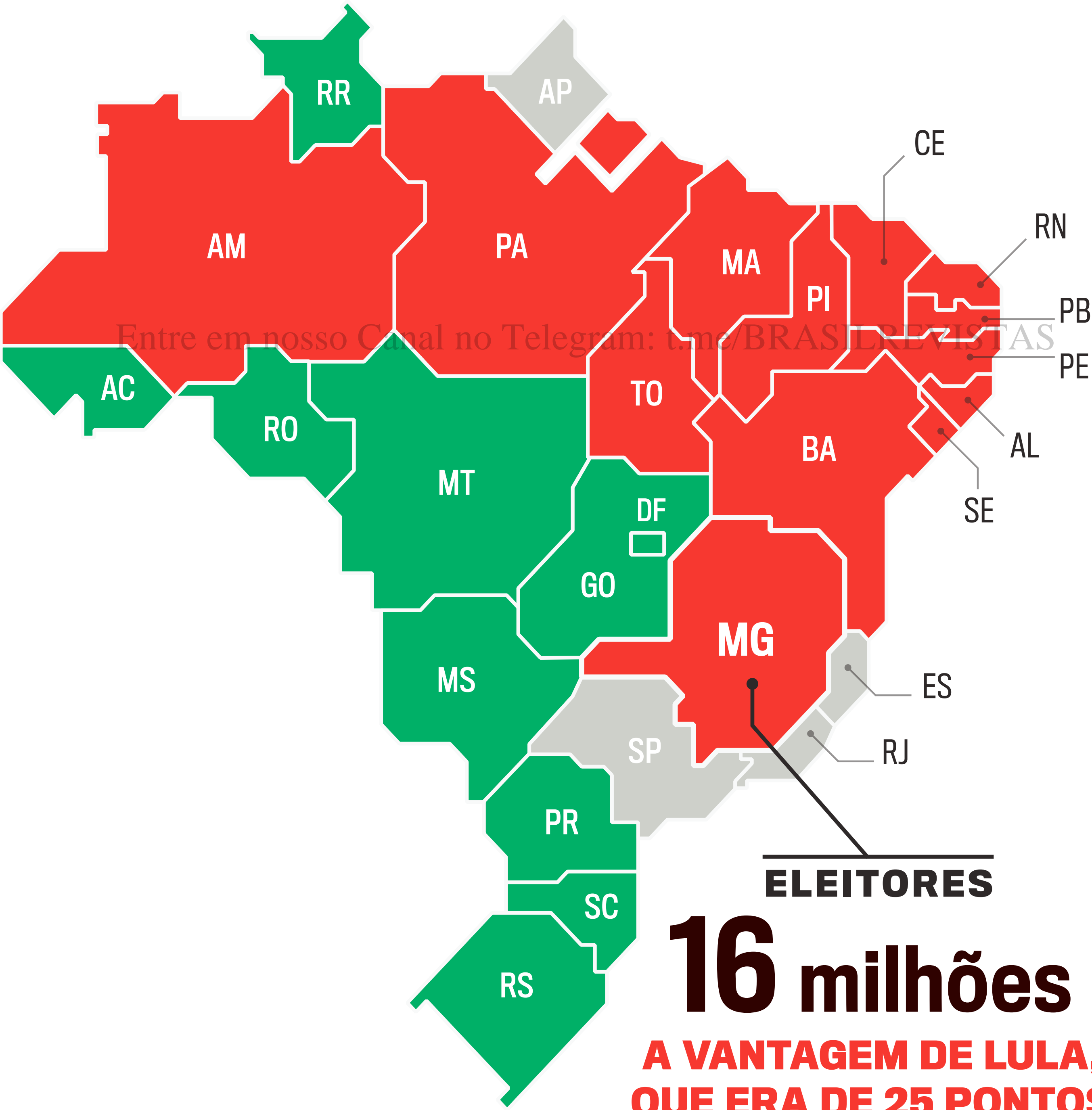
DESDE A RETOMADA das eleições diretas para presidente da República, em 1989, todos os candidatos mais votados em Minas Gerais conquistaram o Palácio do Planalto. Apesar do desgaste de popularidade provocado pelas manifestações de rua de junho de 2013 e pelas primeiras descobertas da Operação Lava-Jato, até Dilma Rousseff conseguiu a reeleição embalada por uma vitória no estado, onde obteve uma vantagem de 550 000 votos, no segundo turno, sobre

Aécio Neves, que havia comandado duas vezes o governo mineiro. Até aqui, a regra é clara: venceu em Minas, sagrou-se presidente. Não à toa, os quatro postulantes mais bem colocados nas pesquisas de intenção de voto passarão pelo estado em setembro. Nos últimos dias, Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB) realizaram atos de campanha em Belo Horizonte e Montes Claros, respectivamente, falaram de seus planos de governo e reverenciaram personalidades locais. Vice de Jair Bolsonaro (PL), o general Braga Netto também visitou o estado. Na quinta-feira 15, foi a vez de Lula (PT), que organizou uma agenda em Montes Claros para tentar frear o crescimento de Bolsonaro no eleitorado mineiro. A iniciativa do ex-presidente tem razão de ser.

Pesquisa Genial/Quaest realizada em Minas Gerais entre os dias 3 e 6 de setembro mostrou que Lula lidera a corrida presidencial no estado com 43%, enquanto Bolsonaro tem 36%. A diferença, de 7 pontos porcentuais, era de 25 pontos em março e de 18 em julho. O petista, portanto, tenta evitar uma virada que, de acordo com aliados de Bolsonaro, já teria ocorrido. Na semana passada, o governador de Minas, Romeu Zema (Novo), avisou a um interlocutor em Brasília que Bolsonaro ultrapassou Lula no estado, segundo indicadores de pesquisa para consumo interno encomendada pela campanha de Zema. A informação rendeu até uma comemoração do ministro Ciro Nogueira, chefe da Casa Civil, numa rede social. “Datafolha, só para avisar, viramos em Minas”, escreveu o ministro. De acordo com o Datafolha, Lula

DISPUTA ACIRRADA

De acordo com as últimas pesquisas de intenção de voto, Lula lidera a disputa em treze estados, Bolsonaro está na frente em outros dez e em quatro há empate técnico

NOS ESTADOS

Fonte: *institutos de pesquisa*

tem 45% e Bolsonaro 34% na simulação de primeiro turno, considerando o cenário nacional. A coordenação de campanha de Bolsonaro prefere os números do Instituto Paraná Pesquisas, que é contratado pelo partido do chefe da Casa Civil e, em seu levantamento mais recente, deu uma vantagem de apenas 3 pontos para o petista.

A alegada virada em Minas e a incontestável redução da vantagem de Lula no estado representam avanços importantes para Bolsonaro, já que Zema disputa a reeleição em 2022 sem pedir votos para o presidente, como fez em 2018. Mas o distanciamento entre os antigos aliados é apenas aparente. Em meados deste ano, Zema se reuniu com Ciro Nogueira a fim de definir uma estratégia que fosse interessante

para os dois candidatos à reeleição, o governador e o presidente. Com medo da rejeição a Bolsonaro atrapalhar a sua campanha, Zema disse que posaria de independente e não declararia apoio ao mandatário no primeiro turno. Mas, para derrotar o nome de Lula na corrida ao governo de Minas, o ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil (PSD), o governador avisou Ciro Nogueira de que bateria sem dó no PT, usando as denúncias de corrupção contra estrelas mineiras do partido, como o ex-governador Fernando Pimentel.

A independência consentida de Zema tem rendido frutos a ele, que lidera a corrida ao governo com 47%, bem à frente de Kalil, com 28%. Nome oficial de Bolsonaro na disputa, o senador Carlos Viana (PL) tem apenas 2%. Apesar de estar na rabeira, ele cumpre uma função estratégica para o presi-

FLICKR @SIMONETEBETMS

AGENDA Tebet: a emedebista também busca votos no estado

dente ao usar a propaganda eleitoral e suas andanças pelo estado para divulgar ações do governo federal. Se Zema ajuda a estimular o antipetismo, Viana dá publicidade a medidas de Bolsonaro de forte apelo popular. "No começo do ano, o ex-presidente estava com 24 pontos de vantagem. Hoje, essa distância é de 7 a 8 pontos. Isso se não estiver empatado", diz o senador. "Minha candidatura foi fundamental nesse sentido, porque pretendo explorar os feitos de Bolsonaro em Minas por meio do programa eleitoral e viajando para o interior do estado, levando informação a quem não tem", acrescenta. Na eleição de 2018, Bolsonaro venceu Fer-

FLICKR @CIROGOMESOFICIAL

CAMINHADA Ciro Gomes: elogios a mineiros ilustres

nando Haddad em Minas, no segundo turno, por uma diferença de 1,8 milhão de votos. No primeiro turno, a vantagem tinha sido maior, de 2,3 milhões de votos. Na eleição passada, o PT ainda testemunhou o fracasso da favorita Dilma na campanha ao Senado.

Para fortalecer sua posição em Minas em 2022, o partido, sob ordens de Lula, rifou a candidatura do deputado federal Reginaldo Lopes ao Senado, abrindo espaço para que o senador Alexandre Silveira (PSD) busque a reeleição. Líder da bancada na Câmara dos Deputados, Lopes coordena a campanha do ex-presidente no estado. Numa des-

sas coincidências típicas da política, ele anunciou a visita de Lula a Montes Claros no mesmo dia em que Ciro Nogueira postou a mensagem na qual divulgou a suposta virada de Bolsonaro em Minas. "É uma *fake news* do ministro Ciro Nogueira. Ele sabe que a desvantagem de Bolsonaro em Minas é grande. Imagino que ele queira fazer um movimento de sinalizar ao Brasil que a diferença diminuiu. É um governo que não trabalha. Se trabalhasse, não precisaria disso", afirma Lopes.

Na batalha para conquistar Minas, Lula apostará no discurso destinado aos mais pobres, como tem feito em todo o país, e dará atenção especial ao agronegócio e aos industriais locais, prometendo inclusive melhorias na área de in-

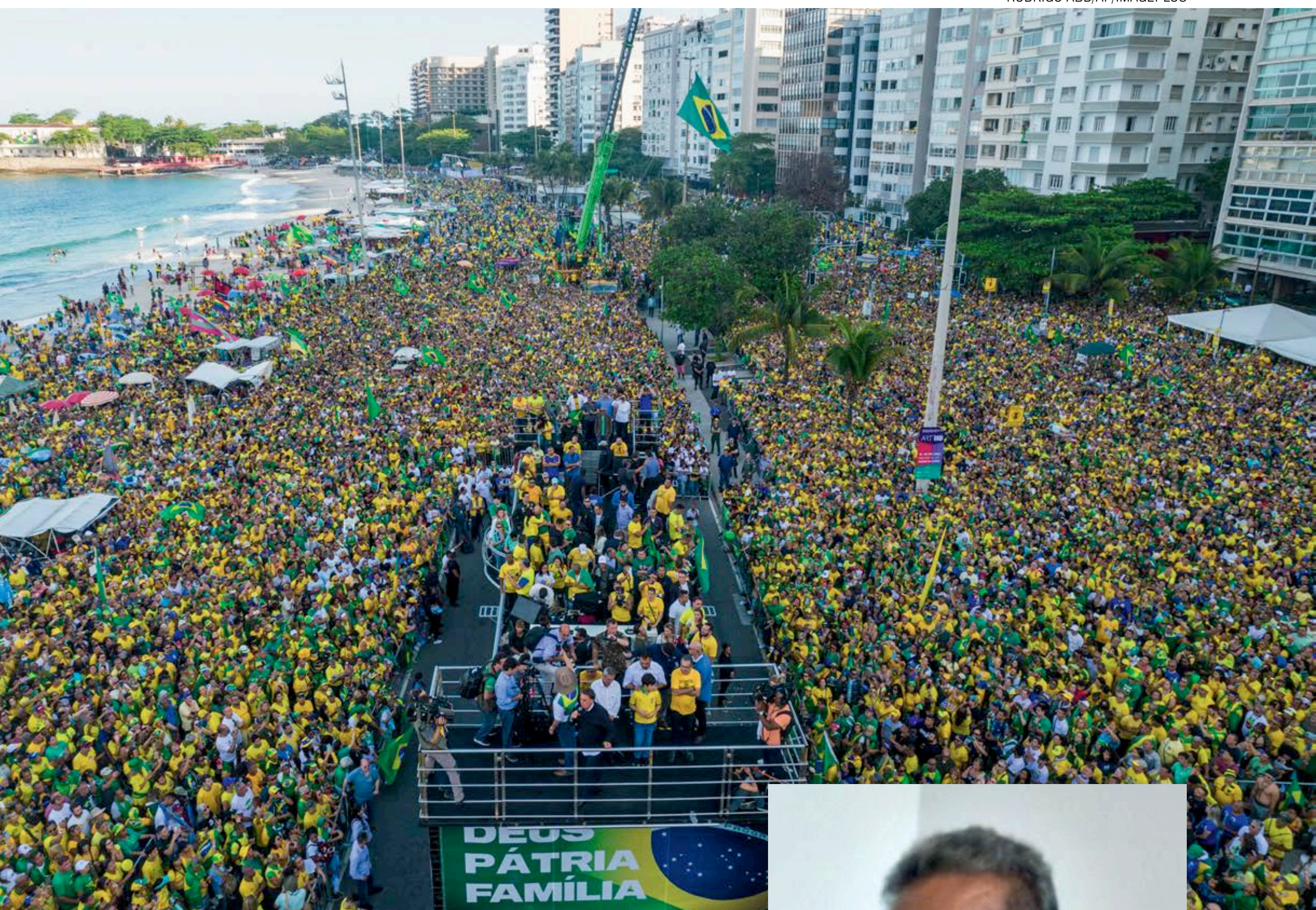
fraestrutura. Na terça-feira 13, Geraldo Alckmin, vice na chapa do PT, foi a Uberlândia com o objetivo de conversar com representantes desses setores. Aliados do ex-presidente também contam com a ajuda dos prefeitos, que, segundo os petistas, estariam trabalhando de forma majoritária por Lula. A tese é controversa, já que o entorno de Bolsonaro alega que a maioria das prefeituras está com o presidente, porque os municípios receberam uma enxurrada de recursos por meio do chamado orçamento secreto. "O nosso foco é Minas e São Paulo. O presidente entendeu isso e está dando resultado", declara um ministro. Os petistas desdenham das projeções do adversário e lembram que, como em campanhas anteriores, ocorrerá voto cruzado. Eles afirmam que haverá o movimento "Luzema", com voto em Lula para presidente

e Zema para governador, como houve em 2006 o Lulécio, Lula para presidente e Aécio para governador.

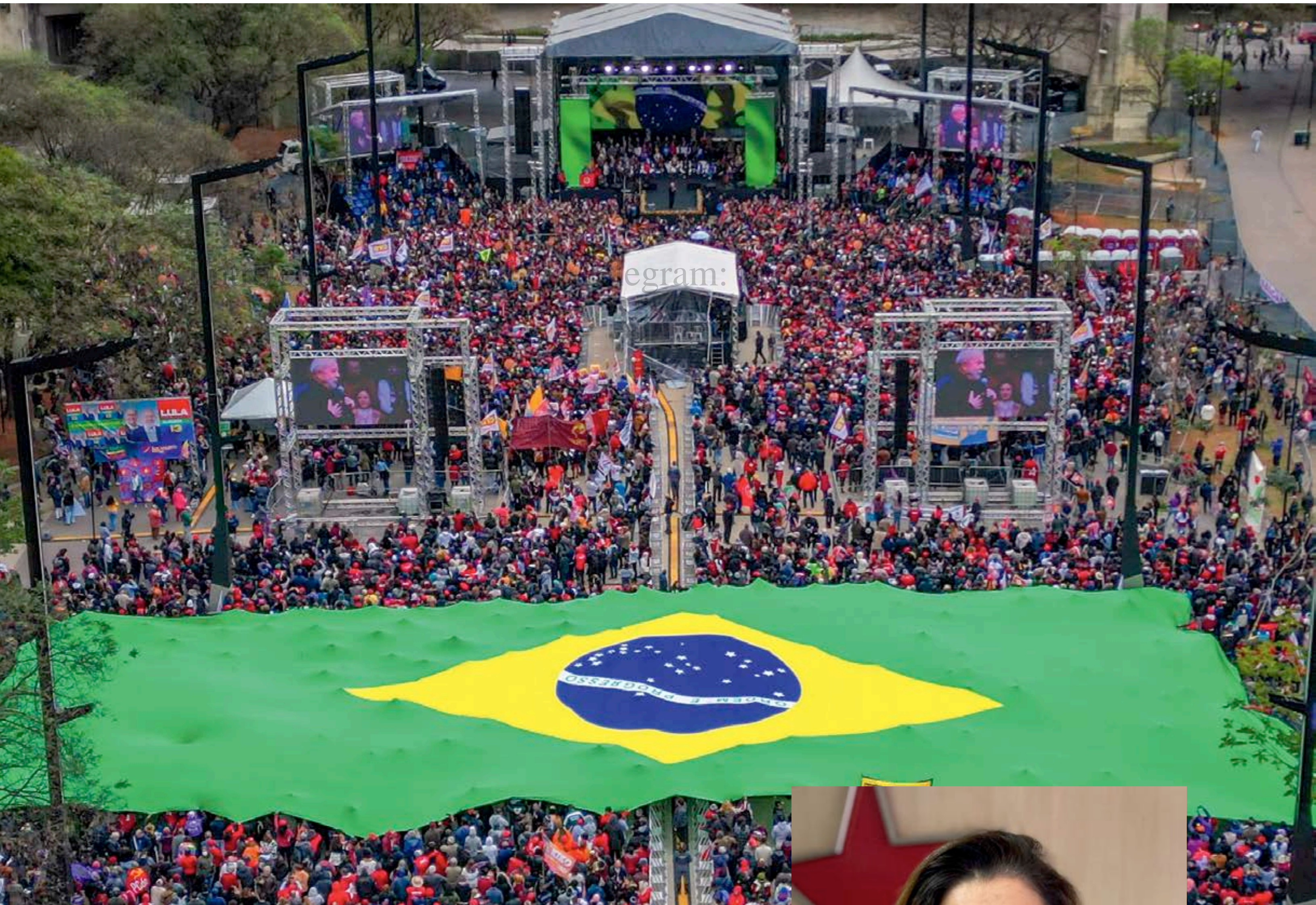
Antes da realização do primeiro turno, tanto Lula como Alckmin visitarão mais uma vez Minas. A meta dos petistas é percorrer até o dia da votação, com o auxílio de deputados e vereadores, todas as regiões do estado, que tem 16,2 milhões de eleitores e é o segundo maior colégio eleitoral do país. Políticos e analistas costumam repetir que Minas é considerado estratégico por ser uma amostra do Brasil e espelhar em suas regiões a diversidade nacional. A força do agronegócio do Centro-Oeste, por exemplo, se faz presente no Triângulo Mineiro e a pobreza do Nordeste se repete no Vale do Jequitinhonha. Isso explicaria a regra segundo a qual quem tem mais votos em Minas conquista a Presidência. Uma regra que Lula e Bolsonaro conhecem, respeitam e querem manter — desde que, claro, sejam vencedores no estado. ■

ANÔNIMOS E PODEROSOS

O trabalho discreto, sensível e arriscado dos tesoureiros encarregados de gerir os quase 5 bilhões de reais que os partidos vão gastar nas eleições deste ano **MARCELA MATTOS**

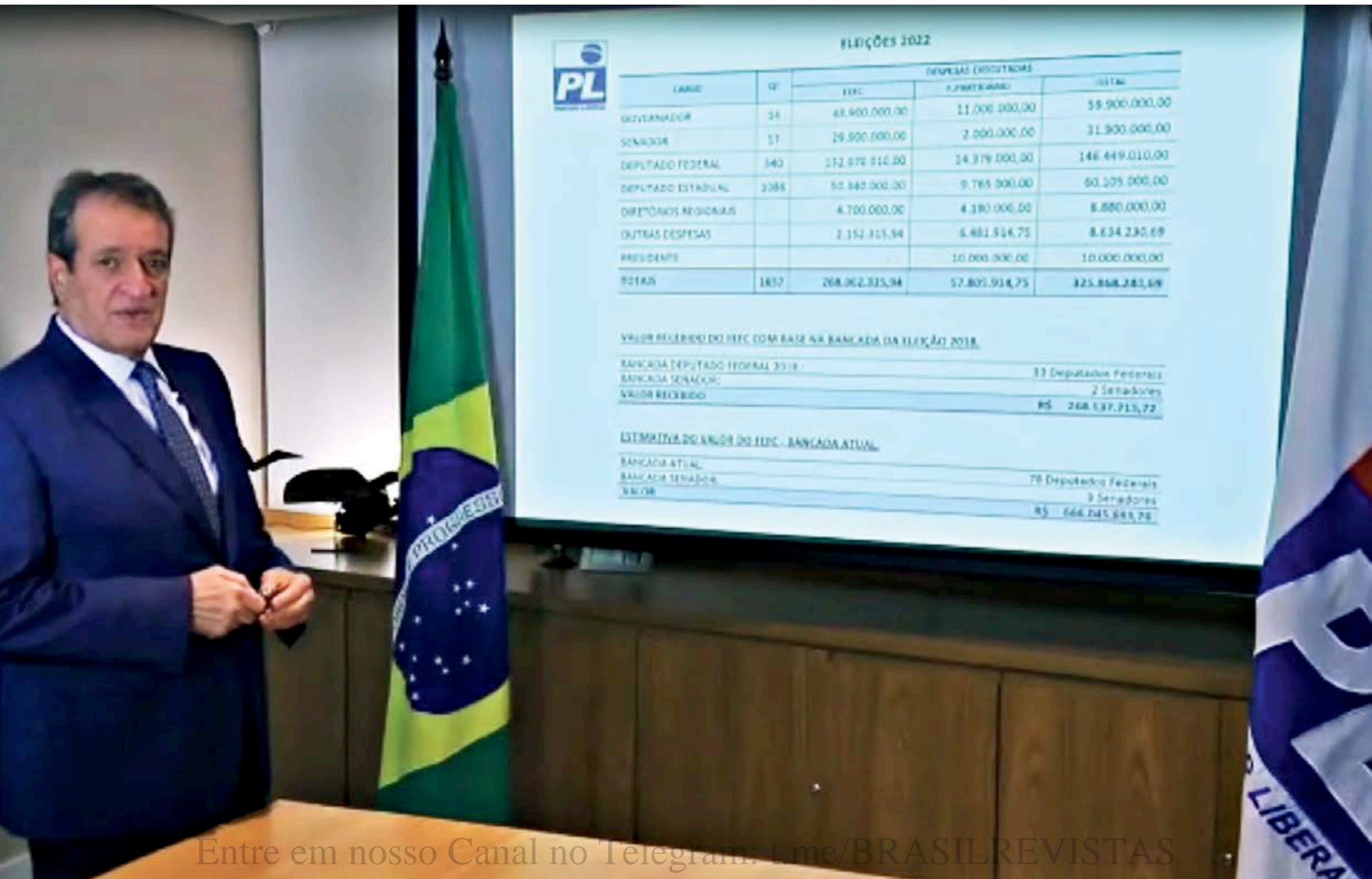
RODRIGO ABD/AP/IMAGEPLUS

"SENHORZINHO" Jucivaldo, tesoureiro do PL: o aposentado administra fundo de 300 milhões

O DEPUTADO federal Miguel Lombardi (PL-SP) tem em seu gabinete um funcionário contratado para fazer alguma coisa que ele não sabe direito o que é. Jucivaldo Salazar Pereira, de 79 anos, técnico de laboratório, trabalha lá desde 2015, ganha 12 000 reais por mês, mas nem sempre comparece ao Congresso. Perguntado sobre o servidor, o parlamentar responde: “O senhorzinho que ajuda eu? Faz tempo que ele está comigo”. Mas qual é exatamente a ativi-

RICARDO STUCKERT

ALTO RISCO Gleide Andrade, a tesoureira do PT: a atividade já levou dois antecessores dela para a prisão

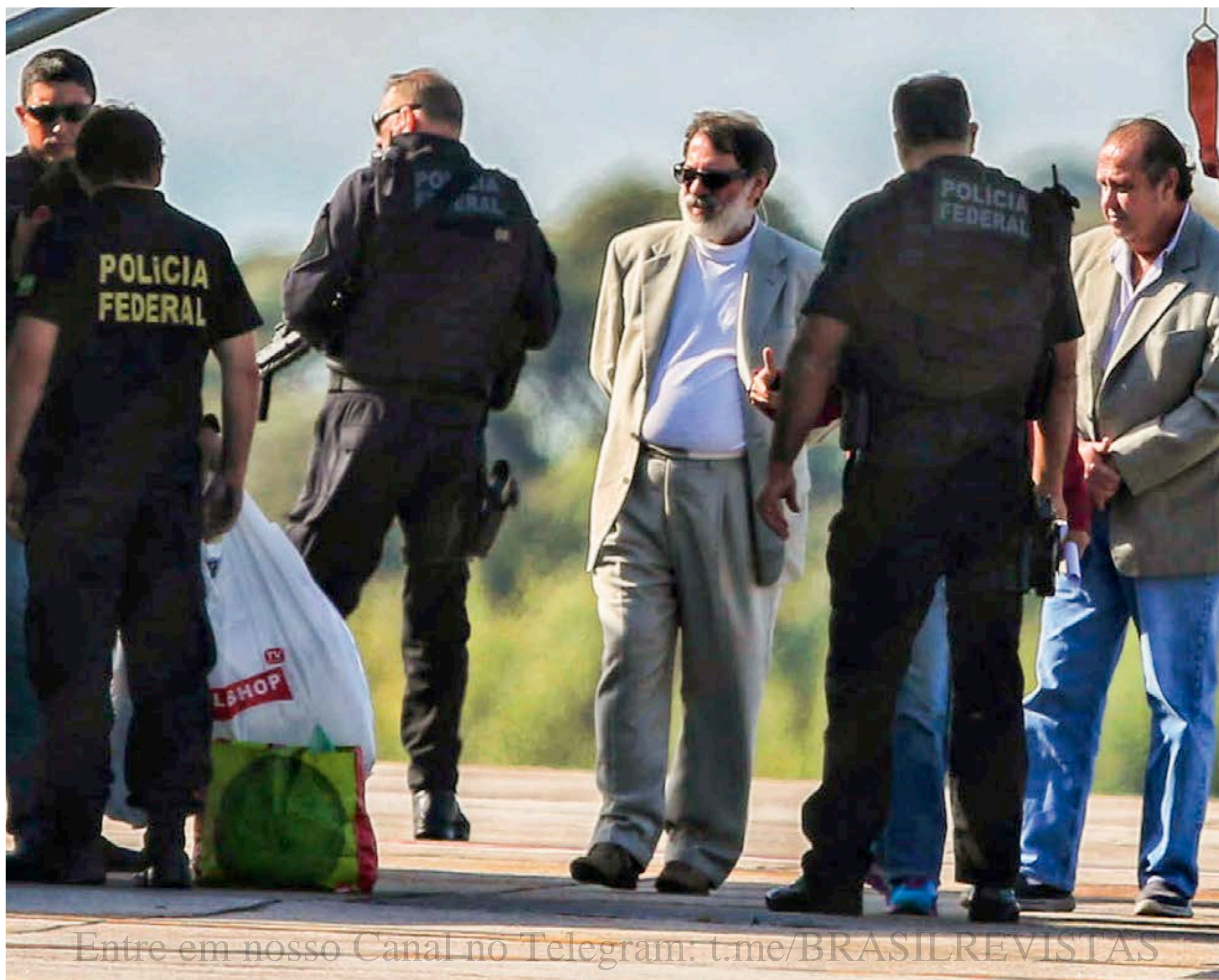
FACEBOOK @GLEIDEPT13

dade que ele desempenha? “Aí você precisa falar com o meu chefe de gabinete. Eu sei que ele entrega documentação externa, vai no partido, vem e tal”, explicou o deputado — situação curiosa quando se sabe que o tal “senhorzinho” em questão, que aparece de vez em quando na Câmara e executa tarefas que mais se assemelham às de um office boy, também é ninguém menos que o tesoureiro do PL, o responsável pela gestão dos mais de 300 milhões de reais do fundo que vai financiar as campanhas de mais de 1 600 candidatos em todo o país, incluindo a da principal e maior estrela do partido: o presidente Jair Bolsonaro.

É estranho. Cabe aos tesoureiros dos partidos a função de ordenar a distribuição dos fundos públicos e prestar contas à Justiça sobre os gastos. A tarefa é delicada, atende interesses muitas vezes inconfessáveis e, por isso mesmo, tradicionalmente sempre foi delegada a pessoas qualificadas e da estrita confiança dos dirigentes do partido. A tesouraria também é um foco de escândalos monumentais. Em 1992, Paulo César Farias, então tesoureiro do PRN, o partido do então presidente Fernando Collor, foi a mola mestra do primeiro impeachment da República. Delúbio Soares, tesoureiro do PT, foi flagrado no epicentro do mensalão durante o governo Lula. João Vaccari Neto, sucessor de Delúbio, ficou famoso pelas mochilas de dinheiro roubado que costumava carregar depois de visitar os empreiteiros envolvidos no petrolão. Os três eram burocratas respeitados em seus respectivos partidos, especialistas na arte

SACOLINHA Valdemar: vídeo pedindo a apoiadores que façam contribuições para o caixa do PL

das finanças e talhados para executar missões políticas heterodoxas. Os três foram presos e condenados por corrupção. O cargo embute altíssimos riscos para seus ocupantes e é por isso que o perfil de Jucivaldo chama atenção.

VEJA tentou localizá-lo durante dias. No escritório onde ele está oficialmente lotado, ninguém soube informar ao certo nem quando nem onde ele se encontrava. O chefe de gabinete de Lombardi, aquele que, segundo o deputado, iria "falar" sobre as atividades do funcionário, decidiu não falar e, em nota, disse apenas que ele presta serviço de "se-

GERALDO BUBNIAK/AGB/AG. O GLOBO

CORRUPÇÃO Delúbio: o tesoureiro protagonizou escândalo no governo Lula

cretaria, assistência e assessoramento". O PL pediu que as perguntas fossem encaminhadas por escrito, mas não respondeu até o fechamento da edição. Coube ao vice-presidente do partido, deputado Capitão Augusto (SP), a declaração mais sincera sobre o que Jucivaldo faz: "Não sei". Funcionário aposentado da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, o pouco que se revela sobre o guardião da chave do cofre dos liberais é que ele tem uma "longa" história dentro do partido, mas uma história com pouquíssimos registros. Em 2006, no ápice do mensalão e já na condição

de tesoureiro, ele disputou uma vaga na Câmara Legislativa do DF. Teve pouco mais de 500 votos. Portador de um diploma de ensino médio, em 2014 foi condenado pelo Tribunal de Contas da União a pagar uma multa por irregularidades na prestação de contas do partido. Ossos do ofício.

Nas eleições deste ano, os tesoureiros vão gerenciar uma verba de 4,9 bilhões de reais do fundo público criado para financiar as campanhas políticas. Além desse montante, serão movimentados recursos oriundos de doações de pessoas físicas e do Fundo Partidário, uma verba dos cofres públicos que é repassada mensalmente às legendas. Dos 32 partidos que apresentaram candidatos a cargo eletivo, o Novo foi o único que recusou o uso da verba. Até

mesmo as agremiações nanicas e sem representação no Congresso Nacional, como o PCB e o PCO, têm direito a uma fatia desses recursos. Mas são os grandes partidos que ficam com a maior parte, verdadeiras fortunas. O União Brasil, por exemplo, que tem a senadora Soraya Thronicke como candidata à presidente da República, tem à disposição 758 milhões de reais para financiar a campanha de seus candidatos. Em tese, administrar o bom uso de toda essa dinheirama não seria uma tarefa recomendável para amadores. Ao que parece, no entanto, isso se tornou um estratagema dos partidos *(veja o quadro abaixo).*

Depois de protagonizar os escândalos, o PT dividiu seu departamento financeiro, separando a tesouraria do partido da tesouraria de campanha do candidato a presidente,

A CHAVE DO COFRE

À exceção do MDB, os tesoureiros dos principais candidatos à Presidência da República são burocratas desconhecidos indicados pelo comando da legenda

MARCELO PANELLA

O partido do candidato do PDT à Presidência da República, Ciro Gomes, terá 251 milhões de reais de Fundo Eleitoral. O gestor desses recursos é braço direito do presidente da legenda e teve o nome envolvido nas investigações da Lava-Jato

MARCELO CASTRO

O senador do Piauí comanda a tesouraria do MDB, que tem 360 milhões de reais para financiar as campanhas de seus candidatos em todo o país, incluindo a da presidenciável Simone Tebet. O parlamentar também é relator-geral do Orçamento de 2023

MARIA EMÍLIA RUEDA

A tesoureira do União Brasil, que tem Soraya Thronicke como candidata a presidente, é responsável por gerenciar o maior orçamento entre todos os partidos. Irmã do vice-presidente da legenda, vai cuidar da distribuição de 758 milhões de reais para as campanhas dos candidatos da sigla

embora a maior parte do dinheiro que abastece os dois caixas tenha a mesma origem. Hoje, quem ocupa o cargo que já pertenceu a Delúbio Soares e a João Vaccari é a professora de filosofia Gleide Andrade. Ligada ao ex-governador Fernando Pimentel, com quem já trabalhou na prefeitura de Belo Horizonte, ela é descrita pelos colegas como uma burocrata "linha-dura". "Ela faz tudo direitinho e tem um caráter muito forte — e essa área não pode ser para gente 'maria vai com as outras' ", afirmou um dos integrantes da coordenação de campanha de Lula. Recentemente, Gleide se desentendeu com a presidente do partido, Gleisi Hoffmann, porque, nas palavras de uma liderança petista, "a conta não estava fechando". Uma acusou a outra de tentar favorecer determinadas candidaturas. Com uma verba de quase 500 milhões de reais, os petistas reclamam de falta de dinheiro. A prioridade do partido é a campanha do ex-presidente Lula, para a qual já estão reservados 132 milhões, mas o PT sabe a importância de eleger uma bancada imponente no Congresso. Por causa disso e à revelia da tesouraria, dirigentes têm tentado adiar a quitação de compromissos financeiros para depois das eleições, deixando no horizonte dos credores a possibilidade de futuros dividendos — solução que lá na frente pode se transformar num problemão para Gleide Andrade.

No PL de Bolsonaro, a situação não é muito diferente. O presidente da legenda, Valdemar Costa Neto, avisou aos candidatos que disputam a eleição que os recursos

(268 milhões de reais do fundo e mais 57 milhões que estavam guardados no cofre) acabaram. “A dificuldade é muito grande. Se nós não tivermos doações, vamos passar aperto”, disse ele em um vídeo em que pede colaboração aos apoiadores. Costa Neto, é bom lembrar, foi condenado a sete anos de cadeia por corrupção. No governo Lula, ele era um dos parceiros do PT no esquema clandestino de desvio de dinheiro dos cofres públicos — o notório escândalo do mensalão. O ex-deputado cumpriu a pena, voltou a comandar o partido depois de solto, se aliou a Jair Bolsonaro e continua dando as cartas na área financeira, como sempre fez. A diferença agora é que, se alguma coisa der errado, Valdemar pode acionar Jucivaldo, o tesoureiro oficial, e exigir do “senhorzinho” explicações sobre o que aconteceu. ■

MURILLO DE ARAGÃO

OS NÃO ENGAJADOS DEFINIRÃO

Embora às vezes pareça, nada está decidido ainda

UMA PERGUNTA recorrente nas últimas semanas se refere à assimetria entre as percepções provocadas pelas mobilizações políticas no país e as captadas nas pesquisas eleitorais de intenção de voto à Presidência. As manifestações de 7 de setembro mostraram multidões apoiando o presidente Bolsonaro. Suas motociatas também mobilizam multidões Brasil afora. Já os eventos de Lula são magros de audiência. Indo direto ao ponto: muitos perguntam por que o presidente Jair Bolsonaro (PL), segundo lugar nas pesquisas, consegue reunir multidões, enquanto seu oponente direto, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), primeiro lugar nas pesquisas, não consegue mobilizar seus adeptos.

Estas eleições apresentam um fenômeno peculiar: o apoio desmobilizado, aquele que se materializa na preferência do eleitor nas pesquisas, mas não se expressa em mobilizações expressivas. É o caso de Lula, que lidera a corrida pela vaga no Palácio do Planalto, mas sem massas nas ruas. Já Bolsonaro, mesmo sem liderar a disputa, atrai expressivo contingente a seus eventos políticos. O que re-

presenta essa situação? A maioria dos que apoiam Lula não está, até agora, disposta a mostrar seu apoio nas ruas. Duas razões podem ser invocadas: a certeza de que ele vai vencer e o fato de que Lula seria, para eles, o “mal menor”. Parte significativa do eleitorado apoia Lula mais por não gostar de Bolsonaro do que pelas virtudes do ex-presidente. Sem empolgação, parcela significativa do eleitorado aponta Lula mais como uma rejeição ao outro postulante do que como opção afirmativa.

Mas e Bolsonaro? Embora em segundo lugar no páreo, ele consegue mobilizar seus seguidores, que o prestigiam e comparecem quando convocados. Esse contingente, no entanto, mal alcança nichos importantes, como as classes D e E, os nordestinos e as mulheres. O “core” de seu suporte é mais engajado, sem dúvida, mas, por outro lado, não avança rumo a públicos não bolsonaristas. Bolsonaro não lidera a

“Esta eleição apresenta um fenômeno peculiar: o apoio desmobilizado, que se materializa nas pesquisas”

campanha por falta de apoio dos centristas e dos "isentões", que deram a ele a vitória em 2018.

A essa altura dos acontecimentos, o favoritismo é de Lula porque o ex-presidente ocupou o centro político em primeiro lugar. Mais por causa dos erros de Bolsonaro de se distanciar de parte relevante do eleitorado que o elegeu do que por mérito do ex-presidente. Temos até agora uma eleição de afirmações negativas. O ponteiro lidera por rejeição ao segundo lugar. E o que está em segundo lugar não consegue, até agora, convencer de suas virtudes. Em eleições de dois turnos prevalece a tendência de se votar no menos ruim. É o que está se desenhando, já que os "isentões" e centristas não conseguiram identificar um candidato que pudesse encarnar seus sentimentos.

O resultado que se desenha mostra que o Brasil gosta da polarização posta e não acredita em uma solução intermediária. Nunca houve, até agora, manifestação consistente nessa direção. Como se trata de uma campanha amparada na rejeição, já que as virtudes de cada um dos ponteiros parecem não ser o fator preferencial para as escolhas dos eleitores, quem errar menos leva. Mas, por incrível que pareça, nada está definido. Eleição e mineração só depois da apuração, como dizem em Minas Gerais. ■

CONFUSÃO AMAZÔNICA

Davi Alcolumbre tenta a reeleição em campanha marcada por uma tumultuada investigação de compra de votos pelo grupo rival **LAÍSA DALL'AGNOL** E **VICTORIA BECHARA**

ESFORÇO O senador do União Brasil: tentativa de reconstrução após uma dura derrota na disputa municipal de 2020

FACEBOOK @DAVI.ALCOLUMBRE

NUM AMBIENTE tão disputado e de ar rarefeito como Brasília, pode-se dizer que o senador Davi Alcolumbre construiu uma carreira absolutamente meteórica. Ele chegou ao Senado em 2015 e, ainda em seu primeiro mandato, tornou-se, aos 41 anos, o mais jovem presidente da Casa desde a redemocratização. Dali para a frente, virou um importante interlocutor do presidente Jair Bolsonaro, atingindo a condição de um dos homens mais poderosos da Repú-

OS RIVAIS O prefeito Antônio Furlan, com a esposa, Rayssa: suspeito de um esquema de compra de votos na eleição passada

FACEBOOK @RAYSSACFURLAN

blica. De lá para cá, no entanto, vive um inferno astral. O parlamentar não conseguiu viabilizar sua candidatura à reeleição como presidente da Casa, voltou à posição de senador comum (embora permaneça à frente da importante Comissão de Constituição e Justiça), viu-se envolvido em um escandaloso caso de rachadinha em seu gabinete (revelado por VEJA) e perdeu uma disputa na qual empenhou seu capital político, em 2020, ao tentar eleger o irmão Josiel prefeito de Macapá. Agora, vê ameaçada até a chance de manter a vaga no Senado pelo seu estado em uma eleição marcada pela artilharia pesada dos rivais em meio a uma confusa investigação policial.

Pesquisas mostram que a dianteira do senador para a

sua principal adversária, Rayssa Furlan (MDB), é cada vez menor na reta final da campanha. A rival é esposa do prefeito de Macapá, Antônio Furlan (sem partido), que bateu o irmão de Alcolumbre em 2020 com uma campanha marcada pela suspeita de compra de votos. A octanagem da atual disputa cresceu muito quando a Polícia Federal fez em agosto uma operação de busca e apreensão, a mando da Justiça Eleitoral, em endereços do casal e do irmão do prefeito, com o objetivo de apurar justamente as denúncias de dois anos atrás.

O caso mostra como a política nacional ainda opera. Personagem central da investigação em curso, Gleisson Fonseca da Silva atuava como cabo eleitoral de Antônio Furlan na campanha municipal de 2020, quando virou "suspeito" de

compra de votos e transporte irregular de eleitores. Na ocasião, ele carregava 1 200 reais em notas de 20 e 50 reais e panfletos do seu candidato em seu carro. A PF descobriu que Gleisson trabalhava também para o irmão do hoje prefeito, o promotor de Justiça João Furlan. O inquérito apurou ainda que era o promotor quem ordenava a distribuição de dinheiro e de santinhos. Apesar das sérias evidências, a questão parecia fadada a não ter mais nenhum desdobramento. Gleisson até voltou a atuar na política, fazendo agora campanha para Rayssa Furlan.

POLÍCIA FEDERAL AMAPÁ

POLÍCIA NA PORTA PF: a operação de busca e apreensão provocou troca de acusações entre os candidatos

Por esses motivos, a operação recente de busca e apreensão nos endereços da família Furlan, em meio à atual campanha, pegou muita gente de surpresa. E, inevitavelmente, gerou gritaria dos atingidos, que acusam o rival Davi Alcolumbre de atuar nos bastidores para ajudar a requentar uma antiga denúncia a fim de obter benefícios eleitorais. Para uma das pessoas envolvidas na apuração do escândalo, no

entanto, o último desdobramento policial foi fruto normal da evolução de um longo e complexo trabalho de investigação. “O fato de a busca e apreensão ter ocorrido agora foi uma mera coincidência”, garantiu a VEJA essa mesma fonte.

Os Furlan, é claro, não acreditam nesse tipo de coincidência. Uma das “evidências” citadas por eles é que a ação de agosto foi autorizada por Orlando Souto Vasconcelos, juiz do Tribunal Regional Eleitoral e sócio de um advogado de Josiel Alcolumbre. A troca de acusações escalou a ponto de o grupo de Furlan pôr em dúvida a lisura da Justiça Eleitoral no processo. O prefeito afirmou que foi chantageado pelo juiz Vasconcelos, que teria pedido propina por meio de um emissário, para que não autorizasse a ação

de busca e apreensão. A defesa dos irmãos Furlan oficializou a queixa ao protocolar no TRE-AP um pedido de suspeição do juiz. Também recorreu ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) pedindo a destruição de provas que consideram ilícitas e a suspensão de toda a investigação. A ofensiva despertou a ira dos magistrados do TRE-AP, que se manifestaram contra o que classificaram de “carga inaceitável de *fake news* e ataques infundados à instituição da Justiça Eleitoral e seus integrantes”.

Como seria de esperar, os novos lances sobre a antiga investigação viraram um dos temas centrais da atual disputa eleitoral. Nas redes sociais, o prefeito tem dito que os irmãos Alcolumbre agem para “macular” a imagem de sua família e que tem sido perseguido por Davi desde que Rayssa come-

çou a subir nas pesquisas. Alcolumbre responde: “Se ele está sendo investigado, precisa ter serenidade e, como todo cidadão, dar suas explicações. No entanto, não dá para se defender acusando injustamente os outros — porque também vai ter de provar na Justiça os ataques inverídicos que faz”. Independentemente de qual lado tenha razão, a repercussão do escândalo na disputa local pode definir o futuro de alguém que já foi uma das figuras mais poderosas de Brasília. Se vencer, beneficiado pelo descrédito dos adversários num caso de compra de votos, Alcolumbre tem a chance de reconstruir o seu caminho. Se perder, sua carreira política pode ficar irremediavelmente prejudicada. ■

CAMINHO QUE LEVA A ROMA

Herdeiros de sobrenomes históricos, Andrea Matarazzo e Emerson Fittipaldi querem inverter o caminho dos seus ancestrais e voltar à Itália como senadores da República **DIOGO MAGRI**

ALEXANDRE BATTIBUGLI

BANDEIRAS Matarazzo: a favor da União Europeia e da imigração

PAULO VITALE

MISSÃO Fittipaldi: ajuda a Bolsonaro em sua estreia na política

NO FINAL DO SÉCULO XIX, Francesco Antonio Maria Matarazzo deixou a região de Nápoles e cruzou o Atlântico na onda de imigrantes que deixavam a Europa em busca de uma vida melhor. Trabalhou como mascate no interior de São Paulo, evoluiu para uma loja de secos e molhados e, anos depois, tinha montado um império de 360 empresas. Recebeu do rei Vitor Emanuel III, da Itália, o título de conde por sua ajuda na I Guerra, e morreu em 1937 como o homem mais rico do Brasil. Pouco tempo depois de Matarazzo, chegou aqui outro italiano, Pasquale Fittipaldi, vindo da região de Potenza. Também em São Paulo, casou-se e teve dois filhos. Um deles, Wilson, radialista conhecido como "Barão", seria um incentivador do automobilismo e pai de

Emerson e Wilsinho, pilotos que fizeram história nas pistas (o primeiro foi bicampeão de Fórmula 1) e deram início a uma dinastia que está na sua quinta geração, com Enzo Fittipaldi, de 21 anos, na Fórmula 2.

Mais de um século depois, um Matarazzo e um Fittipaldi se movem para fazer movimento inverso ao dos ancestrais: ir para a Itália na condição de senador da República. A missão do ex-vereador Andrea Matarazzo e do ex-piloto Emerson Fittipaldi não é fácil. Junto com outros dois brasileiros, os advogados Marcelo Zovico e Luciana Laspro, eles disputam uma vaga pela América do Sul no Senado italiano. Desde 2006, quando ela foi aberta, apenas um brasileiro, Fausto Longo, se sagrou vitorioso, em 2013. Para chegar lá, os candidatos precisam mobilizar pelo menos 430 000

DANIELE VENTURELLI/GETTY IMAGES

ESTRELA Gina Lollobrigida: a diva de Hollywood é candidata aos 95 anos

cidadãos italianos que moram no Brasil. Eles têm até o próximo domingo, 18, para enviar os seus votos pelo correio (a votação por lá ocorrerá no dia 25).

A dificuldade é que só a Argentina tem quase o dobro de eleitores. Não por acaso, em 2018, os escolhidos acabaram sendo dois argentinos — foi a última vez que o subcontinente teve direito a dois senadores e quatro deputados. Além dos quatro brasileiros, concorrem agora oito argentinos, uma uruguaia e um venezuelano. Somente por uma obra do acaso é que a vaga atual tem como titular um brasileiro. Trata-se de Fabio Porta, deputado que assumiu

a cadeira após a cassação por fraude de um dos sul-americanos eleitos (quando uma vaga no Senado é aberta, um deputado é chamado a ocupá-la).

Residentes no exterior, os senadores *oriundi* têm a mesma remuneração dos demais colegas, 5 400 euros por mês, e também a mesma função. "O objetivo não é só propor leis para a região que elegeu o político, e sim participar de toda a atividade legislativa italiana", explica Fausto Longo, que foi senador por cinco anos e deputado por outros cinco. "Mas é claro que os *oriundi* lutam por mais atenção da Itália aos cidadãos que não moram no país", completa. Longo afirma que se revezava, ficando vinte dias em Roma e dez dias no Brasil, já que para ocupar o cargo é necessário ter residência na Itália.

Na disputa atual pela vaga da América do Sul, os quatro brasileiros em campanha convergem na defesa da desburocratização para a obtenção da cidadania italiana (o processo pode levar quinze anos) e do maior intercâmbio cultural e educacional entre os países. O curioso é que por vezes a campanha à italiana emula a brasileira. Fittipaldi concorre pelo partido Fratelli d'Italia, criticado por seguir ideais de extrema direita e por promover Giorgia Meloni, favorita ao cargo de primeira-ministra e comparada a Benito Mussolini. O ex-piloto declarou que um dos objetivos será "mudar a imagem de fascista que o presidente Jair Bolsonaro tem na Europa". Matarazzo, por sua vez, é filiado ao Partido Socialista Italiano — ainda que se considere um liberal na econo-

mia, o ex-ministro de FHC escolheu a legenda de esquerda por não ser contra a União Europeia nem contra a imigração. “Eu tenho experiência na vida pública e não preciso de um padrinho no Brasil”, cutuca ele, que foi vereador e secretário de Geraldo Alckmin no governo estadual e de Gilberto Kassab no municipal. A disputa tem até a “terceira via”: Zovico, advogado que trabalhou por seis anos no consulado paulista, critica os candidatos mais célebres pelo que considera ausência de propostas concretas e se vende como “nem um aventureiro nem um político profissional”. Laspro tem discurso parecido: “Não nasci em berço de ouro, sou uma simples trabalhadora”.

Na tentativa de convencer seus eleitores, os candidatos

apostam em vídeos nas redes sociais e em reuniões com associações de ítalo-descendentes. Se um deles chegar ao Senado, poderá ter a companhia de nomes como o ex-primeiro-ministro Silvio Berlusconi e a atriz Gina Lollobrigida, ambos na disputa de uma vaga. Matarazzo, de quebra, repetiria o feito do avô Angelo Andrea Matarazzo, que foi senador no Reino da Itália em 1901 e lá construiu sua residência, o Palazzo Matarazzo. A dúvida é se os sobrenomes de peso serão suficientes para o Brasil emplacar um representante no Parlamento europeu. E, mais importante, se a cadeira em Roma trará algum benefício de fato à comunidade italiana baseada por aqui. ■

O MINISTRO ENTRA EM CENA

A fim de divulgar alguns bons números de sua gestão, Paulo Guedes leva o palanque bolsonarista até empresários, investidores e associações

VICTOR IRAJÁ, LARISSA QUINTINO E **LUISA PURCHIO**

FÁTIMA MEIRA/FUTURA PRESS

EM CAMPANHA Guedes no 7 de Setembro, em Brasília: o ministro encarnou a missão de divulgar os bons resultados da economia

Homens de negócios que costumam acompanhar eventos protagonizados pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, têm se surpreendido com a performance do economista diante das plateias nas últimas semanas. Como um animador de programa de auditório (ou de palanque), incita os presentes: "Queremos uma economia fechada ou aberta?". O público, com ares de claque, responde: "Aberta!". Embalado, o ministro segue: "Mais impostos ou menos? Mais gastos do governo ou menos? Os gastos devem ser para a área social ou para favores privados?", sempre esperando as respostas, óbvias, da audiência. Nas últimas semanas, a cena se repetiu pelo menos três vezes, a última delas no fim da tarde da quarta-feira 14, em evento para setor de varejo, em São Paulo. Pela manhã, o ministro havia participado de uma reunião a portas fechadas na sede da Associação Comercial do Rio de Janeiro, na capital fluminense, onde disparou: "Liberais e conservadores estão juntos porque, do outro lado, está o capeta".

O discurso inflamado torna explícito o engajamento definitivo de Guedes na campanha pela reeleição do presidente Jair Bolsonaro. Em 2018, apelidado com a alcunha de Posto Ipiranga, ele encarnou o papel de fiador da política liberal do futuro governo e ocupou o centro dos debates em torno da economia. Agora, ele volta aos holofotes para defender as realizações da gestão e, principalmente, apontar os riscos de ruptura caso o petista Luiz Inácio Lula da Silva vença a disputa. A pessoas próximas, o ministro costuma

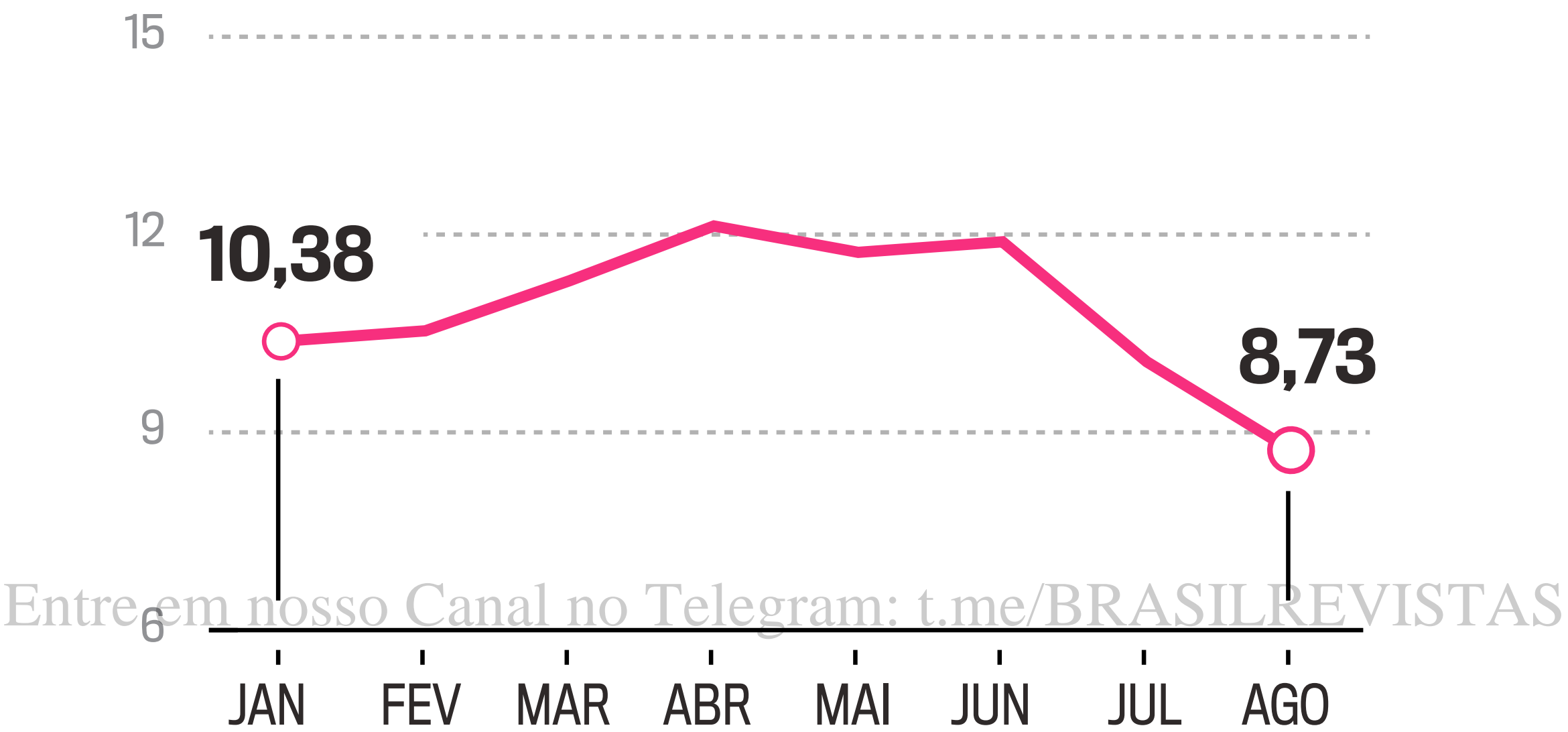
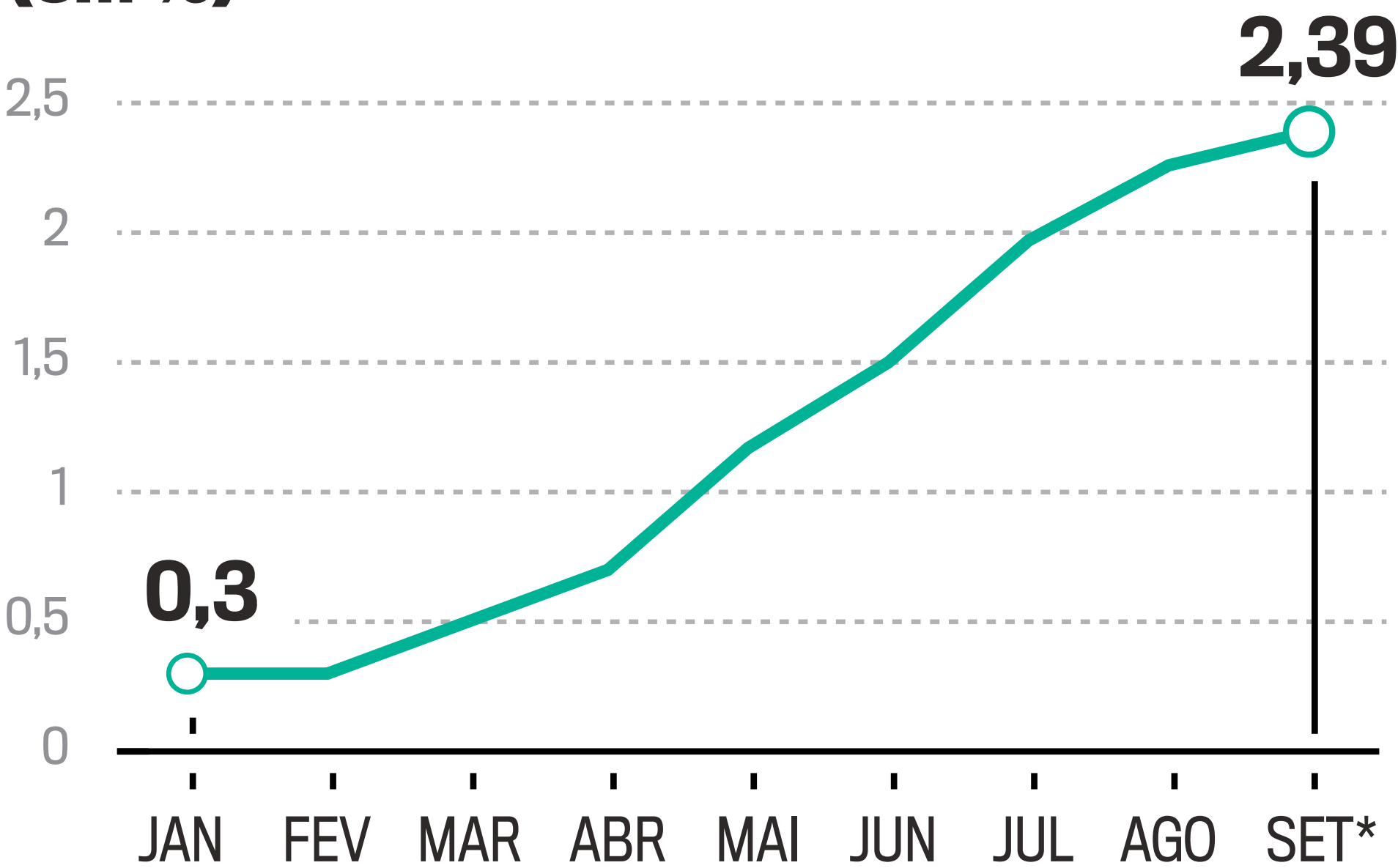
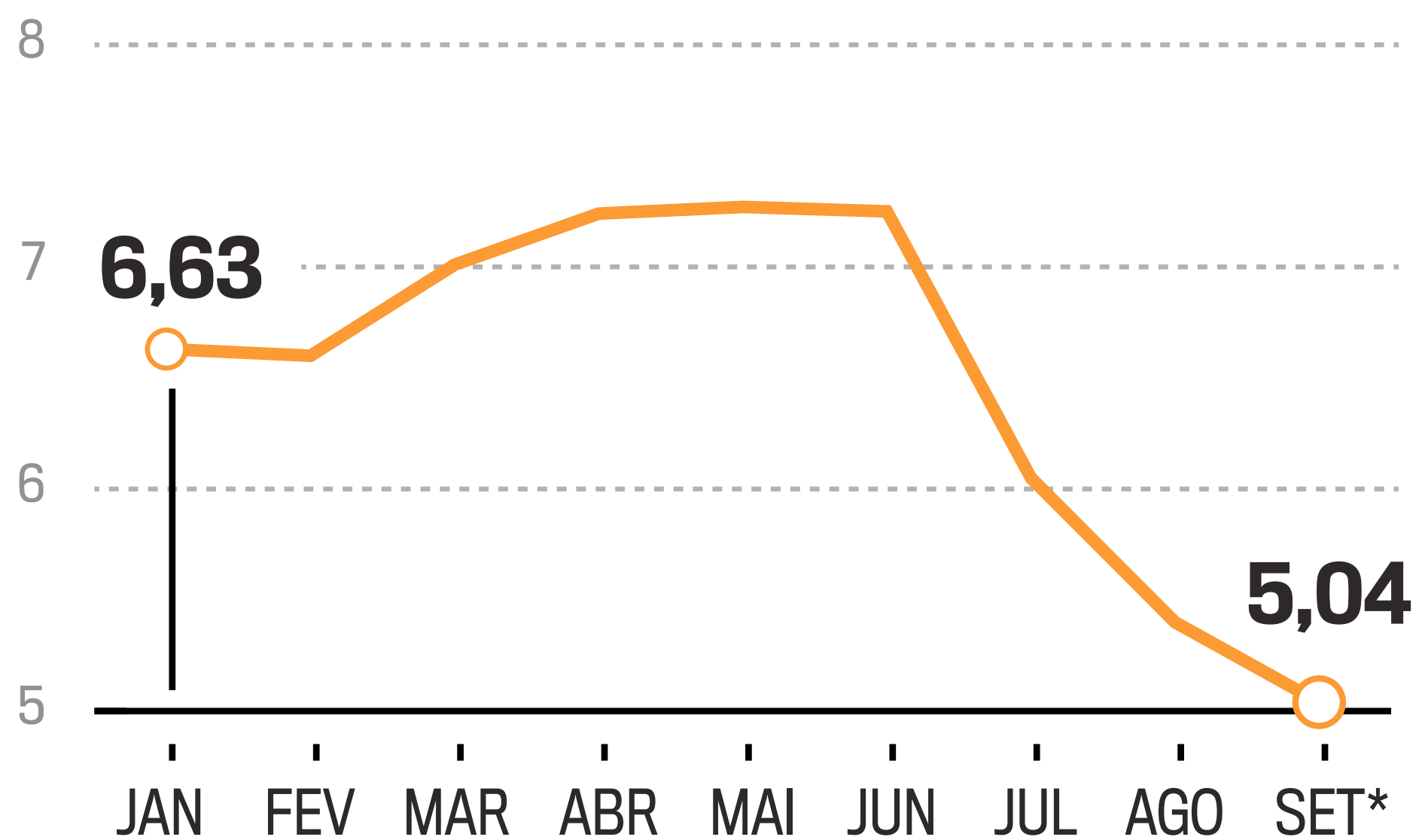
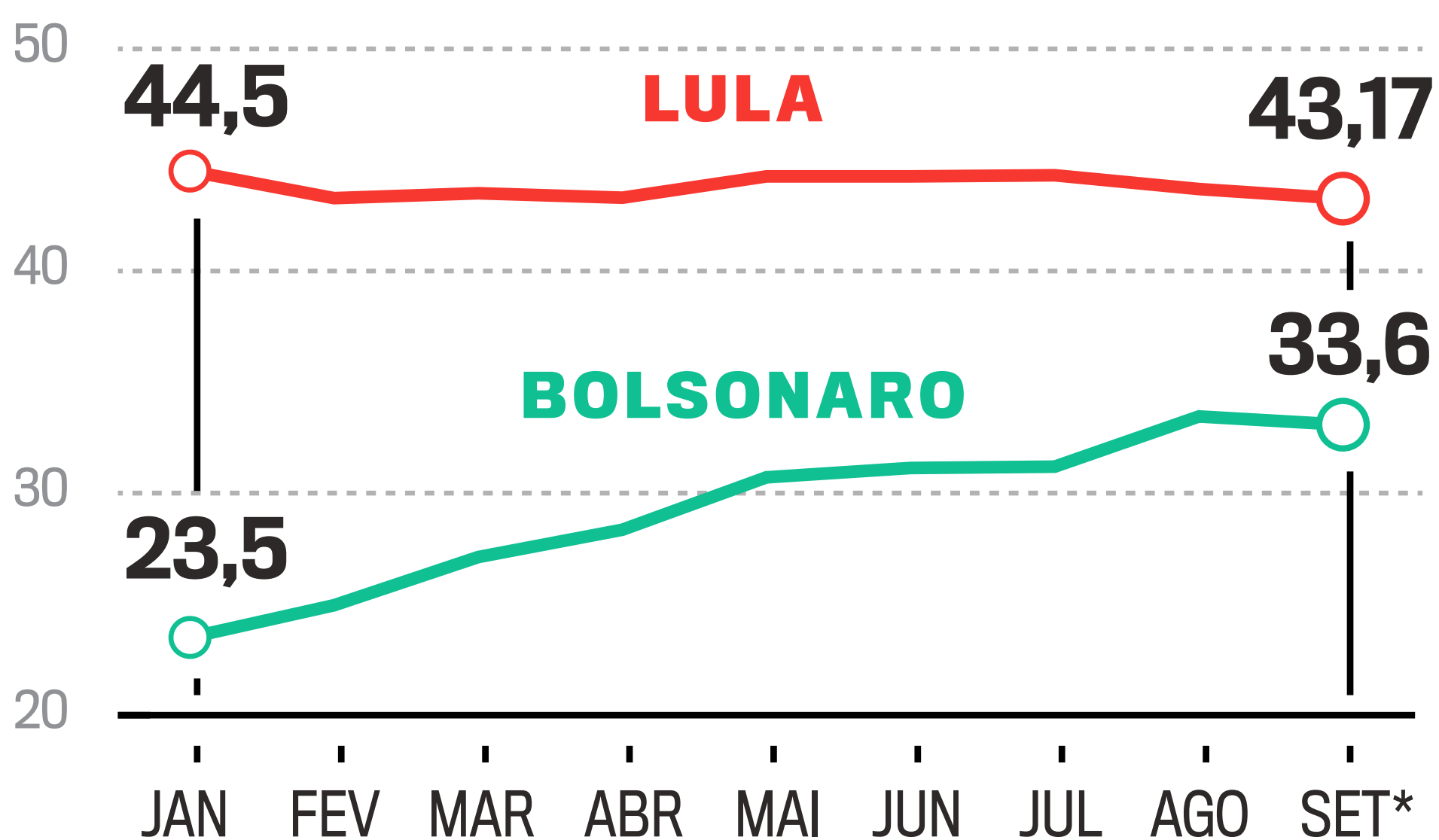
GESIVAL NOGUEIRA/ATO PRESS/AG. O GLOBO

DEFLAÇÃO Preço do combustível: subsídios e queda no mercado internacional

dizer que não houve nenhuma espécie de convocação ou orientação por parte da campanha para exercer esse novo papel e sua atuação se dá “por conta própria”. Em alguns momentos, porém, atende a pedidos do presidente. Durante os atos do 7 de Setembro, por exemplo, compareceu às solenidades oficiais de Brasília pela manhã — presença que classificou como “protocolar e institucional”. Mas não participou do ato político eleitoral que se seguiu ao desfile militar e muito menos foi às manifestações no Rio de Janeiro. Bolsonaro também o levou para os estúdios da TV Globo, para a sabatina no *Jornal Nacional*, onde declarou que “os números da economia são fantásticos”.

Com pauta, abordagem e plateia escolhidos pelo minis-

DECOLAGEM COMPLICADA

Melhora da economia e intenções de votos para presidente

PREÇO DA GASOLINA
(em reais)

INTENÇÕES DE VOTO
(em %)

* Dados divulgados até 14 de setembro

Fontes: *IBGE, Banco Central, ANP e agregador de pesquisas de VEJA*

tro, os encontros costumam ser qualificados por alguns críticos e opositores como pregação para convertidos. Mas Guedes diz que são importantes para manter a "chama acesa" e também como forma de tentar neutralizar as iniciativas da campanha petista de aproximar-se do empresariado, principalmente por meio do vice da chapa, Geraldo Alckmin (PSB). O ex-governador de São Paulo tem demonstrado grande desenvoltura ao circular por eventos de associações e entidades de classe e buscar aproximação com o agronegócio. Nessas situações, se apresenta como o "copiloto de Lula" para a economia e defende um viés mais centrista e responsável do ponto de vista fiscal.

Em suas perorações Brasil afora, Guedes conta, de fato, com bons números para apresentar. O PIB do segundo trimestre cresceu 1,2%, acima das expectativas do mercado. Em julho e agosto, houve deflação no IPCA — e pode vir outra em setembro, refletindo principalmente a queda no valor dos combustíveis. O desemprego recuou para menos de 10%, com recorde de 98 milhões de pessoas ocupadas. No entanto, ao contrário do que esperavam o governo e os políticos próximos do presidente, as conquistas e feitos, como o aumento do Auxílio Brasil para 600 reais, não se traduziram em dividendos eleitorais no ritmo esperado. Em levantamento feito pelo BTG Pactual e Instituto FSB Pesquisa, 62% dos eleitores afirmavam, no fim de abril, que a economia estava vivendo um momento ruim. O índice baixou para a casa dos 50% em agosto, onde estacionou desde en-

RICARDO STUCKERT

DESAFIANTE Alckmin, com Lula e Josué Gomes, na Fiesp: o fiador do PT

tão. "A hipótese sobre essa estabilidade na percepção da economia é que ela está melhor do que antes, mas que ainda não está boa", afirma Marcelo Tokarski, sócio-diretor do Instituto FSB Pesquisa.

Há explicações, do ponto de vista econômico, para esse fenômeno. A deflação dos últimos dois meses, que fez a inflação acumulada em doze meses baixar de 11,89% para 8,73%, por exemplo, foi muito concentrada em poucos itens. Enquanto a gasolina recuou 9,20% e o etanol, 10,39%, o custo da alimentação cresceu 13,43%. "A deflação é sentida por famílias de alta renda, por causa do combustível e da energia. Mas os mais pobres não consomem gasolina e já ti-

KEVIN DAVID/A7 PRESS/AG. O GLOBO

VOLTA AO CONSUMO Shopping center em São Paulo: surpresa no PIB

nham subsídios na conta de luz", diz o economista André Braz, especialista em inflação da FGV-Ibre. Da mesma forma, a leve melhora do rendimento real do trabalho neste ano se contrapõe ao índice recorde de 79% de famílias endividadas, sendo que 29% estão com dívidas em atraso. Benefícios como o Auxílio Brasil e outros programas de cunho social, por outro lado, costumam levar mais de dois meses para ter impacto na imagem do governo que os concede. A expectativa da campanha de Bolsonaro é que levar a disputa ao segundo turno permitirá aos eleitores ter uma melhor percepção dos ganhos econômicos da gestão. Até lá, o ministro Paulo Guedes terá trabalho extra. ■

STEFAN ROUSSEAU-WPA/GETTY IMAGES

UM OUTRO PAPEL Charles III discursa, ao lado da rainha consorte Camilla: ciente da diferença entre ser príncipe e rei

UM TRONO COMPLICADO

Encerrada a longa espera, Charles III dá início a seu reinado com a missão espinhosa de superar a falta de carisma, uma onda republicana em seus domínios e até a nova temporada de *The Crown*

AMANDA PÉCHY

O tempo, entre outros fatores, conspira contra Charles III, o novo soberano do Reino Unido e outros territórios. Sua mãe, Elizabeth II, foi princesa durante quinze anos e depois teve sete décadas para dominar os rituais, diplomar-se na arte de engolir sapos, projetar uma imagem de dignidade a toda prova e conquistar a admiração e o respeito dos súditos. Charles, ao contrário, passou 73 anos sendo príncipe e agora precisa provar, em curto prazo, que possui estofo para suceder à mãe na preservação de uma monarquia que faz pouco ou nenhum sentido no mundo moderno *(leia a coluna de Vilma Gryzinski, na pág. 53).*

Por obra e graça de Elizabeth II, 62% dos britânicos aprovam a instituição atualmente, mas a base de sustentação desse apoio está fincada na credibilidade do monarca — e a de Charles, convenhamos, não é lá essas coisas. "Esta é a maior encruzilhada da realeza desde a abdicação do rei Edward VIII, em 1936", diz Dane Kennedy, autor de *Guerras da História Imperial: Debatendo o Império Britânico.* Com o país passando por grave crise econômica, um punhado de nações da coroa querendo sair da linha e fatias do próprio Reino Unido em viés de desunião, essa era começa cercada de dúvidas sobre suas chances de sucesso.

Charles III fez questão de chegar afirmando que sabe a diferença entre ser príncipe herdeiro e ser rei. "Não vou poder mais dedicar tanto do meu tempo e energia às obras filantrópicas e a questões que me interessam profundamente", disse no primeiro discurso como soberano. Em outras pala-

CHRIS JACKSON/AFP

FAZ DE CONTA O príncipe William, Kate, Harry e Meghan: acenos para inglês ver

vras, deixará de se envolver pessoalmente na arrecadação de doações para sua fundação, para alívio dos reais assessores — recentemente, revelou-se que aceitou sacolas de dinheiro vivo de um xeque do Catar e soprou boas palavras na concessão de um título nobiliárquico a um potentado saudita, gesto que coincidiu com a obtenção de polpudo cheque para a caridade. Igualmente, vai ter de ser muito mais contido ao comentar assuntos que lhe são caros, como sustentabilidade, preservação de estilos arquitetônicos e recomendação de medicinas alternativas, todas opiniões possivelmente meritórias, mas que agora precisará guardar para si. O rei, ensinou Elizabeth II, não emite opiniões.

Casado há dezessete anos com Camilla, Charles em boa parte deixou para trás o tumultuado casamento com Diana e as acusações de infidelidade mútua — sendo a dele justamente com a mulher que viria a se tornar rainha consorte. Durante muito tempo a amante execrada pelos britânicos, Camilla se transformou em duquesa da Cornualha discreta, amável e pé no chão, contribuindo para a superação do escândalo. Mas sumir da memória coletiva ele não sumiu, nem sumirá. Lição aprendida, o novo rei não pronunciou palavra (em público, ao menos) quando o caçula Harry resolveu deixar de ser *royal* e lançar farpas sobre as falhas paternas. Tampouco falou bem ou mal do irmão Andrew, enroscado numa rede de sexo com adolescentes. Pelo contrário, acatou a demonstração de união familiar no roteiro dos funerais de Elizabeth II, aprovado por ela mesma, e compartilhou as cerimônias com os dois.

Fora do palácio, Charles tem pela frente a perspectiva de um novo desmembramento do reino. Dos 56 países-membros da Commonwealth, a associação formada principalmente por ex-colônias que Elizabeth II fundou e comandou, catorze permanecem monarquias constitucionais das quais ela era soberana apenas cerimonial, mas soberana. O título passou para Charles III, e junto com ele um vigoroso movimento republicano. Nem bem havia se sentado no trono e o primeiro-ministro de Antígua e Barbuda, Gaston Browne, anunciou a realização de um referendo propondo a proclamação da república em três anos. “Será o passo final do cír-

BEN STANSALL/AFP

POMPA E CIRCUNSTÂNCIA Charles III *(à frente)*, irmãos e filhos no velório da rainha: os rituais foram seguidos à risca

culo de independência", disse. Adam Bandt, líder do Partido Verde australiano, mandou condolências à família da rainha, mas observou: "Agora a Austrália tem de seguir em frente. Precisamos ser uma república".

A primeira-ministra da Nova Zelândia, Jacinda Ardern, disse não ver o fim da monarquia em seu país no curto prazo, mas acha que isso deve acontecer "antes de eu morrer". A ausência da respeitadíssima rainha certamente vai aquecer o já presente ímpeto republicano em Belize, Canadá, Jamaica e Bahamas. Mais significativa ainda é possível perda de dois integrantes do Reino Unido, Irlanda do Norte e Es-

CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES

DESPEDIDA Multidão aglomerada para se despedir de Elizabeth: graças a ela, 62% aprovam a monarquia

cócia — limitando os domínios reais a Inglaterra e País de Gales. Colocados em situação insustentável por seus laços com a Irlanda, de um lado, e o Brexit, de outro, os irlandeses do norte pendem para extinguir a separação da ilha em dois países. Na Escócia, por sua vez, a primeira-ministra Nicola Sturgeon lidera um partido pró-separação e já trabalha para realizar um segundo plebiscito com essa proposta (no primeiro, em 2014, o "não" venceu por meros 55%).

Apesar da falta de carisma e dos pecados do passado, Charles tem preparo para se apresentar, em todas as circunstâncias, como um modelo de estabilidade, possivelmen-

te com algumas pitadas de personalidade própria — o que, segundo especialistas, será essencial para um reinado bem-sucedido. “Se ele simplesmente repetir o estilo de Elizabeth, estará passando a impressão de que a monarquia é inflexível e está agonizando”, alerta Eoin Devlin, diretor de estudos de história da Universidade de Cambridge. Ao mesmo tempo, vai precisar seguir os passos da mãe e se ater fielmente às regras estabelecidas, um ingrediente vital para a permanência do reino. “A força da monarquia britânica está justamente na sua pompa, mística e rituais, fatores que despertam apelo emocional e interesse”, diz Lawrence Goldman, historiador da Universidade de Oxford. Finda a longuíssima espera, o rei Charles III tem agora de mostrar a que veio. Um sufoco já se anuncia: vem aí a quinta temporada de *The Crown,* em novembro. E ela vai retomar a tragédia shakespeariana do casamento com Diana. ■

VILMA GRYZINSKI

FAZ SENTIDO UMA MONARQUIA?

Só para os países onde ela já funciona e têm democracias sólidas

"EXISTE ALGO supremamente ridículo na composição das monarquias. Uma das provas naturais mais fortes da loucura do direito hereditário dos reis é que a natureza o desmente. Caso contrário, ela não o ridicularizaria com tanta frequência, dando à humanidade asnos no lugar de leões." Quem escreveu isso foi Thomas Payne, revolucionário e encrenqueiro em doses tão formidáveis que conseguiu se indispor com George Washington, a quem seus panfletos incendiários haviam municiado no movimento pela independência americana, e ser preso durante a Revolução Francesa. Payne tinha em mente George III, o "rei louco" que acabou perdendo a América para o improvisado exército de Washington e viveu longos períodos de pura insanidade, produto de uma rara doença sanguínea chamada porfiria.

Que a monarquia tenha sobrevivido a reis ruins é mais miraculoso que a aclamação universal conseguida em vida e turbinada na morte pela rainha Elizabeth II. O festival quase interminável de castelos majestosos, coroas suntuosas, des-

files solenes, uniformes vermelhos, dragonas douradas e corneteiros de todo tipo, em lugar das críticas previsíveis — “ostentação”, “esbanjamento”, “arcaísmo” —, aumentou um sentimento público de luto e gratidão pela rainha morta.

Defensores da monarquia costumam dizer que países com reis ou rainhas são todos ricos, bem-sucedidos e democráticos. Dificilmente o sistema monárquico pode ser identificado como o responsável por esse sucesso, embora proporcione um sentimento de continuidade histórica que muitas sociedades valorizam. As monarquias atuais são produto de processos políticos diferentes. A da Espanha foi aprovada no plebiscito de 1976 para consolidar o fim do regime franquista. A da Suécia tem origem em um general de Napoleão. A da Holanda foi eleita pela poderosa burguesia mercantil. E a do Japão deve a sobrevivência ao general Douglas MacArthur, que, sabiamente, usou a figura do imperador Hirohito para facilitar a ocupação americana. Em vez do banco dos réus por crimes de guerra, ele ga-

“As sociedades valorizam o sentimento de continuidade histórica de rainhas e reis”

nhou o papel de monarca constitucional na carta escrita em uma semana por assessores de MacArthur. Só no Reino Unido, que não tem uma Constituição unificada, o papel do monarca é difusamente definido e influenciado por fatores subjetivos. Foi um jornalista, Walter Bagehot, fundador da revista *The Economist,* quem sintetizou melhor os parcos direitos reais: "O direito de ser consultado, o direito de encorajar, o direito de advertir".

A formidável Helen Mirren encarnou no cinema uma rainha quase mais real do que Elizabeth II, surpreendida pela reação popular à morte de Diana. Nove dias antes da rainha, morreu Mikhail Gorbachev, um homem que realmente mudou a história. Um único líder estrangeiro foi a seu enterro, o húngaro Viktor Orbán, que era um jovem agitador democrata quando o comunismo ruiu. Não ter de lidar com a crua realidade da política ajudou Elizabeth a pairar acima do bem e do mal e fortalecer a popularidade de um regime que o sem graça e sem carisma Charles III agora tem de tocar para a frente. "O longo hábito de pensar que uma coisa não é errada lhe confere a aparência superficial de ser certa", avisou Tom Payne. ■

VALMIR MORATELLI

CORRA, PAOLLA, CORRA

INSTAGRAM @PAOLLAOLIVEIRAREAL

Há cerca de uma semana, **PAOLLA OLIVEIRA,** 40 anos, precisou correr por uma estrada cheia de pedras e declives de bota de salto alto, caindo algumas vezes em poças de lama. A cena de perseguição da dublê Pat, que ela interpreta em *Cara e Coragem*, foi repetida à exaustão por quase duas horas e lhe rendeu uma baita dor no corpo. “Achei que estava com Covid. Até hoje ainda descubro uns roxos em mim”, conta Paolla, que na maioria das cenas da novela dispensa dublê real. Quando criança, a atriz era do tipo que soltava pipa e subia em muros com os três irmãos e um primo e lembra que o pai, de mentalidade “antiga”, tentava contê-la por ser menina. “Eu dei um baile neles e saí dessa”, afirma, com orgulho.

INSTAGRAM @RODADESKA

NO MEIO DO POVO

Depois da iluminada — literalmente — apresentação para 100 000 pessoas no Rock in Rio, **CHRIS MARTIN,** 45 anos, vocalista do Coldplay, resolveu espairecer no calçadão de Ipanema. De touca enterrada na cabeça e camiseta do Mickey, infiltrou-se entre os parcos integrantes de uma rodinha musical e, sob chuva fina, chegou a balançar o corpo ao som de *Ska,* do Paralamas do Sucesso. Avisado de que os celulares começavam a apontar em sua direção, Martin voltou rapidinho para o hotel. "Um amigo o flagrou entre a galera, curtindo uma música nossa, e me mandou o vídeo", empolga-se João Barone, baterista da banda, que tratou de espalhar a imagem. O Coldplay retorna em outubro ao Brasil, para oito shows no Rio e em São Paulo.

TROPEÇOS NA PASSARELA

Com a pandemia sob controle, tapetes vermelhos se desenrolam em toda parte, reativando o desfile de celebridades luxuosamente vestidas e enfeitadas — um dueto que tem tudo para dar certo, mas às vezes não dá. No Festival de Cinema de Toronto, **EMMA CORRIN**, 26 anos, apareceu de maiô ultracavado arrematado por uma esvoaçante capa de organza Miu

AMY SUSSMAN/GETTY IMAGES

FRAZER HARRISON/GETTY IMAGES

Miu – nada a ver com a comportada princesa Diana quando jovem que o/a artista, que se define não binário/a, interpretou na série *The Crown*. Na entrega do Emmy em Los Angeles, foi **JULIA GARNER,** 28 anos, a loirinha marrenta de *Ozark*, que escorregou no figurino, em um pretinho de veludo Gucci com um losango recortado no estômago e ornado com flores de strass e pedras. Nos pés, sandálias plataforma de 17 centímetros – que ela tirou e exibiu, junto com seu prêmio de melhor atriz coadjuvante, na borbulhante festa pós-premiação. ■

A MARCHA DA INSENSATEZ

Quem são e como atuam os brasileiros que integram os movimentos contra as vacinas em operação no país, dando fôlego à volta de doenças que ameaçam a saúde de todos

PAULA FELIX

EGOÍSMO Protesto em São Paulo no início de fevereiro deste ano: o grito desmedido de um leigo contra um avanço da civilização

ANDRE PENNER/AP/IMAGEPLUS

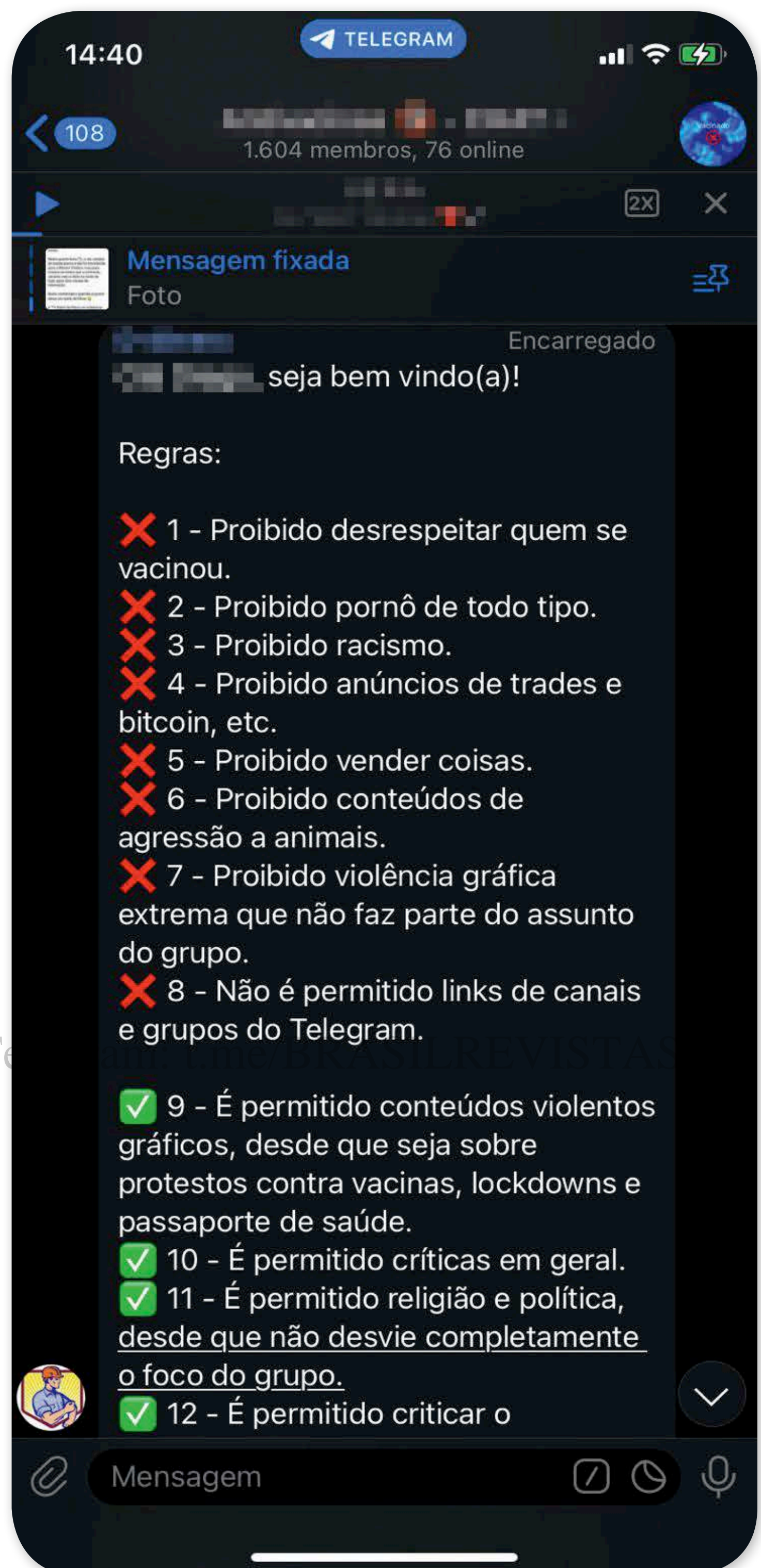
No livro *A Marcha da Insensatez*, a historiadora americana Barbara Wertheim Tuchman (1912-1989) mostrou de que maneira decisões equivocadas tomadas por governantes e sociedades — ou parte delas — resultaram em situações abomináveis. A obra se tornou uma referência a nos lembrar o que acontece quando a razão perde o lugar para a ignorância e hordas de provocadores parecem dominar a toada do cotidiano.

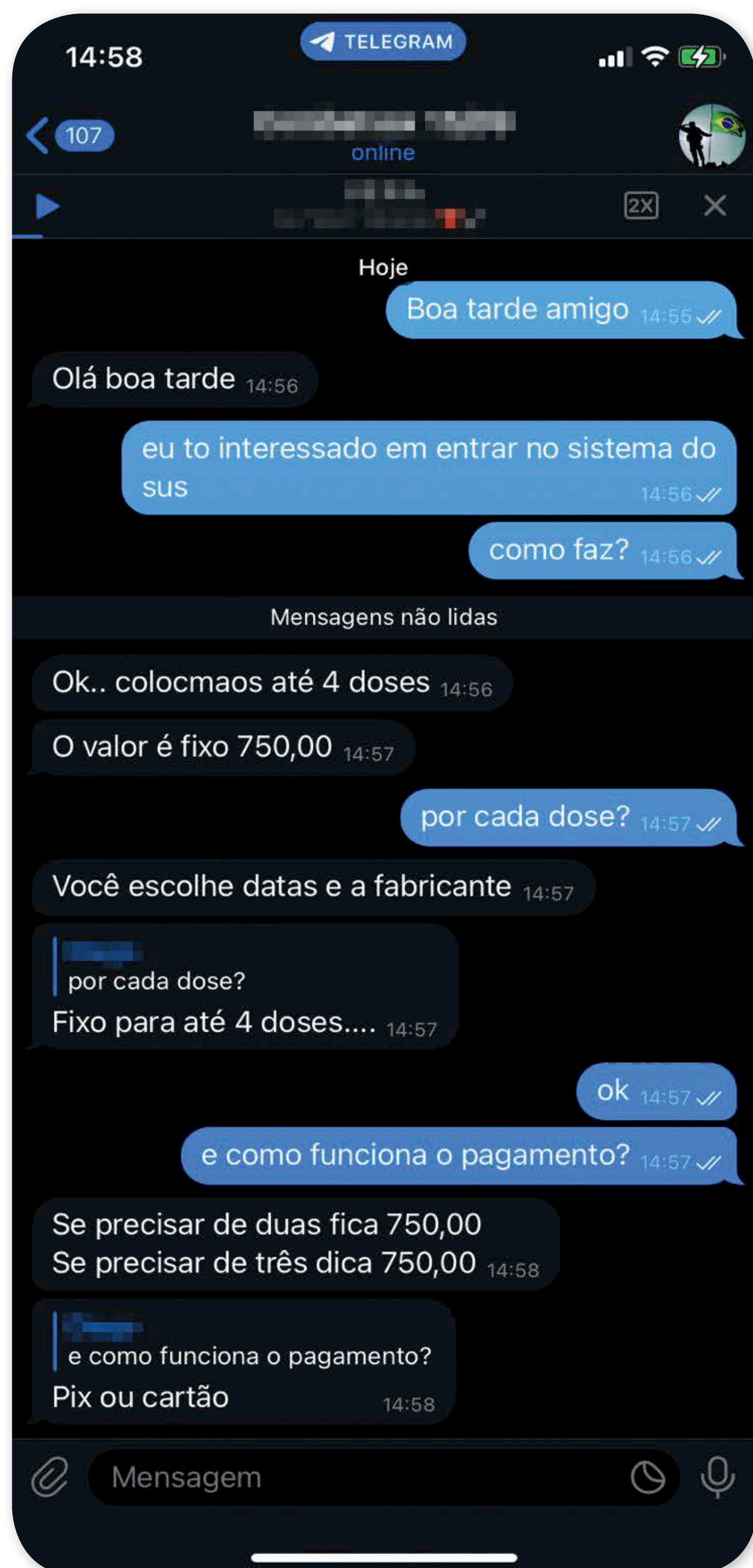
Infelizmente, o mundo, hoje, está imerso numa dessas ondas negacionistas, formada por indivíduos que, no campo da saúde, pretendem obstruir o avanço das vacinas. Nunca é demais repetir que os imunizantes têm papel es-

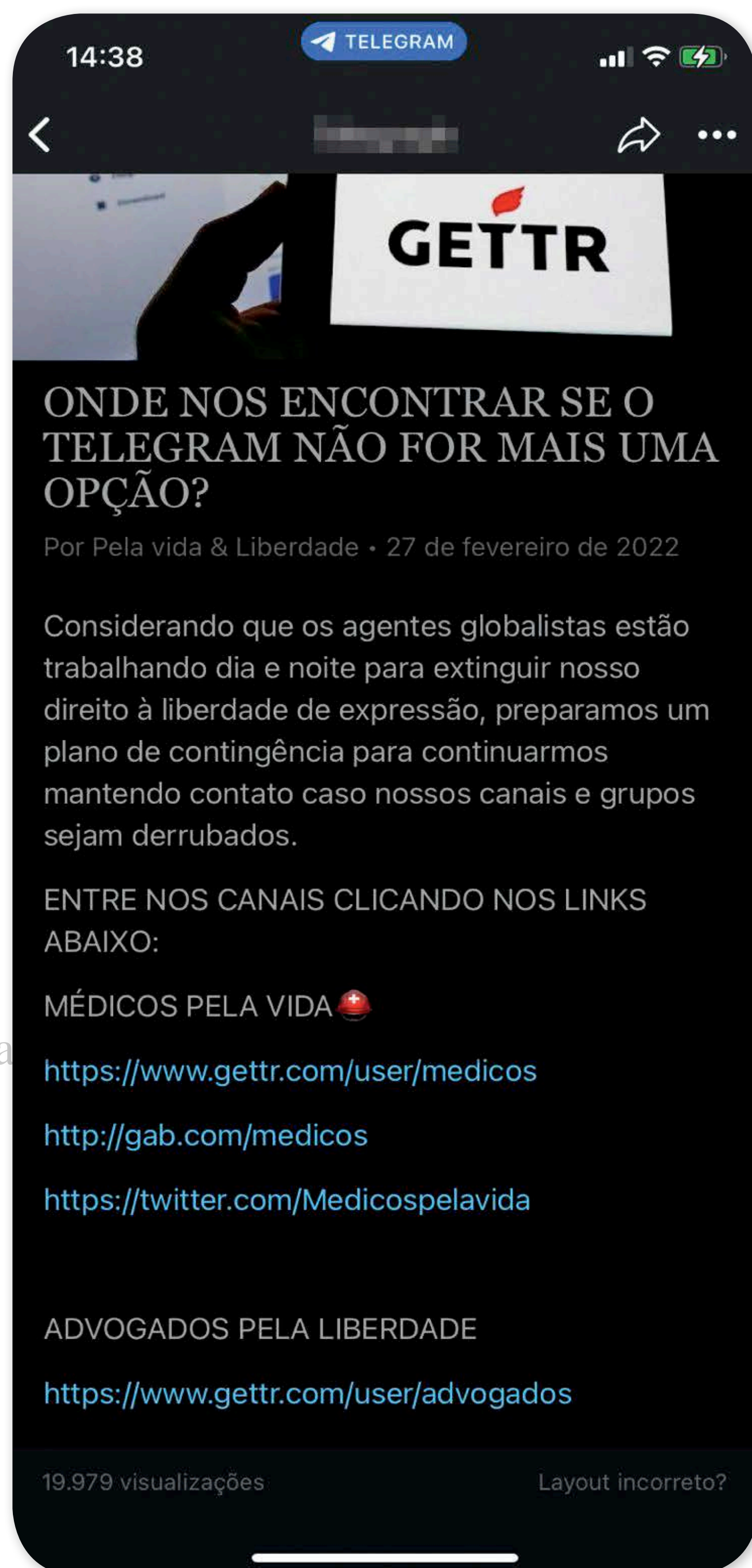
sencial na crescente expectativa de vida ao longo de décadas e são uma das mais relevantes criações da ciência atrelada à medicina. E, para que não reste dúvida: deve-se às vacinas contra o coronavírus a maior parte dos louros pela vitória sobre o vírus que agora se aproxima, como enfim anunciou, na quarta-feira 14, Tedros Adhanom, diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Contudo, como nota triste e inaceitável, na contramão do bom senso, o movimento dos antivacinas cresce em todo o mundo, inclusive no Brasil. Espalhados principalmente no ambiente digital, agem à sombra, de modo covarde. Iluminá-los, de modo a serem vistos, é postura civilizatória. Pesquisadores do Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação em Saúde mergulharam nas redes

DISSEMINAÇÃO VIRTUAL

A maioria dos antivacinas interage em grupos de conversa do Telegram. Abaixo, alguns dos diálogos trocados com a reportagem

VIOLÊNCIA LIBERADA

Na lista do que pode ser apresentado, estão "conteúdos violentos gráficos" sobre protestos contra vacinas, *lockdowns* e passaportes de imunização

QUER PAGAR COMO?

Neste grupo, compra-se passaporte de vacinação escolhendo o fabricante e as datas nas quais a pessoa teria sido imunizada. Aceitam Pix ou cartão

PLANO DE CONTINGÊNCIA

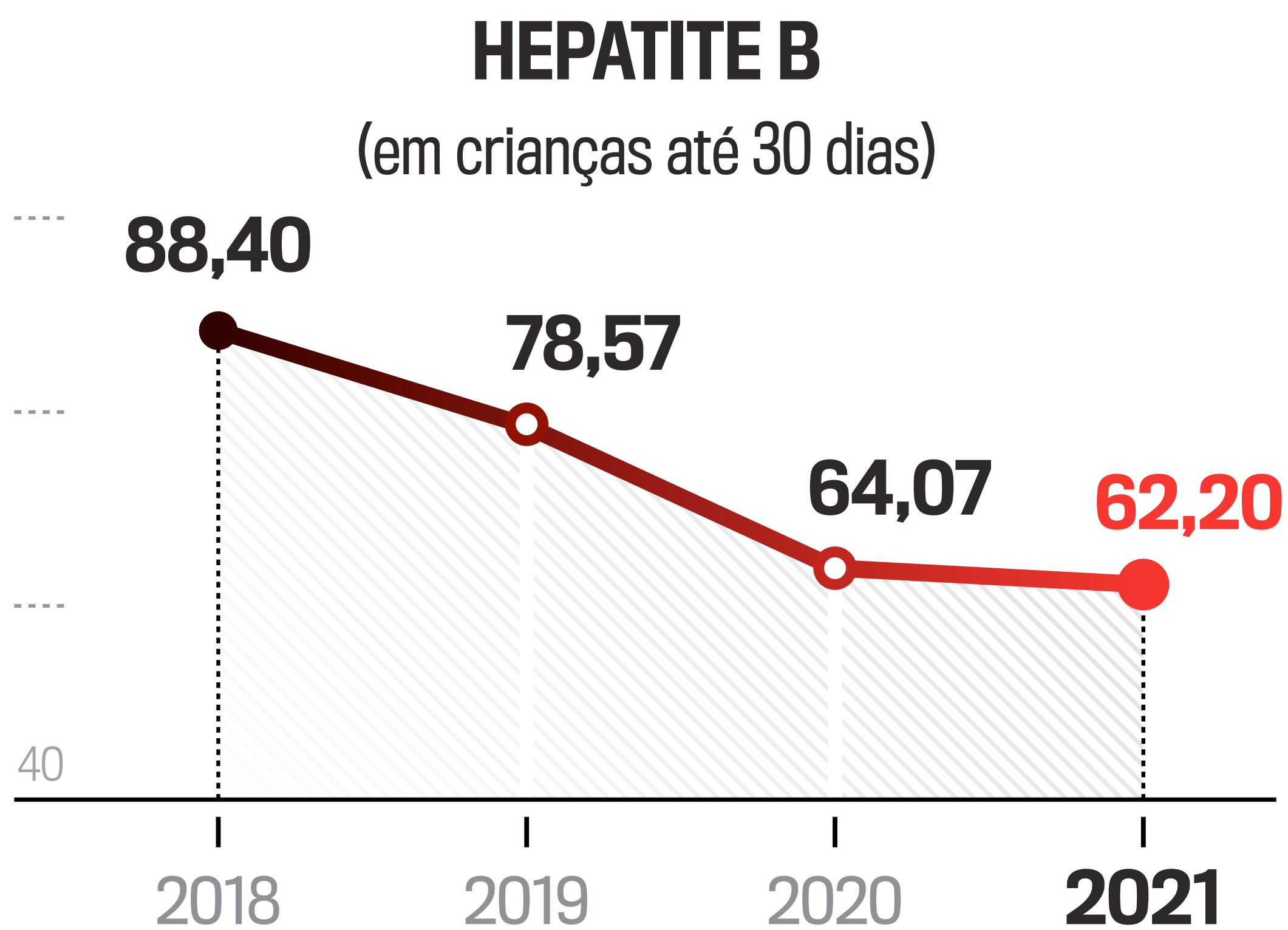
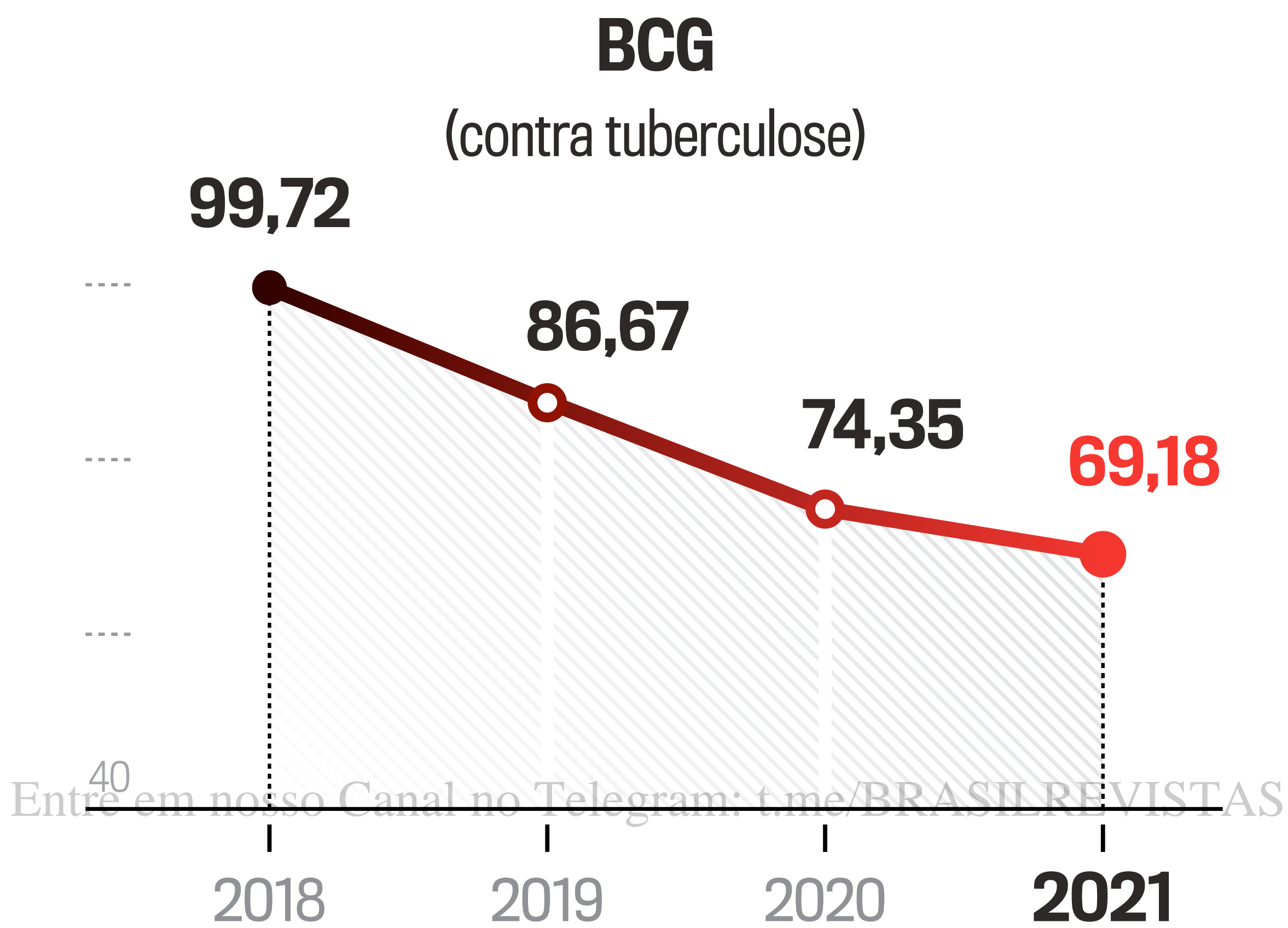
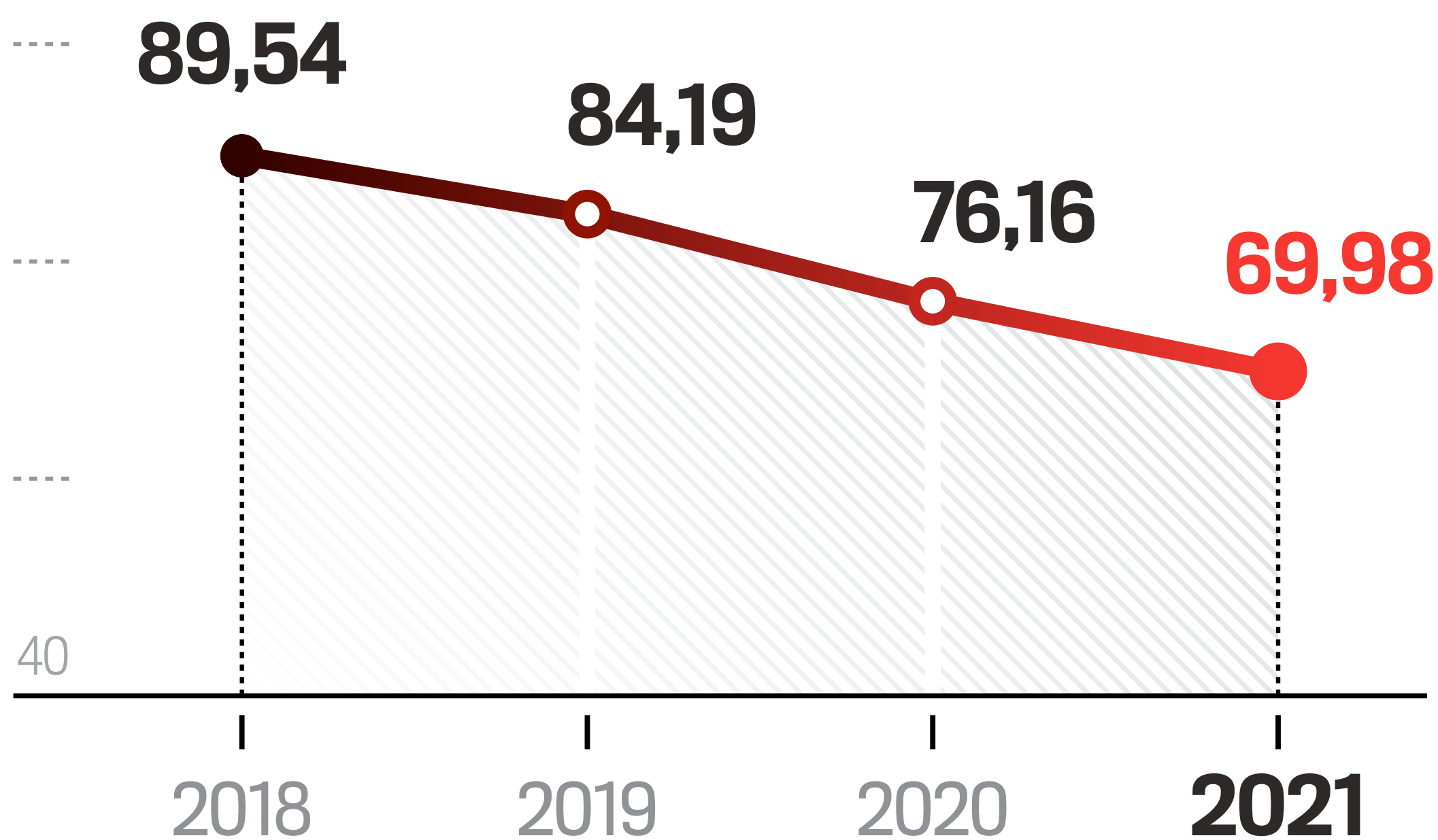
Os responsáveis dizem que "os agentes globalistas" tentam acabar com a liberdade de expressão e dão opções de canais caso não tenham o Telegram

sociais para estudar quem são e o que pregam os antivacinas brasileiros. Foram identificados 394 canais com conteúdo falso sobre imunizantes funcionando no Telegram, de longe o recurso mais usado. Em apenas 24 horas, 1 milhão de pessoas foram impactadas por mais de 14 000 mensagens compartilhadas. O teor dos comentários é um arsenal de tolices sem pé nem cabeça. Além de promoverem a multiplicação de erros grosseiros de todos os matizes — da ortografia à biologia —, os integrantes deturpam o que podem para convencer os incautos. “Há notícias tiradas de contexto ou apresentadas de forma distorcida”, diz a coordenadora da pesquisa, Adriana Ilha. “É a má informação que causa caos social.” Durante uma semana,

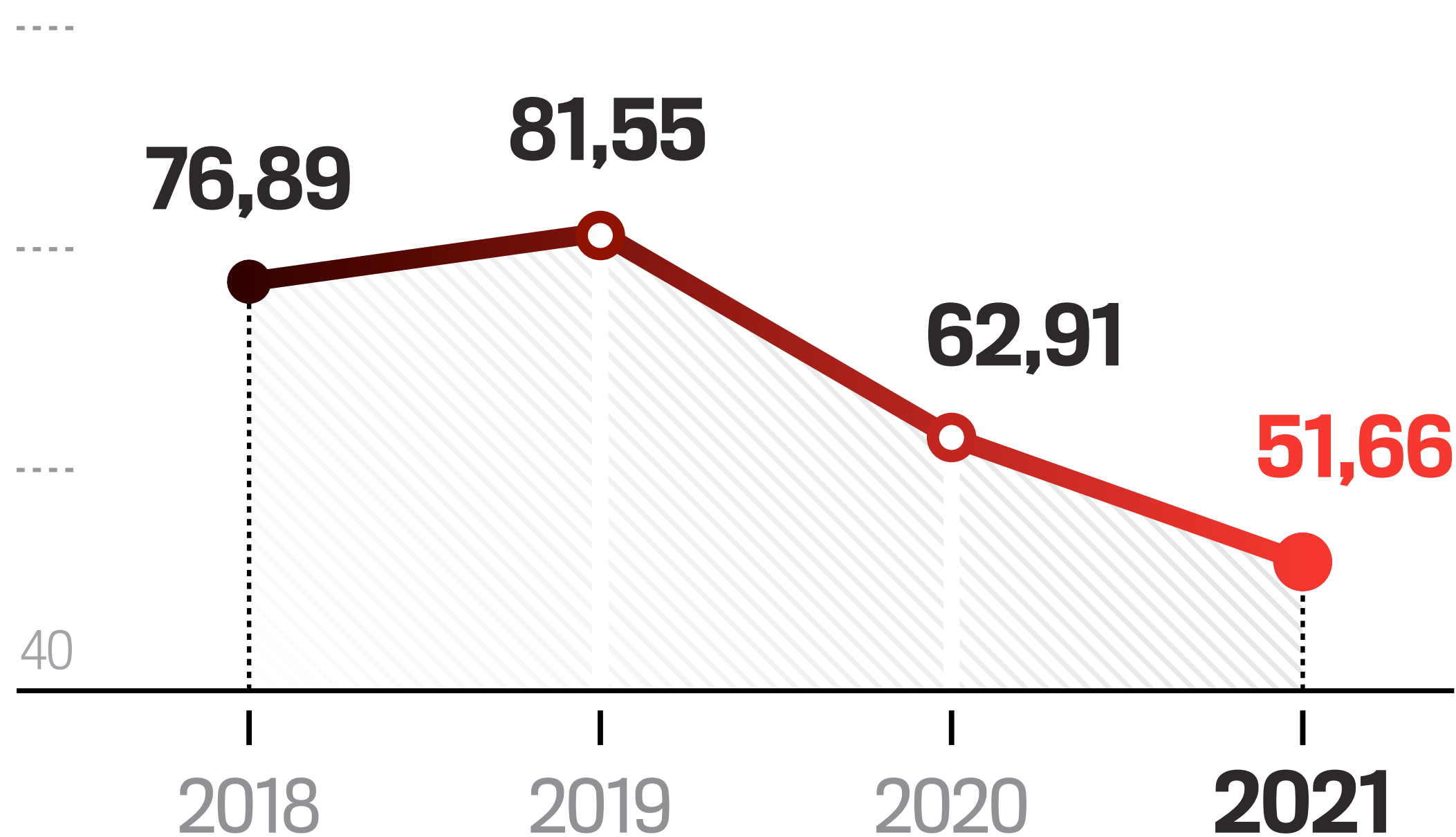
VEJA acompanhou a movimentação de alguns desses grupos no Telegram. Imagens de pessoas com mãos deformadas, órgãos ensanguentados e denúncias infundadas de sequelas atribuídas aos imunizantes surgem em meio a campanhas políticas e à oferta de falsos comprovantes de vacinação.

Com menos atividade nas plataformas eletrônicas, mas detentora de um site próprio, a Associação Médicos pela Vida também aparece no levantamento. Ela ganhou notoriedade depois de publicar um manifesto apoiando o ineficaz “kit Covid”, o suprassumo do tratamento precoce defendido pelo presidente Jair Bolsonaro. Um dos líderes do grupo é o cirurgião Eduardo Leite, de Feira de Santana, na Bahia. A briga, ele diz, é para contestar o uso da

QUEDA VERTIGINOSA

A cobertura dos principais imunizantes caiu no país nos últimos anos (em %)

POLIOMIELITE

TRÍPLICE VIRAL

Contra sarampo, caxumba e rubéola

(segunda dose)

Fonte: *Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI)*

vacina contra a Covid-19, especificamente. “Não faz sentido vacinar uma pessoa que já teve a doença”, diz. Se tivesse de fazer uma prova de infectologia, o médico tiraria zero. O fato de um indivíduo ter manifestado a doença não lhe garante imunidade. Há outros fatores envolvidos na resposta do sistema de defesa à invasão do corpo por um agente infeccioso. Portanto, ela tanto pode ser robusta quanto nula, e é por esse motivo que tomar a vacina, mesmo depois da doença, é fundamental.

Recentemente, representantes da associação estiveram no Conselho Federal de Medicina. Causa espanto que a entidade, cuja atribuição é regular a atividade médica segundo a luz da ciência, tenha recebido o grupo. Em nota, o CFM limitou-se a dizer que orienta os profissionais a reforçar a importância da vacinação junto à população. Por que perder tempo com quem prega politicamente e é contra os imunizantes?

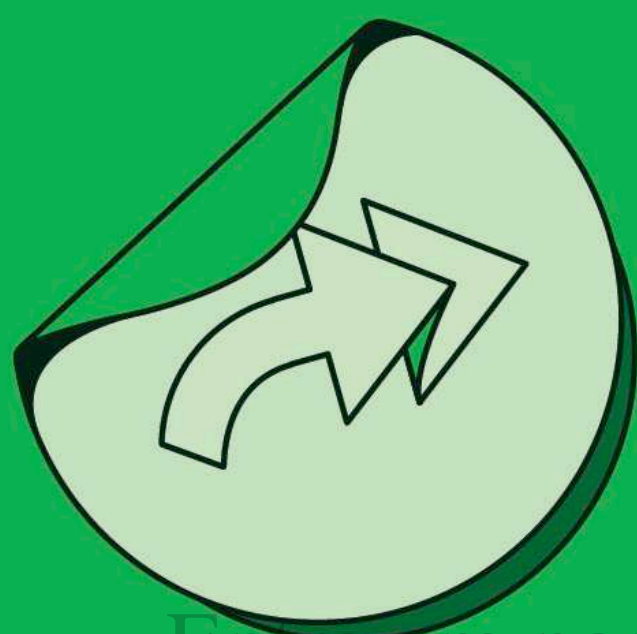
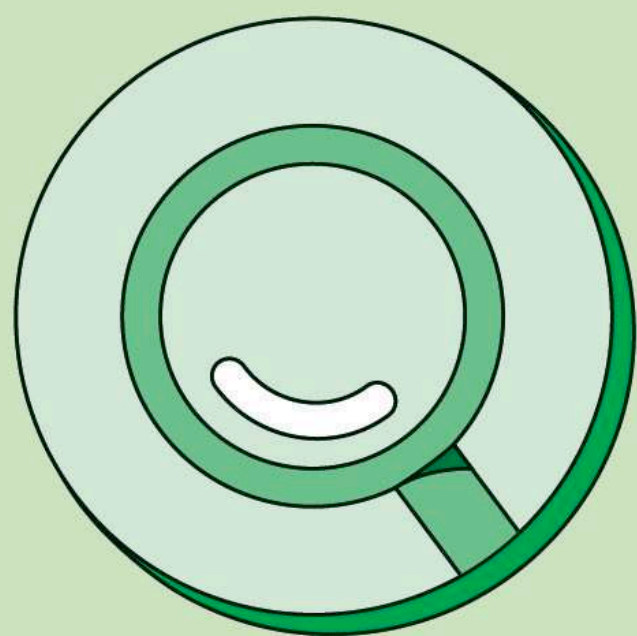
O minucioso levantamento aponta ainda a médica Maria Emilia Gadelha Serra, candidata a deputada federal por São Paulo pelo PRTB, como um dos expoentes do retrocesso. Defensora da ozonioterapia, técnica que não tem autorização de uso para o tratamento de nenhuma doença no Brasil, ela afirma que “as vacinas contra a Covid-19 são experimentais”, o que não é verdade. Seu nome está ligado a um episódio ocorrido no Acre, em 2015, quando adolescentes vacinadas contra o vírus HPV, o principal causador de câncer de colo do útero, apresentaram quadros de desmaios

LÚCIO B. JUNIOR/CÂMARA DOS DEPUTADOS

ATIVISMO A médica Maria Emilia: ação contínua desfavorável à vacina contra a Covid-19 baseada em falso argumento

e convulsões. Quatro anos depois, pesquisadores da Universidade de São Paulo comprovaram que as reações tinham fundo psíquico. Naquele momento, porém, a médica já era uma referência por lá e estruturava-se, em Rio Branco, a Associação Brasileira de Vítimas de Vacinas e Medicamentos. A entidade não atendeu a reportagem de VEJA. O psiquiatra José Gallucci-Neto, que atuou no estudo com as meninas, acompanha a expansão do movimento com preocupação. "Como o governo é abertamente antivacina e leva essas pessoas para dialogar no ministério, deu-se voz a pessoas que nunca trabalharam com imunizantes."

Ataques às vacinas insuflados pela ignorância são tão antigos quanto elas próprias. No Brasil, parte da população carioca se insurgiu contra a vacinação contra a varíola em 1904 no evento conhecido como Revolta da Vacina. Justo a varíola, responsável por milhões de mortes durante milênios. Mas o conhecimento venceu. Em 1980, a doença foi erradicada. Agora, graças ao crescimento de grupos que se proliferam como fungos na escuridão, o país vê ano a ano despencar as taxas de cobertura vacinal *(veja o quadro ao lado).* E doenças superadas voltam a fazer vítimas ou batem à porta. Eliminado em 2016, o sarampo ressurgiu. A poliomielite, sem caso no país desde 1994, ameaça retornar. Na semana passada, Nova York, nos Estados Unidos, declarou estado de emergência depois que o vírus da doença foi encontrado no esgoto. Em Londres foi assim também. O momento, portanto, é decisivo, e não pode haver espaço para marchas estúpidas. ■

Colaborou Diego Alejandro

SEAN GALLUP/GETTY IMAGES

2022 Trecho dos Alpes suíços em pleno derretimento: os moradores já sentem falta da abundância de neve para esquiar

MONTANHAS QUE SE MOVEM

O degelo cada vez mais intenso e prolongado dos picos nevados dos Alpes está deslocando fronteiras e pondo em risco as estações de esqui mais famosas do mundo **VITÓRIA BARRETO**

SEAN GALLUP/GETTY IMAGES

2016 A mesma paisagem em passado recente: o clássico cartão-postal reflete ano a ano as intensas mudanças climáticas

PARAÍSO dos alpinistas e dos esquiadores, os Alpes, maior e mais alta cadeia de montanhas da Europa, são cartão-postal dos mais conhecidos, celebrado em filmes e fotos turísticas pelas geleiras imponentes e neve a perder de vista. Infelizmente, é também um dos pontos do planeta que mais diretamente têm sentido os efeitos das mudanças climáticas em curso. Isso mesmo: os milenares picos alpinos, formados na última Era do Gelo, estão derretendo em ritmo acelerado, alterando a paisagem, causando acidentes e criando até al-

tercações geográficas — um grupo de especialistas dedica-se no momento a redefinir um pedaço da fronteira entre Suíça e Itália perdido no meio das águas.

As medições não deixam dúvida sobre o estreitamento da imensidão branca. “A massa de neve nos Alpes estava muito abaixo da média em abril”, afirma Andreas Linsbauer, pesquisador do Glacier Monitoring in Switzerland, sobre os dados obtidos no fim do inverno no Hemisfério Norte pela instituição que documenta e monitora as mudanças de longo prazo das geleiras nos Alpes. O verão, claro, intensificou a tendência: em um ano, constatou-se a perda de 400 milhões de toneladas de gelo — um montante que não será integralmente reposto.

O ponto de atrito fronteiriço é a bacia formada pelo degelo anual da geleira de Theodul, entre Itália e Suíça, 3 480 metros acima do nível do mar — a água escorria pelos dois lados, um em cada país, e a linha de fronteira passava bem no meio. A contínua redução da geleira, no entanto, alterou a localização da bacia a tal ponto que ameaça plantar o Rifugio Guide del Cervino, um albergue italiano no topo da montanha Testa Grigia, em território suíço. A VEJA, o topógrafo Alain Wicht, chefe da agência nacional de mapeamento da Suíça, confirmou que seu país negocia com os italianos a demarcação de uma nova fronteira. “Qualquer que seja o resultado, o refúgio deve permanecer italiano”, adianta. Segundo os cientistas que estudam as geleiras europeias, a neve do inverno dificilmente cairá em

ONDE FICA

Pontos críticos de derretimento das geleiras dos Alpes

volume suficiente para repor a perda registrada nos Alpes. “Ela foi intensa no ano hidrológico que começou em outubro de 2021 e acaba neste mês”, alerta Linsbauer.

Para piorar, intensas rajadas de vento depositaram nos Alpes a poeira vinda do Deserto do Saara e ela mudou a cor da neve para um marrom amarelado que acelera o derretimento, já que o branco reflete melhor o calor do sol. Além disso, desde maio o continente vem passando por inclementes ondas de calor que acirram o derretimento do gelo no alto das montanhas. Os últimos dados divulgados pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão da ONU, mostram que a temperatura nos picos gelados subiu 0,3 grau na última década, duas vezes mais rápido do que a

média global. Caso as mudanças climáticas não sejam combatidas, a previsão é que as geleiras dos Alpes definhem e desapareçam, vendo sumir mais de 80% de sua massa até 2100.

O desastre ambiental já causou acidentes e fatalidades em diversos trechos da cadeia de montanhas. Em julho, seis pessoas morreram em um deslizamento na banda italiana. Em agosto, dois atletas perderam a vida no Mont Blanc, a mais elevada montanha alpina: o corpo de um ultramaratonista brasileiro cuja identidade não foi divulgada, provavelmente devido à queda de uma ribanceira, e Adèle Milloz, 26 anos, campeã mundial de esqui, que escalava um flanco da montanha quando treinava, com uma colega que também morreu, para se tornar guia de montanhismo. A causa dos acidentes ainda está sendo investiga-

da, mas tudo aponta para a maior instabilidade do terreno devido às alterações climáticas. Os alpinistas têm sido alertados para adiar suas excursões por risco de avalanches das rochas expostas pelo degelo. Além disso, quem pretender subir até o topo do Mont Blanc a partir da Rota Goûter, a que sai da França, terá de pagar 15 000 euros (80 000 reais) para cobrir possíveis custos de resgate.

Os moradores das regiões montanhosas sentem as mudanças no seu cotidiano. "A neve que cai agora é diferente da de dez anos atrás. A gente esquiava até no verão. Agora, subimos 3 000 metros e nada", reclama o suíço-brasileiro Claudio Benchimol, 22 anos, que mora em Lausanne, na Suíça. Antes do calor atual, a Agência Europeia do Meio

Ambiente já calculava que, confirmando-se a previsão de aumento de 2 graus nos Alpes até 2050, apenas 61% das áreas próprias para esqui poderão ser consideradas confiáveis. Os otimistas observam, porém, que os verões mais quentes vão atrair turistas para as montanhas mesmo sem neve, em busca de temperaturas mais amenas. Os cientistas concordam em um ponto: a permanência das geleiras alpinas depende do cumprimento das metas de redução de carbono e de outras medidas contidas em acordos internacionais. Sem isso, é provável que vá tudo por água abaixo. ■

O VALOR DA CIÊNCIA

A China assume o papel de potência tecnológica que dita tendências ao superar os Estados Unidos em relevância de estudos e registros de patentes **ANDRÉ SOLLITTO**

CIDADE FUTURISTA Novo câmpus da Tencent, em Shenzhen: a estratégia do país é unir o governo com o setor privado

DIVULGAÇÃO/MVRDV

NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, a China ficou conhecida no imaginário do Ocidente como o país dos reis da imitação. De fato, dedicou-se durante boa parte do século XX a copiar o que outros faziam de melhor, seja na indústria automotiva, seja no ramo de jogos eletrônicos ou na fabricação de celulares. Na verdade, em qualquer área. A lógica funcionou por muito tempo, mas acabaria subvertida por um pilar ainda mais poderoso: inovação. Em nenhum outro lugar ela é um bem tão cultuado, a ponto de se tornar política de Estado. E como se produz inovação? Não há outro caminho a não ser pela ciência — e é exatamente nesse campo que os chineses estão deixando o planeta inteiro para trás.

Um estudo do Instituto Nacional de Política Científica e

Tecnológica do Japão descobriu que, entre 2018 e 2020, a China foi o país que mais realizou pesquisas científicas. Foram mais de 407 000 estudos, muito acima dos 293 000 artigos publicados em periódicos de relevância por americanos, que historicamente dominam esse ranking. Sozinha, a China foi responsável por 27,2% das pesquisas que estão no seletíssimo grupo das mais citadas do mundo, uma métrica que indica o respaldo e a relevância das investigações para outros cientistas. Não é só isso. Pelo terceiro ano consecutivo, em 2021 o gigante asiático superou os Estados Unidos em pedidos de patentes. Foram 69 540 solicitações ao Tratado de Cooperação em Matéria de Patentes, ante 59 570 dos americanos. No total, a China tem 75% de todas as patentes de inteligência artificial da última década e 40% das

ROMAN PILIPEY/EPA/EFE

AULA Universidade de Pequim: jovens são estimulados a trabalhar em startups

tecnologias relacionadas ao 6G, futuro sucessor da quinta geração de tecnologias de comunicação sem fio.

Não é de hoje a preocupação da China em estimular o desenvolvimento da ciência e tecnologia. Quando Deng Xiaoping (1904-1997) assumiu como líder máximo, em 1978, fez um discurso histórico conclamando os cientistas do país a buscar conhecimento de forma obsessiva. Mais de quarenta anos depois, o presidente Xi Jinping reforçou o compromisso. O recente Plano Quinquenal do governo chinês estabeleceu como meta alcançar, até 2025, grandes avanços em tecnologias essenciais nas áreas de energia, computação quântica, genética, biotecnologia e semicondutores.

Para isso, o mundo corporativo e as instituições de ensino têm papel vital. A empresa de tecnologia Tencent, dona do aplicativo de mensagens WeChat, se tornou uma das recordistas em depósito de patentes e está construindo um câm-

EM BUSCA DO CONHECIMENTO

Nenhuma outra nação tem investido tanto em áreas vitais para a economia

401 BILHÕES DE DÓLARES FOI QUANTO O PAÍS INJETOU EM 2021 EM PESQUISA E DESENVOLVIMENTO, O EQUIVALENTE A **2,4%** DO PIB

69 540 PEDIDOS DE **REGISTROS** DE PATENTES EM 2021. PELO TERCEIRO ANO CONSECUTIVO, A CHINA SUPEROU OS ESTADOS UNIDOS NESSE QUESITO

27,2% DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS MAIS CITADAS NO PLANETA ENTRE 2018 E 2020, LIDERANDO PELA PRIMEIRA VEZ ESSE RANKING. OS ESTADOS UNIDOS PUBLICARAM **24,9%** DAS PESQUISAS E O REINO UNIDO, **5,5%**

pus de 130 hectares em Shenzhen que deverá colocá-la em posição melhor para o despertar de inovações. O local, chamado Net City, terá como um de seus focos o desenvolvimento de sistemas inteligentes na área das comunicações. Por sua vez, as grandes universidades estimulam seus alunos a fazer intercâmbios internacionais e apoiam o ingresso precoce deles no mercado de trabalho, especialmente em startups.

Para obter vantagens competitivas, exige-se obviamente grande injeção de recursos. Em 2021, a China investiu o equivalente a 2 trilhões de reais em pesquisa e desenvolvimento — o volume equivale a quase um quarto de todo o PIB brasileiro. "Não é possível estimular a inovação sem boas políticas públicas", afirma o professor Evandro Menezes de Carvalho, coordenador do núcleo de estudos Brasil-China da FGV Direito Rio. De fato, a inovação se tornou uma política de Estado. Para estimular o empreendedorismo na área de ciências, o governo lançou um programa de subsídios à pesquisa que concede prêmios em dinheiro a empresas que mais depositam patentes. Com isso, criou-se no país um ambiente favorável à inovação. O avanço aparentemente irrefreável da China preocupa outras nações. No fim de agosto, o presidente americano Joe Biden lançou o programa Chips and Science Act, que consiste no desembolso de 52 bilhões de dólares para a indústria de semicondutores, dependente demais dos chineses. Na velocidade com que a China vem se transformando numa potência tecnológica, a resposta pode ter chegado tarde demais. ■

VÍCIO MALDITO

O hábito de ler compulsivamente notícias trágicas se disseminou com o advento das redes sociais e agora representa um sério risco para a saúde física e mental **ANDRÉ SOLLITTO**

NA TELA Obsessão por desgraças: conhecido como *doomscrolling,* fenômeno afeta boa parte da população

GEORGI JEVIC/GETTY IMAGES

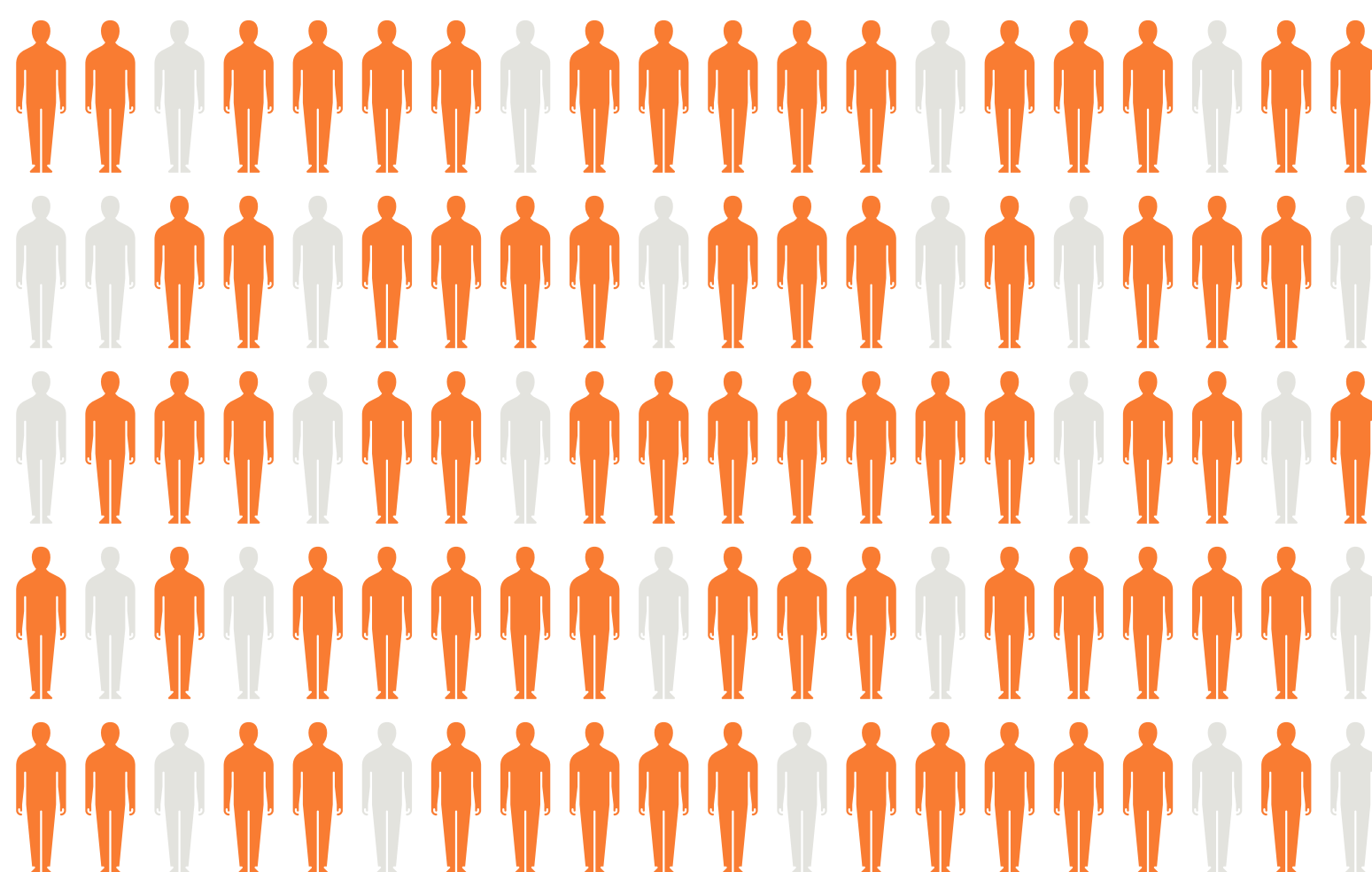
UMA VELHA máxima entre editores de telejornais diz que, se a audiência está ruim, basta encontrar uma desgraça por aí que o público jamais acionará o controle remoto. Seja para saciar a curiosidade, seja para aplacar algum tipo de perversão, a verdade é que notícias negativas — especialmente aquelas carregadas de drama — costumam cativar multidões. Na era das redes sociais, as catástrofes estão por toda parte. Basta dar uma espiada no Facebook, Twitter, Instagram ou TikTok para ver cenas horripilantes de guerras, incêndios, desabamentos e assaltos à mão armada, entre muitas outras. Pancadarias, inclusive aquelas na arena política, são campeãs na preferência das pessoas. O fenômeno ganhou tamanho impul-

so que agora há um termo em inglês para designar o vício em tragédias: *doomscrolling.* Trata-se, em resumo, da "tendência de continuar navegando ou percorrendo notícias ruins, mesmo que elas sejam tristes, desanimadoras ou deprimentes", de acordo com o verbete do dicionário *Merriam-Webster.* A má notícia — garantimos que a nossa intenção não é fazer alarde — é que o *doomscrolling* provoca estragos na saúde física e mental.

Cientistas da Universidade Texas Tech, nos Estados Unidos, constataram que 16,5% dos americanos são plenamente viciados em notícias perturbadoras. Outros 27% manifestaram dependência moderada. "O noticiário 24 horas por dia pode provocar um estado constante de alerta em algumas pessoas, fazendo com que o mundo pareça

CICLO PERIGOSO

Como o problema afeta a saúde

74%

DAS PESSOAS VICIADAS EM NOTÍCIAS TRÁGICAS SOFREM DE ANSIEDADE E ESTRESSE

+

61%

TÊM PROBLEMAS FÍSICOS, COMO FADIGA, DORES PELO CORPO E DESCONFORTO GASTRINTESTINAL

Fonte: *Texas Tech University*

um lugar extremamente perigoso", escreveu o professor Bryan McLaughlin, principal autor da pesquisa. O efeito do comportamento compulsivo é alarmante. Os dados da universidade mostram que 74% daqueles com vício grave apresentam problemas de saúde mental, como ansiedade, estresse e dificuldade em se desconectar do noticiário. E 61% desenvolvem danos físicos, como fadiga, dores pelo corpo e desconforto gastrintestinal.

Estudos anteriores chegaram a conclusões parecidas. Pouco tempo atrás, a psicóloga Roxane Cohen Silver, da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, descobriu que, após o atentado à Maratona de Boston, pessoas que acompanharam ao menos seis horas de cobertura de notícias relacionadas manifestaram estresse mais agudo do que aquelas que estavam na linha de chegada da corrida, onde as bombas explodiram.

Buscar informações é um comportamento natural dos humanos, principalmente em tempos de crise. Faz parte do senso coletivo de sobrevivência conhecer a realidade e se preparar para encarar a existência da melhor forma possível. Portanto, evitar o consumo de notícias trágicas não é uma maneira eficaz de evitar a prática do *doomscrolling*. Na verdade, manter-se alienado é igualmente danoso, porque impediria que as pessoas descobrissem o que é perigoso de fato.

Os pesquisadores recomendam o equilíbrio — é preciso ser bem informado, mas não ficar "fissurado" pelos flage-

STEPHEN LAM/SFC/AP/IMAGEPLUS

SOBREVIVÊNCIA Incêndio na Califórnia: imagens assim cativam multidões

los expostos cotidianamente nas redes sociais. Em estudo publicado em janeiro deste ano, a pesquisadora de mídias digitais Kate Mannell, da Universidade Deakin, na Austrália, percebeu que limitar o consumo de notícias trágicas no auge da pandemia, quando o país impôs o *lockdown* mais rígido, contribuiu para o bem-estar dos entrevistados. Aqueles que deram preferência a informações oficiais e reduziram o tempo gasto com conteúdos trágicos apresentaram maior calma e menor distração nos afazeres domésti-

cos e no trabalho. Cada um pode estabelecer regras particulares, como dedicar um único período do dia ao consumo desse tipo de conteúdo ou selecionar um número de fontes confiáveis.

Nem sempre é fácil seguir a estratégia, até porque as redes sociais se tornaram onipresentes. Ter um smartphone em mãos, afinal, costuma escancarar o acesso a calamidades de todo tipo. A boa notícia — e não é que esta reportagem pode ser edificante? — é que a ciência tem se debruçado sobre o tema, o que certamente resultará em diagnósticos mais precisos do problema e maneiras de combatê-lo. Enquanto isso, o segredo pode ser deixar as redes sociais um pouco de lado. O ciclo de péssimas notícias continuará.

Entre casos de varíola dos macacos, emergências climáticas e outros temas apavorantes, o mundo vive um período de instabilidade. O jeito é respirar fundo e não ficar obcecado pelos aspectos negativos da vida. ■

O SONHO NAUFRAGOU

O Global Dream II, o maior navio de cruzeiros do mundo, zarparia — mas a falência da empresa de Hong Kong que o controlava pode levar a viagem inaugural para um ferro-velho **FÁBIO ALTMAN**

ILUSÃO Imponente, em teste no Báltico: o destino inelutável e inglório de um colosso do mar

MV WERFTEN

ERA PARA SER inigualável, um assombro a singrar os mares, o maior de todos os navios comerciais do mundo. O Global Dream II, da holding Genting Hong Kong, construído no estaleiro alemão MV Werten, no Mar Báltico, próximo a Rostock, começou a ser montado em 2019 para ter 342 metros de comprimento, 2 500 cabines e capacidade para 9 000 passageiros. Ostentaria um cinema imenso como os de Los Angeles, cassinos, piscinas, quartos com temperatura e iluminação controladas por smartphone e uma montanha-russa — sim uma montanha-russa! — de tirar o fôlego. O custo da brincadeira, celebrado com pompa e circunstância porque, entre as embarcações de cruzeiros, dinheiro (além do tamanho) é documento: o equivalente a 7,2 bilhões de reais.

Corria tudo bem, agências de turismo começavam a vender os pacotes de viagem para o início de 2022, até que o sonho virou pesadelo, e o gigante encontrou seu iceberg particular: a falência da operadora. A companhia foi uma das vítimas da quarentena rigorosa e necessária, apesar de destruidora, imposta pela Covid-19. Como resultado, o acabamento foi interrompido no fim de 2020 (faltavam ainda 30% para a finalização), operários tiveram de ser demitidos, e o navio ficou preso entre andaimes, à procura de um xadrez financeiro que não apareceu. O administrador da massa falida, Carsten Haake, da MV Werten, busca compradores, que sumiram. “Não temos pressa, nosso objetivo é conseguir o preço mais alto”, diz Haake. Pensou-se

JENS BÜTTNER/GETTY IMAGES

TRISTEZA Entre quatro paredes: o destino fatal pode vir a ser o desmanche

em leilão, mas não vingou. A ruidosa e dramática solução, caso não apareçam interessados, pode ser o desmanche — e a viagem inaugural seria para um ferro-velho, triste e inelutavelmente. Como não é equipado para enfrentar guerras, e portanto não pode receber armamentos, tanques e aviões, como se imaginou como acerto desesperado, o colosso terá de ser desmontado. Seu irmão, o Global Dream, que já estava pronto, teve melhor sorte, conseguiu um comprador, e pode até sobreviver.

JENS BÜTTNER/GETTY IMAGES

TENTATIVA O alemão Carsten Haake, do estaleiro falido: busca por comprador

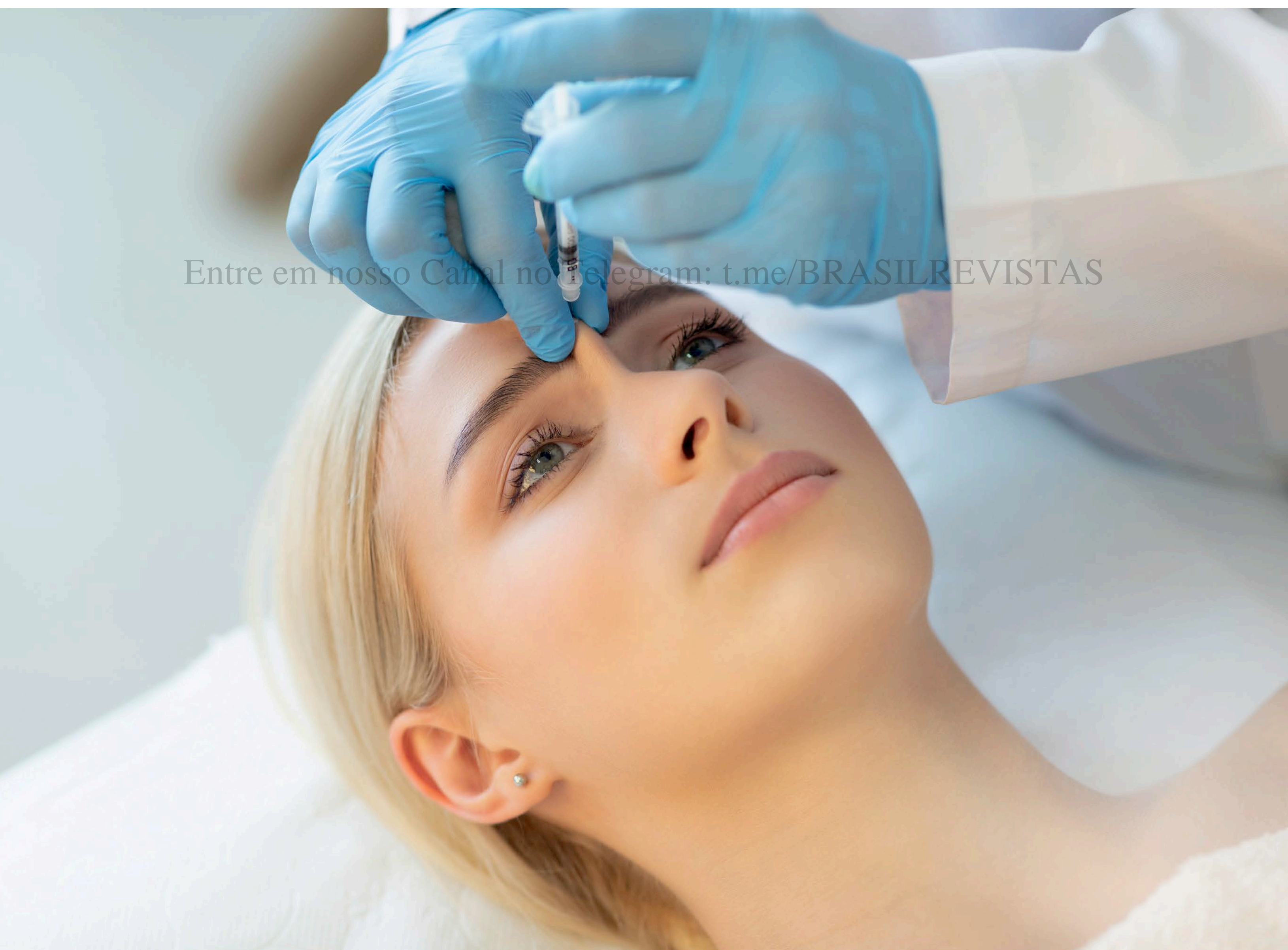
O sonho naufragado do Global Dream II deixou o Wonder of the Seas, baluarte da frota da Royal Caribbean, como o recordista mundial em tamanho. Ele tem 362 metros de comprimento e 64 de largura, podendo acomodar 6 988 turistas e 2 300 tripulantes. É o equivalente a cinco Titanic, o mais célebre e azarado dos transatlânticos, que naufragou em 1912, no Atlântico Norte. Virou estrela do verão europeu, indício de que o mercado de cruzeiros voltou a ganhar tração — apesar do susto com o navio que estava

fadado a brilhar, o número 1, e que muito provavelmente nunca mais verá a luz do dia. O que fazer? Deixá-lo de lado, como exceção, e olhar para o vasto horizonte.

No Brasil, há ânimo renovado, depois da pandemia. Estima-se que na temporada de 2022 e 2023, que começa no fim de outubro e vai até abril do ano que vem, circulem pelas águas de cá pelo menos 780 000 leitos, em uma alta de 47% em relação ao que foi ofertado na temporada de 2019 e 2020, antes portanto do vírus que reinventou nossa vida. O crescimento é estrada para a criação de 44 000 empregos no país e um impacto de 3,8 bilhões de reais na economia. É alvissareiro, em toada semelhante ao resto do mundo, que busca voltar a viver como antes do tempo trancado em casa, por imposição sanitária. O Global Dream II, tudo levar a crer, pode vir a ser apenas o exemplo ao avesso em mar azul. ■

UM RIVAL PARA O BOTOX

Os Estados Unidos anunciaram a aprovação de uma toxina botulínica que promete apagar as rugas por até nove meses, bem mais tempo do que o famoso concorrente

DIEGO ALEJANDRO

EFEITO Injeção na testa: a substância impede a contração muscular, atenuando linhas de expressão

ISTOCK/GETTY IMAGES

EM 1987, um casal de médicos canadenses fez uma descoberta acidental. A oftalmologista Jean Carruthers estava usando oculinum, uma toxina botulínica, para tratar uma paciente que sofria de uma condição caracterizada pela contração involuntária da pálpebra. A cliente, contudo, reclamou quando Jean não injetou a toxina na testa, porque, segundo ela, o produto fazia desaparecer suas rugas de expressão. Jean levou a notícia ao marido, o dermatologista Alastair Carruthers. O casal foi investigar e produziu um estudo sobre o efeito cosmético da substância que seria publicado cinco anos depois. O casal, porém, não patenteou a invenção. A empresa Allergan, que havia comprado os direitos da oculinum, o fez e, posteriormente, lançou o Botox

Cosmetic, renomeando sua aquisição. No mesmo ano da publicação da pesquisa dos Carruthers, em 1992, a Food and Drug Admistration (FDA), agência regulatória americana, anunciou a liberação do Botox para tratar temporariamente linhas de expressão leves e moderadas.

O resto, como se sabe, é história, e das mais bem-sucedidas no campo dos negócios. Hoje, o produto é usado em 98 países, com 100 milhões de frascos vendidos desde 2002 somente nos Estados Unidos. Atualmente, junto com outras marcas da toxina, o Botox alimenta um mercado avaliado em 7 bilhões de dólares em 2021 e com projeção de crescimento para mais de 14 bilhões de dólares até 2030. Só o Botox responde por 76% das vendas no segmento. Números tão ostensivos renderam a compra da Allergan pela empresa

CADA VEZ MAIS LISINHA
O mercado de toxina botulínica duplicará até o fim da década (em dólares)
14,7 BILHÕES
7,3 BILHÕES
CRESCIMENTO ANUAL
8%
2021
2030*
* Projeção
Fonte: Verified Market Research

AbbVie por 63 bilhões de dólares, em 2019. Um pouco menos do que o PIB da Angola de 2022.

REVANCE THERAPEUTICS

EXPECTATIVA
Daxxify, o novo produto: ainda sem preço

Na semana passada, no entanto, foi aprovado nos Estados Unidos um produto apresentado como o primeiro a desafiar o império do Botox. Chamado de Daxxify, ele é fabricado pela farmacêutica americana Revance Therapeutics. Chega às prateleiras com o apelo de ser a toxina botulínica com efeito mais duradouro do segmento. De acordo com a empresa, as rugas somem do rosto por até nove meses, bem mais do que os quatro garantidos pelos outros produtos. Assim que a aprovação foi anunciada, na quarta-feira 7, um paralelo foi traçado. Alguns apontaram a novidade como a rival do Botox e outros, mais ousados, cunharam-na de Botox-Killer (Matador de Botox, em livre tradução).

Como qualquer marca de toxina botulínica, o Daxxify age fazendo um bloqueio neuromuscular. É essa ação que impede a contração dos músculos, garantindo a atenuação ou o desaparecimento das rugas. O segredo da duração mais longa do impacto do produto agora liberado estaria na inclusão de substâncias que não provocam o sistema de defesa do corpo a reagir, o que ocasionaria a mobilização das células contra a toxina. “Não há risco de ocorrer into-

lerância, ou seja, de ele ser repelido”, explica a dermatologista Karine Cade, da Sociedade Brasileira de Cirurgia Dermatológica. “Por essa razão, torna-se mais duradouro.”

A chegada do Daxxify era aguardada pelos especialistas e está cercada de expectativa. Contudo, como recomenda a sabedoria, é sempre bom esperar um pouco mais para saber se ele de fato cumprirá o que promete. Nos estudos submetidos ao FDA durante o processo de aprovação, houve demonstração de eficácia e o diferencial de tempo de duração que tanto entusiasmam. “Se a eficiência for mesmo como estão anunciando, com certeza o Daxxify vai entrar para dividir o bolo do mercado da toxina”, considera a dermatologista Luciana Garbelini, integrante da Sociedade Brasileira de Dermatologia.

A FDA, não custa lembrar, é uma das agências reguladoras mais respeitadas e rigorosas do mundo. Dito isso, portanto, se o Daxxify passou pelo crivo dos especialistas americanos, é de esperar que, de fato, entregue o que propagandeia — ainda que a cautela seja um impositivo. De todo modo, fica a curiosidade sobre como se dará a briga entre empresas de portes tão diferentes quanto a Revance, com 500 funcionários e faturamento de 78 milhões de dólares no ano passado, e a todo-poderosa AbbVie — somente nos primeiros seis meses deste ano as vendas de Botox para uso cosmético chegaram a 862 milhões de dólares. Será o Davi contra Golias do universo da beleza. Sem rugas de preocupação, é claro. ■

CAMPEÕES DE AUDIÊNCIA

Séries e documentários sobre esporte viram febre nas plataformas de streaming. O segredo está em humanizar os personagens, inclusive os derrotados

LUIZ FELIPE CASTRO

INTIMIDADE Serena Williams e a filha Alexis: série indicada ao Emmy acompanha gravidez e retorno às quadras da tenista

HBO

POUCO ANTES de a televisão se popularizar como fenômeno de massa, o escritor americano Joseph Campbell (1904-1987) escreveu o clássico *O Herói de Mil Faces*, de 1949. Ao analisar a técnica empregada na construção de lendas, mitos e fábulas antigas, Campbell desenhou um modelo narrativo, cuja aventura dos personagens passava invariavelmente por toda sorte de percalços até o momento da redenção. Consagrada na ficção, a fórmula é amplamente observada na vida real — e especialmente no meio esportivo. Não à toa, cada vez mais as plataformas de streaming investem nesse segmento com a produção de séries e documentários sobre atletas em atividade ou aposentados, famosos ou nem tanto, heróis ou vilões.

Basta um breve passeio pelas telas de Netflix, Prime Video,

HBO Max, Disney+ ou Globoplay para perceber como o cardápio esportivo anda cada vez mais variado. Seja de futebol, basquete, tênis ou mesmo modalidades menos tradicionais, o fundamental é haver uma boa história a ser contada. Michael Jordan e a pandemia tiveram papel especial no desabrochar da tendência. A série *The Last Dance*, sobre a temporada de 1998 do Chicago Bulls, estreou em abril de 2020, durante o período mais rígido do *lockdown*, quando todos buscavam um refúgio para o tédio. A obra premiada com um Emmy de melhor produção não ficcional daquele ano contou com mais de 100 entrevistas — até Barack Obama quis falar sobre sua paixão por MJ e pelos Bulls — e foi um ponto de virada na indústria.

Outro caso emblemático é o da série *Drive to Survive*, que mostra os bastidores da Fórmula 1 e ajudou a rejuvenescer o

NETFLIX

O CASO FIGO: A TRANSFERÊNCIA QUE MUDOU O FUTEBOL

O documentário, que estreou em agosto, mostra como se deu a venda de Luís Figo, ídolo português do Barcelona, ao rival Real Madrid, no ano 2000

grupo de fãs de corridas, com um boom especial entre a audiência feminina. “Esse tipo de produto já existia, mas dentro de uma programação de TV linear, com hora marcada para assistir, e portanto não retinha tanta audiência”, diz Bruno Maia, CEO da startup Feel The Match, especializada na criação de conteúdo no segmento esportivo. “Com o avanço do streaming e de um comportamento cada vez mais customizado do consumo, em que a pessoa escolhe o que quer e quando quer ver, abriu-se um universo de opções.” Nos moldes de *Last Dance,* Maia produziu a série *Romário, o Cara*, prevista para estrear em 2023, sobre a carreira do marrento craque do tetra em 1994. Ele garante: o Bai-

NETFLIX

F1: DRIVE TO SURVIVE (DIRIGIR PARA VIVER)

O sucesso da série ajudou a Fórmula 1 a aumentar em 77% o interesse de pessoas entre 17 e 35 anos sobre a modalidade, de acordo com a Nielsen

xinho não vetou nenhum assunto ou fonte e até indicou pessoas que poderiam falar mal dele para enriquecer a trama.

Uma das chaves do êxito do formato é explorar não apenas o mito dos vitoriosos, mas o drama dos derrotados. Há uma série dedicada aos perdedores, chamada *Losers,* outra sobre o calvário do tenista americano Mardy Fish, além de saborosos bastidores de vestiários em crise nas séries da saga *All or Nothing*, que passou por clubes como Manchester City e Juventus. Os algoritmos de recomendação, cada vez mais eficientes, também ajudam a consolidar o gênero.

A cineasta Susanna Lira se diz surpresa com o fascínio que o esporte provoca depois de ter produzido séries so-

NETFLIX

THE LAST DANCE (ARREMESSO FINAL)

Um divisor de águas para a indústria, a série sobre Michael Jordan e o Chicago Bulls foi vista por 30 milhões de pessoas meses após seu lançamento

bre os ex-atacantes Walter Casagrande e Adriano. Segundo ela, convencer os personagens a expor suas fragilidades requer tato. “Não ser chapa-branca é ser honesto, pois não tem como contar histórias como essas sem tocar em aspectos sensíveis”, diz. Há casos em que o biografado visa, sobretudo, a eternizar seus feitos e expô-los a novas gerações. Um bom exemplo é *O Caso Figo*, em que diversos entrevistados perseguem o papel de protagonista. Mas não se trata apenas de mera vaidade. “Vejo neles um desejo de fazer justiça com a própria história e deixar um legado”, pontua a cineasta. Para quem curte esportes e jornadas do herói, opções não faltam. ■

A ERA DOS REMAKES

Games que fizeram sucesso no passado são recriados com recursos da tecnologia atual, cativam uma nova geração de jogadores e mantêm a indústria em alta **ANDRÉ SOLLITTO**

DO ZERO *The Last of Us Part I:* os gráficos foram refeitos, mas a história original acabou mantida

SONY INTERACTIVE

DURANTE muito tempo, o jogador interessado em conhecer alguns dos games mais badalados das últimas décadas deveria se satisfazer com gráficos e controles que pareciam saídos da idade da pedra. Os que se arriscavam a desbravar plataformas antigas enfrentavam visual ultrapassado, pixels pobrezinhos e movimentação confusa — e algumas vezes até indecifrável — de personagens. Recentemente, contudo, a indústria descobriu que havia nesse espectro um campo a ser explorado. Em vez de apenas relançar ícones do passado, decidiu-se por remasterizações e remakes suportados por tecnologias atuais. O resultado são clássicos de vota ao jogo, mas agora enriquecidos com os recursos da nova era digital.

O caso mais expressivo da leva de recriações é *The Last of Us Part I.* O título original retratava a história de Joel, um americano que recebe a missão de escoltar a adolescente Ellie em um cenário apocalíptico em que humanos foram infectados por fungos. Lançado em 2013, transformou-se em um clássico instantâneo, elogiado pela história envolvente e personagens carismáticos. Quase uma década depois, ganhou uma continuação, *The Last of Us Part II,* e em breve terá versão para a TV a ser exibida pela HBO. "Com tantos novos fãs se interessando pela história de Joel e Ellie, sabíamos que um jogo de dez anos atrás não representaria uma experiência moderna", disse a VEJA Matthew Gallant, diretor do jogo. "A história continua incrível, mas todo o resto parecia datado."

ELECTRONIC ARTS

RPG SCI-FI A trilogia *Mass Effect:* refeita quase quinze anos após o lançamento

Para atualizar o projeto, foi preciso recriá-lo do zero, com novas mecânicas e visual repaginado, mas ao mesmo tempo manter o espírito e a história originais. “Quando lançamos o título para o PlayStation 3, tivemos pela frente as limitações técnicas da época”, diz Shaun Escayg, diretor criativo do remake. “Agora, pudemos explorar todos os pequenos detalhes.” A estratégia funcionou: o renascimento do game resultou em 10 milhões de unidades vendidas no mundo, o que o colocou entre os campeões na preferência do público.

O maior desafio dos remakes é manter a essência da versão anterior e assegurar que os antigos jogadores não se sintam traídos enquanto novos gamers são conquistados. O

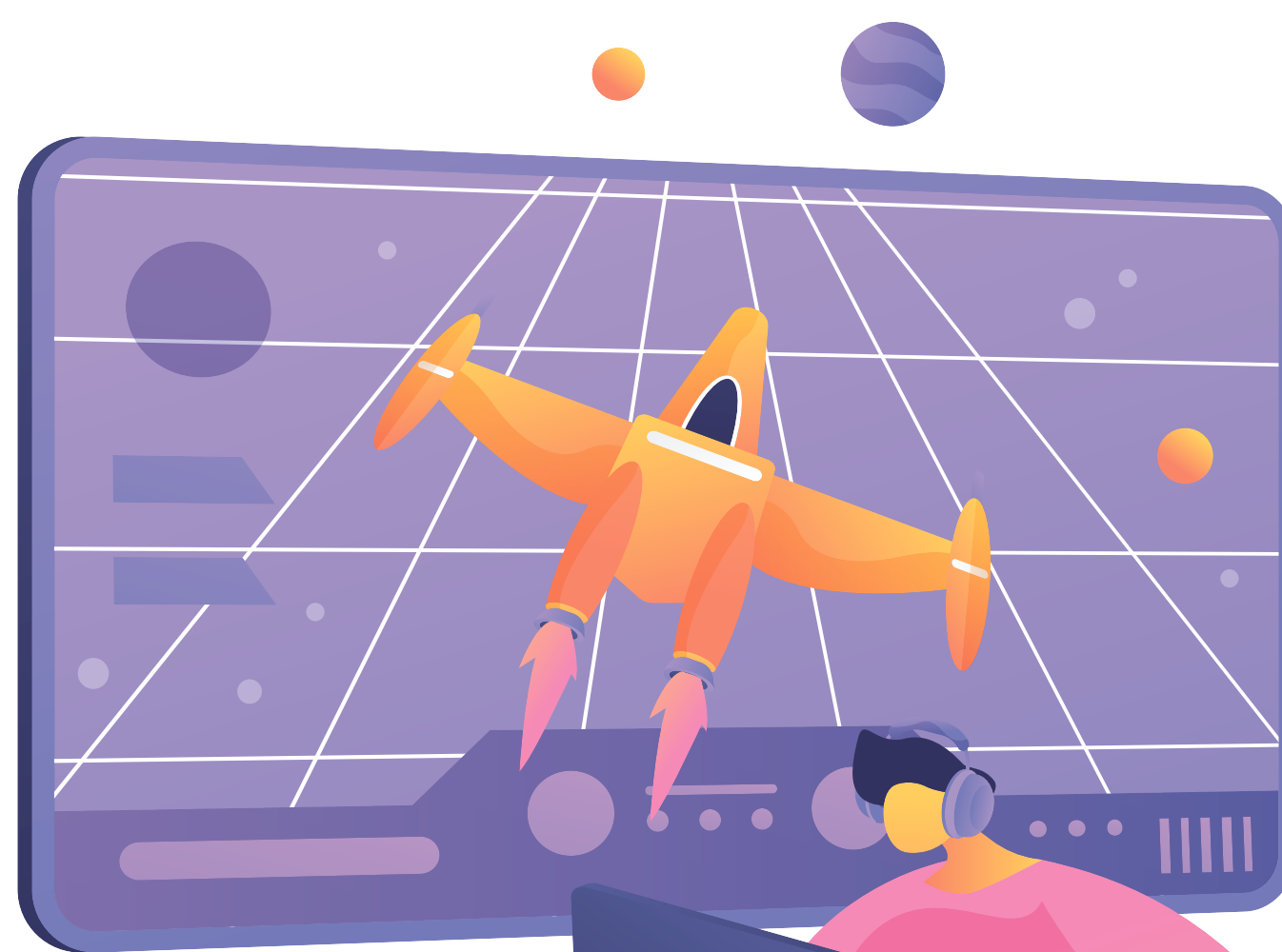
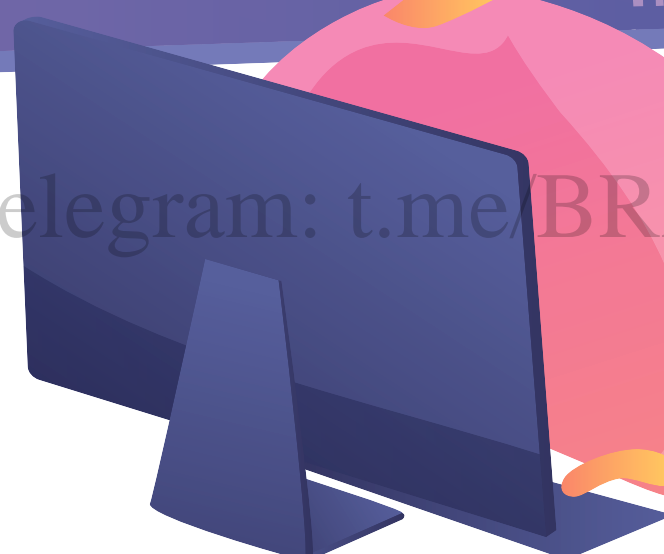
ELECTRONIC ARTS

ÍCONE *Resident Evil 2:* título da mais popular franquia sobre zumbis foi refeito

RPG futurista *Mass Effect,* lançado em 2007 para Xbox 360 e PC, foi recriado para a nova geração de consoles de acordo com essa perspectiva. Títulos da série *Resident Evil,* a mais popular sobre zumbis, também foram redesenhados com a tecnologia atual, assim como games protagonizados por ícones como Mario e Zelda.

Os saudosistas radicais não foram abandonados pelo mercado. Nos últimos dois anos, consoles como Atari e Master System chegaram às lojas em versões modernas, com conexão para as TVs atuais, e dezenas de títulos já salvos na memória. Basta plugá-los e jogar *Pong, Space Invaders* ou *Sonic* com os gráficos e controles da época.

PARA ENTRAR NO JOGO

Os números superlativos do mercado

3,2 bilhões

DE JOGADORES NO PLANETA

\+

DE DÓLARES DE RECEITAS EM 2022

Fonte: *Newzoo*

Trata-se de um fenômeno importante para incluir todos os tipos de jogador em um mercado que movimenta quase 200 bilhões de dólares por ano e contempla 3,2 bilhões de pessoas no mundo. Para manter o crescimento, o setor precisa chegar ao maior número possível de interessados. Apelar para a nostalgia, portanto, faz todo o sentido. A tendência deverá durar um bom tempo. A lista de lançamentos para os próximos meses inclui remasterizações de clássicos como *Star Wars: Knights of the Old Republic,* RPG ambientado no ambiente de *Guerra nas Estrelas,* e *007: GoldenEye,* título querido pelos antigos jogadores do Nintendo 64. No mundo dos games, o passado, o presente e o futuro andam de mãos dadas. ■

ANDO NA RUA COM MEDO DE SER PRESO

O violoncelista Luiz Carlos Justino, 25 anos, fala sobre o trauma de ter sido injustamente detido duas vezes

ESTAVA OUTRO DIA voltando de um jogo de futebol com amigos quando fomos parados por uma blitz. Com rispidez, os policiais nos mandaram sair do carro e colocar as mãos no capô. Tocamos juntos em uma orquestra de Niterói, na região metropolitana do Rio, e não é raro para a gente, de pele negra, passar por esse tipo de abordagem no meio da rua. Revistaram nossas mochilas, mas só o que encontraram foram páginas e páginas de partituras musicais, muita coisa clássica, que adoro. Achei que a situação havia se resolvido ali, até que um dos agentes chegou para mim dizendo: “Você está em débito com a Justiça”. Uma cena surreal. Aquela era a segunda vez, em pouco menos de dois anos, que me acusavam de um crime

que nunca cometi — um assalto à mão armada ocorrido anos antes. E foi a segunda vez também que me levaram para a delegacia e me trataram como criminoso. Nem um telefonema me deixaram dar. Acabei sendo liberado após algumas horas de pesadelo, em que tive de me defender do que jamais fiz.

Fui forçado a remexer um passado recente que ainda me causa angústia e dor. Afinal, me conduziram à delegacia porque meu nome constava equivocadamente no sistema como bandido e não haviam apagado o erro — isso desde setembro de 2020. Foi a data em que o inferno começou: a polícia me prendeu depois que uma mulher que tinha sido assaltada apontou para uma foto minha em uma sessão de reconhecimento facial. Na ocasião, estava tocando com colegas músicos nas

ruas do Centro, para fazer uma renda extra. Escureceu e decidimos ir para casa. No trajeto, veio a polícia, que nos interpelou de forma truculenta. Olharam o meu documento e avisaram que eu estava sendo procurado por participar do tal assalto, um tremendo susto. Tentei argumentar que era um engano, mas disseram que precisava ir à delegacia esclarecer a história. Estava ansioso para limpar meu nome e fui, na inocência. Chegando lá, tive de ficar pelado, fui revistado e imediatamente detido. Meus parentes só souberam do meu paradeiro porque o amigo que estava comigo correu para avisá-los.

E assim, sem nenhuma evidência nem prova, me mandaram para uma cela, onde passei cinco dias trancado com marginais. O medo era tanto que nem consigo lembrar os detalhes do que experimentei. Tive medo de enlouquecer, assombrado

pela falta de perspectiva de sair e pela imensa injustiça. Só fui solto porque meu advogado obteve imagens de câmeras onde eu aparecia tocando meu violoncelo na exata hora do crime do qual me acusavam. Provada minha inocência, garantiram que iam dar baixa no meu processo, que meu nome ficaria limpo e não haveria mais nenhum transtorno. E eis que poucas semanas atrás me vi mais uma vez naquela delegacia, mais uma vez pagando por um crime que nunca cometeria. Deixei a prisão aliviado, mas tomado por sentimentos de mágoa e indignação. Mesmo em liberdade, meu nome estará eternamente marcado por algo que não fiz.

Com a memória desses dois episódios, vivo tenso ao sair de casa, olhando para a polícia, aquela que deveria me proteger, com uma natural desconfiança. Sei que muita gente como eu, negra, pobre, moradora de favela, se sente do mesmo jeito. Essas pessoas sabem que precisam tomar cuidado redobrado nas ruas. Desde pequeno, me acostumei a ser abordado junto com amigos só por estar correndo, brincando em grupo. Entrava no shopping e, com frequência, era perseguido por seguranças. A dor de passar por isso cotidianamente é intensa, não me abandona. Sei que o motor desses casos é o racismo, que se manifesta a toda hora das formas mais descabidas, como em minhas duas prisões. Cada um encontra sua trilha para caminhar no meio disso. No meu caso, driblo a brutalidade com muita música. ■

Depoimento dado a Duda Monteiro de Barros

PEQUENOS BUDAS

Pela primeira vez, cientistas registram o que acontece no cérebro quando as crianças meditam. O retrato não deixa dúvida: mesmo nelas, o motor de preocupações é desligado **CILENE PEREIRA**

OHMMM Sem estresse: a técnica é mais eficiente no alívio da ansiedade do que as estratégias de distração

ALEXANDER EGIZAROV/EYEEM/GETTY IMAGES

DESDE que a meditação ganhou força na medicina ocidental como recurso de eficácia científica comprovada na prevenção, tratamento e alívio de sintomas de doenças como as cardiovasculares, o câncer e a depressão, um vasto campo de pesquisas foi aberto pela medicina. Descobriu-se que deixar os pensamentos correr soltos ou concentrar-se no ritmo da respiração promovem transformações no cérebro, de onde é desencadeada uma cascata de reações associadas à queda da pressão arterial, à redução da sensação de dor e da ansiedade, só para ficar em alguns dos benefícios.

Contudo, faltavam evidências sobre os efeitos no organismo de crianças. Havia indicações de que o método oferece iguais resultados aos pequenos, mas ninguém ainda tinha observado o que, afinal, ocorre dentro do cérebro deles. Pesquisadores da Wayne State University, nos Estados Unidos, deram agora o primeiro passo nesse sentido. De maneira inédita, com a ajuda de aparelhos de exame de imagem, eles analisaram em tempo real as alterações nos circuitos de neurônios de crianças e adolescentes com câncer ou já sem a doença, treinados para meditar. O que constataram ajudará a refinar as indicações para tirar o melhor proveito da técnica quando usada entre os pequenos budas.

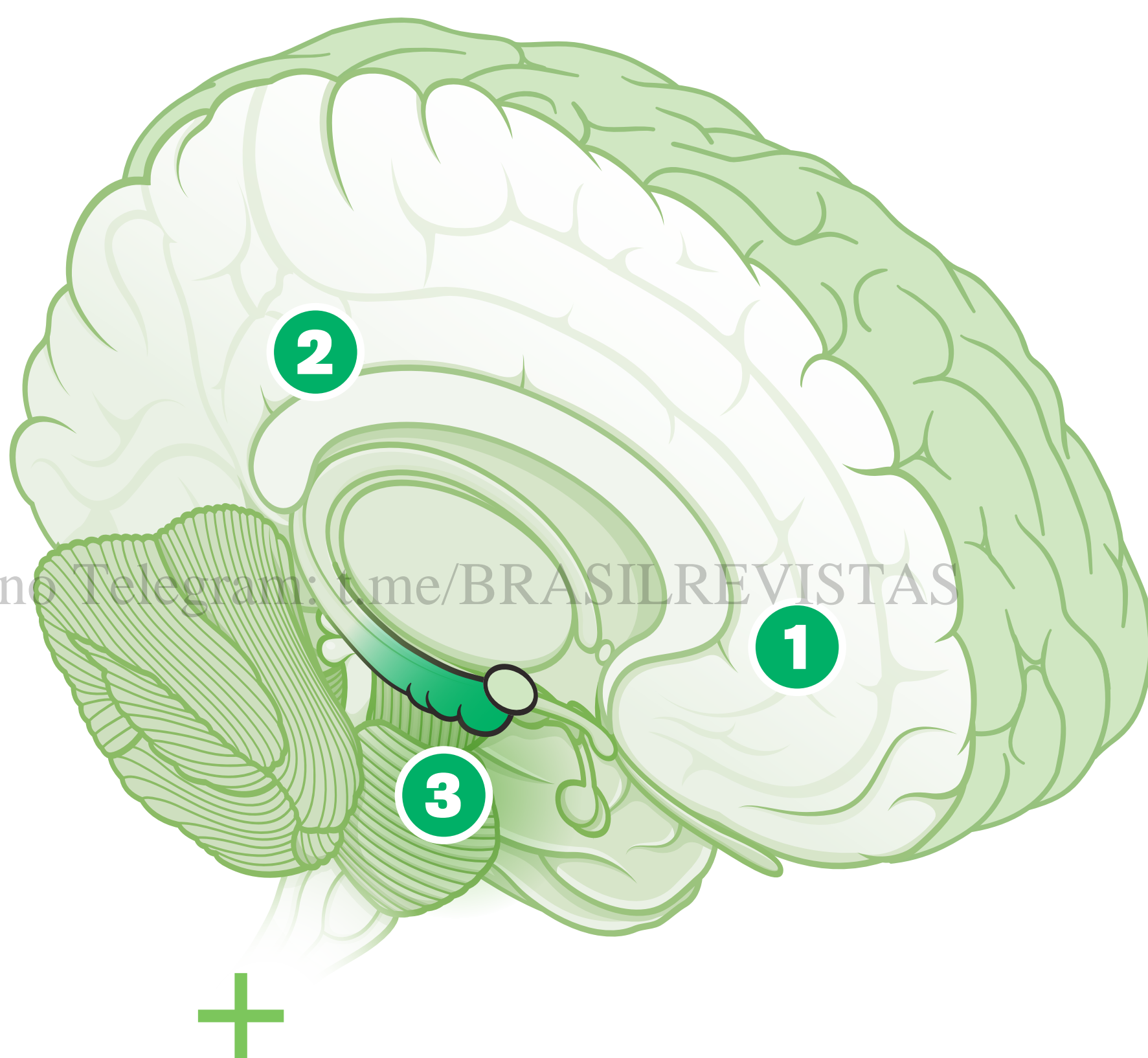
A pesquisa contou com a participação de doze pacientes e ex-pacientes com idades entre 5 e 17 anos. Eles foram divididos em três grupos. O primeiro aprendeu a meditar concentrando-se na respiração: quando o foco desvia para

INSPIRA E DESLIGA

O que aconteceu no cérebro dos pequenos após a prática

Houve redução na atividade do circuito cerebral no qual os pensamentos sobre o futuro são processados. Ele inclui as seguintes estruturas:

1. ***córtex pré-frontal médio***
2. ***córtex cingulado posterior***
3. ***hipocampo***

\+

Ele é importante no planejamento de ações para o alcance de objetivos, mas também está ligado à ansiedade e à depressão quando acionado permanentemente

Meditar foi mais eficaz para diminuir seu funcionamento no cérebro das crianças do que as técnicas de distração

Fonte: *Wayne State University*

os pensamentos, volta-se para o mantra do inspira, expira. A segunda turma praticou a técnica segundo a qual se identifica a natureza dos sentimentos que surgem, porém sem fazer julgamentos sobre eles. O restante foi entretido com estratégias de distração, entre elas a de ver vídeos.

As imagens revelaram que os dois métodos de meditação — e não as distrações — reduziram de forma relevante a atividade de um circuito neuronal ligado ao planejamento e projeções de ações futuras. Trata-se de um sistema vital para que os indivíduos reajam de maneira equilibrada ao que pode acontecer, sem exacerbar as dificuldades ou enxergá-las onde elas não existem. O problema é que, quando o circuito fica permanentemente ativado, ocorre a

chamada "ruminação" de pensamentos negativos. Cria-se um processo mental tóxico e, aos poucos, instala-se a ansiedade ou a depressão, condições marcadas pela incapacidade de vislumbrar perspectivas otimistas. Reduzir a operação desse circuito, portanto, é como desligar da tomada um motor de preocupações contínuas e desarrazoadas.

A área identificada é a mesma que se modifica quando adultos meditam. E essa é a informação valiosa trazida pela pesquisa, embora pareça óbvia. "O cérebro das crianças não é uma versão reduzida do órgão em adultos", disse a VEJA Hilary Marusak, neurocientista e orientadora do trabalho. "Ele é completamente diferente e não podíamos trabalhar com meditação em crianças tomando por base o que acontece com os adultos." Além disso, ficou

claro que técnicas de distração são menos efetivas no alívio do estresse infantil porque exigem a atuação de áreas ainda não totalmente desenvolvidas em tenras idades. No entanto, devem-se celebrar as iniciativas já adotadas em hospitais, ainda que ancoradas no que se sabe a respeito do cérebro de adultos. Melhor seria que, de agora em diante, dado o conhecimento da mente infantil diante da meditação, as instituições colocassem seus pequenos pacientes com a espinha ereta e a mente aberta. ■

PAUSA SAUDÁVEL

Saboreado à mesa, o chá preto ganha agora, finalmente, o aval da ciência como um ótimo e delicioso aliado para o bom funcionamento do organismo **SIMONE BLANES**

PROTEÇÃO Duas ou mais xícaras por dia: a quantidade está associada à redução da mortalidade em até 13% de quem bebe

SERGIO KUMER/GETTY IMAGES

É SOBEJAMENTE conhecido que bebidas preparadas por meio da infusão de folhas, flores e raízes de planta do chá, chamada *Camellia sinensis* (espécie da família *Theaceae),* geralmente com água quente, têm propriedades calmantes e antioxidantes, caracterizadas pela ação de compostos que combatem danos ao funcionamento celular. Ou seja, contribuem para manter o organismo em estado mais equilibrado. Mas, entre as tantas qualidades medicinais da planta já conhecidas, sempre houve dúvida se elas seriam também atributos do chá preto, feito com as folhas mais envelhecidas e submetidas a um processo de oxidação maior. Pior. Por sua concentração de cafeína, a bebida chegou a ser considerada a vilã da categoria. Um novo estudo, feito pelo National Cancer Institute Intramural Research Program, da Inglaterra, porém, derruba essas concepções.

A pesquisa usou as informações de 498 000 homens e mulheres de 40 a 69 anos armazenados no Biobank, banco de dados de saúde do Reino Unido. É um dos mais extensos levantamentos em torno do tema. A análise sobre a evolução das condições de saúde dos participantes sugeriu que o chá preto está associado à redução de 9% a 13% de mortalidade por qualquer causa quando consumidas duas ou mais xícaras da bebida por dia, em comparação com quem não bebe nenhum tipo de chá. A alta ingestão também está vinculada ao baixo risco de morte por enfermidades cardiovasculares, as que mais matam no mundo, como infarto ou acidente vascular cerebral. Não faz dife-

DISTINÇÃO ALÉM DAS CORES

Originados da Camellia sinensis, *espécie da família* Theaceae, *os chás preto e verde têm efeitos um pouco diferentes*

VERDE

- Possui elevada quantidade de substâncias que combatem compostos nocivos ao funcionamento celular

- Ajuda no controle da concentração de açúcar no sangue

- Reduz o risco de câncer

- Contribui para a proteção do coração

rença a temperatura na qual o chá é bebido, se houve adição de leite ou açúcar ou mesmo a taxa de metabolização da cafeína, que varia de acordo com as características genéticas de cada indivíduo.

No senso comum, cantado em verso e prosa, apenas o chá verde era celebrado como saudável. O estudo, portanto, traz uma grande surpresa. O segredo de atuação da bebida, de acordo com os cientistas, está atrelado à concentração de flavonoides apresentada na versão preta. A

- Mais efetivo no estímulo da atividade cerebral e cognitiva
- Associado à diminuição de mortalidade por doenças metabólicas, cardiovasculares e câncer
- Ajuda a reduzir o LDL (colesterol ruim)

Fontes: *National Cancer Institute Intramural Research Program, Marcella Garcez, diretora da Associação Brasileira de Nutrologia (ABRAN)*

substância, sublinhe-se, é um antioxidante, afeito a combater alterações celulares vinculadas ao envelhecimento precoce do organismo e o desencadeamento de processos que culminarão em doenças cardíacas, entre as mais importantes. “A capacidade de proteção apresentada pelos flavonoides é muito intensa”, diz a médica nutróloga Marcella Garcez, diretora da Associação Brasileira de Nutrologia. Outros antioxidantes contribuem para reforçar o poder da bebida, como as teaflavinas, envolvidas na di-

minuição do LDL, chamado de colesterol ruim por participar da obstrução das artérias.

Espera-se que os resultados obtidos pelos ingleses — para os quais o chá preto é indispensável e faz parte da cultura centenária — promova a redenção do sagrado líquido com potencial de gerar também saúde, além de prazer. Aromático e saboroso, ele agora recebe as bênçãos da ciência como um ótimo aliado para deixar o corpo em dia. Pare tudo, porque é hora do chá. ■

LUCILIA DINIZ

LONGEVIDADE REAL

Os segredos de Elizabeth II para viver muito e bem

QUANDO uma pessoa pública morre por volta dos 100 anos depois de uma vida bem vivida, é natural que a gente se pergunte sobre os segredos de sua longevidade. Quando essa pessoa é a rainha da Inglaterra, então, o interesse tende a ser ainda maior. O que ela teria feito para se manter tão bem, a ponto de cumprir suas funções como chefe de Estado até dois dias antes de falecer aos 96 anos? Nesta semana, durante o longo cerimonial de adeus a Elizabeth II, esse foi um entre os muitos aspectos que chamaram a atenção da imprensa sobre sua trajetória de sete décadas como monarca. Muito se falou sobre seus hábitos saudáveis. Como estudiosa das questões associadas ao bem-estar, quero compartilhar com você, leitor, leitora, o que, acredito, deve ter tido influência determinante sobre sua saúde.

A alimentação, claro, encabeça a lista. De certa maneira, somos o que comemos. Ficaram para trás, perdidos na história, os casos de membros de monarquias conhecidos pelos quilos a mais. Eram tempos em que se confundia saúde com alguma obesidade, como registram tantos quadros retratando rechonchudos reis e rainhas. Consta que Elizabeth II pri-

mava pela frugalidade. No almoço e no jantar, dava preferência a peixe ou frango grelhado. O prato principal, servido em pequenas quantidades, vinha acompanhado de legumes ou verduras refogadas, como abobrinha ou espinafre, além de uma salada fresca. Uma dieta, portanto, muito simples, embora equilibrada em termos nutritivos.

Sua Majestade gostava de uma boa sobremesa e, quando podia escolher — o que é quase sempre o caso quando se é rainha —, optava por tortas de chocolate. Gostava muito de música também. Quando esteve no Brasil, em 1968, se encantou com o apelido e a sonoridade do berimbau na Bahia do compositor Chocolate, na época um vendedor no Mercado Modelo, com quem quebrou o protocolo dando-lhe um abraço, deliciando-se de alegria sem ganhar calorias.

Quanto ao chá da tarde, seu hábito mereceria um capítulo à parte, tal a relevância que tem para a tradição britânica.

“A alimentação, claro, encabeça a lista. De certa maneira, somos o que comemos – inclusive a rainha”

Não precisava ser rigorosamente às 5, até porque a agenda real, com muitas viagens, nem sempre permitia a pontualidade. Mas devia ser sempre servido — sem açúcar — num ponto equidistante das duas principais refeições, qualquer que fosse o fuso em que ela se encontrasse. Comer pouco em intervalos regulares, como se sabe, ajuda a manter a saúde em dia. Da mesma maneira que tomar alguns drinques diários. Elizabeth II tinha predileção pelo gim, que bebia às vezes ouvindo música, como *Cheek to Cheek,* com Fred Astaire, uma de suas preferidas.

A atividade física também contribui decisivamente para a vida saudável. Mas ninguém precisa fazer academia. A rainha não fazia. Ela trocava pneu de veículos militares —

quando jovem, durante a II Guerra —, cuidava do jardim das residências reais, montava a cavalo ou apenas caminhava pelos terrenos dos castelos de Windsor ou Balmoral. Depois de tanto exercício, dormia pouco mais de oito horas por noite, o necessário e o suficiente para regular o apetite, produzir anticorpos, manter os níveis glicêmicos e estimular a percepção cognitiva.

Pensando bem, são hábitos que não estão associados necessariamente à realeza. Eles estão ao alcance de qualquer um, súdito ou não. ■

ATÉ AS PRINCESAS Rhaenyra *(à dir.)* e o tio em *A Casa do Dragão:* só cabe a elas o papel de moeda de troca

A GUERRA DAS MULHERES

Da fantasia às tramas criminais, séries trazem um novo olhar sobre a opressão feminina: a culpa não é mais só do agressor, mas de todos que se omitem

AMANDA CAPUANO

OLLIE UPTON/HBO

LAURA CAMPANELLA/NETFLIX

LUTA INGLÓRIA *Bom Dia, Verônica:* a anuência da sociedade com a violência

Rhaenyra Targaryen é uma mulher forte. Aos 17 anos, controla dragões como quem adestra cachorrinhos e é herdeira do cobiçado Trono de Ferro. Aos olhos dos homens dos Sete Reinos, porém, nada disso importa: ela, como todas as outras mulheres ali, é só uma moeda de troca para que os garanhões alcancem suas ambições de poder por meio do casamento. Usada pelo tio e pelo pai ao bel-prazer, a princesa de *A Casa do Dragão* atesta uma tendência cada vez mais

presente nas séries: mais que apenas retratar a violência contra a mulher, as produções atuais destacam o teor sistêmico das agressões a que elas são submetidas. Agora, a violência não decorre só da falta de caráter de um homem, mas de uma sociedade que escolhe fechar os olhos diante dos desmandos masculinos.

Exibido recentemente pela HBO, o quarto episódio da série deixa isso ainda mais explícito. Rhaenyra vive uma situação periclitante com o tio, Daemon (Matt Smith), da qual mesmo mulheres com sangue de dragão teriam dificuldade em se livrar sem sequelas. As agruras também atingem sua ex-amiga e rival Alicent (Emily Carey). Casada com o rei para atender aos desejos do pai ambicioso, a personagem é

requisitada pelo marido no meio da noite, e acaba atendendo ao chamado a contragosto — afinal, sua função como esposa é dar prazer e herdeiros ao rei, mesmo que isso signifique entregar-se a uma relação que mais parece estupro. Fruto da mente provocativa de George R.R. Martin, a sociedade de Westeros impõe às suas mulheres uma ideia falsa de consentimento: criadas para servir aos desejos masculinos, elas não têm outra escolha a não ser cumprir com o seu dever e "consentir" com o ato, mesmo contra sua vontade.

Mesmo longe dos domínios da fantasia, a coisa não fica mais fácil para elas. Uma visão mais complexa e politizada do abuso contra a mulher permeia novas produções dos mais diversos gêneros. Sucesso nacional da Netflix, *Bom Dia, Verônica* apresenta uma trama criminal envolvente. O verdadeiro

RICARDO HUBBS/NETFLIX

STAR+

SOPHIE GIRAUD/HULU

AGRURAS FEMININAS *The Handmaid's Tale (acima), Maid (à esq., no alto)* e *Não Foi Minha Culpa:* visões da violência que se propaga como um vírus

tema, porém, acaba sendo a violência contra a mulher. Em suas duas temporadas, a série ilustra bem o alcance da recente mudança de enfoque sobre o problema. Na primeira, a agressão ficou centralizada na loucura de um único homem, Brandão (Du Moscovis), policial que agride a esposa e mata outras mulheres por prazer. O trato é semelhante ao dado na série *Você,* outro hit da Netflix que mostra a violência contra a mulher sob a óptica de um psicopata que age por puro sadismo. Já na temporada mais recente de *Bom Dia, Verônica,* a visão se amplia. Reynaldo Gianecchini faz um líder religioso que abusa da própria filha, vivida por Klara Castanho — e sua impunidade se sustenta sobre o machismo arraigado. As barbaridades se propagam como um vírus com a anuência da igreja, da polícia e de todos que se recusam a acreditar na palavra das vítimas, já que os agressores são "homens de bem" supostamente perseguidos por mulheres malucas.

Inspirada em histórias reais, a também brasileira *Não Foi Minha Culpa,* do Star+, traz o tema com um realismo visceral: não há costumes medievais ou psicopatas, apenas a realidade nua e crua da misoginia. Reunindo vários casos, a produção mostra que, não raro, o entorno decide olhar para o outro lado e seguir com a vida enquanto mulheres são agredidas. "Agressivo, o Fernando? Boa-pinta daquele jeito?", diz um dos personagens. "Deixa para lá, minha filha, casal é assim mesmo", comenta uma vizinha, enquanto ouve uma discussão violenta no apartamento da frente.

Mesmo quando as vítimas conseguem se livrar do ciclo de agressões, a violência segue presente na vida delas. Na série americana *Maid* (Netflix), Alex (Margaret Qualley) foge de casa com a filha pequena após sofrer uma série de abusos psicológicos. Sem formação nem apoio, vai trabalhar como faxineira para garantir o sustento da filha, e precisa de determinação para não ceder aos julgamentos e voltar com o marido abusivo.

Nenhuma outra produção, porém, leva o tema às últimas consequências como *The Handmaid's Tale* — cuja quinta temporada estreia no Paramount+ neste domingo, 18. Inspirada na distopia de Margaret Atwood, a série retrata um mundo onde a violência contra a mulher não apenas tem anuência da sociedade como foi institucionalizada pelo governo. É um alerta extremo, mas instrutivo, de onde podemos chegar se a sociedade continuar fechando os olhos para o problema. ■

TALENTO DE BERÇO Maya: íntima de celebridades e festejada por jovens

NASCIDA PARA O SUCESSO

Filha dos astros Ethan Hawke e Uma Thurman, a jovem Maya Hawke saiu da sombra dos pais famosos em Hollywood para desbravar – com brilho – o próprio caminho como atriz e cantora

TODD OWYOUNG/NBC/GETTY IMAGES

QUANDO se sentou no sofá do *The Tonight Show* para ser entrevistada pelo apresentador queridinho das celebridades Jimmy Fallon, a atriz, cantora e modelo Maya Hawke, de 24 anos, transparecia nervosismo. Mas não escondeu que estava em casa. “Eu segurei você no colo”, brincou Fallon. Maya disse então que a maioria das pessoas que vão ao programa conta sua história de vida — mas, no seu caso, não sabia o que poderia revelar que ele já não soubesse. Para quem a conhece só como a espevitada Robin de *Stranger Things,* Maya pode até passar por mera novata. Longe disso: trata-se da primogênita de dois astros do alto escalão de Hollywood, os atores Ethan Hawke e Uma Thurman.

Enquanto muitos filhos de celebridades buscam se afastar da imagem dos pais, Maya é honesta e não esconde os privilégios. Ainda que não negue que Hawke e Uma sempre tiveram suas ressalvas — não por duvidarem da veia artística da filha, mas pela pressão que vem de brinde no pacote. Ela, curiosamente, parece lidar bem com isso. Ao longo dos anos, absorveu com naturalidade os paparazzi invadindo seu cotidiano. E teve tempo para amadurecer o desejo de ser artista: só começou a atuar profissionalmente no fim de 2017, em uma série baseada no clássico *Mulherzinhas*. Àquela altura, tinha estudado um ano na conceituada escola de artes Juilliard, em Nova York — que abandonou em nome do trabalho.

A carreira da garota deslanchou de vez em 2019, quando passou a integrar o elenco de *Stranger Things*. Com a revela-

ção de que Robin era lésbica, sua personagem se tornou um ícone para o público jovem — e Maya, festejada pelos fãs. Também em 2019 fez uma ponta no longa *Era Uma Vez em... Hollywood,* como uma integrante da família Manson. É como se um parente distante lhe desse uma mãozinha: Uma é atriz-fetiche de Quentin Tarantino (em mais de um sentido, dizem). Por isso, Maya cresceu perto do diretor genial nos sets.

Sua próxima empreitada ao lado de um grande nome de Hollywood será como atriz de *Asteroid City,* do diretor Wes Anderson. Enquanto não volta aos cinemas, Maya brilha no streaming com a comédia *Justiceiras,* que estreia na Netflix nesta sexta-feira, 16 — e na qual ela faz uma jovem queer que contracena com outras figurinhas carimbadas de produções adolescentes atuais. Paralelamente, Maya também se dedica à carreira musical, com inspirações que vão de Leonard Cohen a Taylor Swift. Depois de debutar em 2020 com *Blush,* um disco minimalista indie-folk, lançará seu segundo trabalho de estúdio na sexta-feira 23. A receita mistura rostinho bonito, consciência política e pais célebres — mas é seu talento, afinal, que faz o sucesso. ■

Gabriela Caputo

FURACÃO PARAIBANO

A cantora Lucy Alves conquistou o país com sua música nordestina "gourmetizada", e agora invadirá as telas como estrela de série da Netflix e da próxima novela das 9

KELLY MIYASHIRO

MOCINHA VALENTE Lucy como Brisa em *Travessia:* ela lutará contra as *fake news* na trama de Gloria Perez

FABIO ROCHA/TV GLOBO

AINDA NA INFÂNCIA, em João Pessoa, a paraibana Lucy Alves foi direcionada naturalmente à paixão pela música. Aprendeu violão de sete cordas com o pai, o engenheiro José Hilton. Sua mãe, a professora Maria, tinha paixão pelo forró. As irmãs, Laryssa e Lizete, também tocavam. "Nasci no meio da música, nem tive chance de escolher", disse a VEJA a artista, hoje aos 36 anos. Nesse caldo familiar irresistível, Lucy se revelou polivalente. Ela sabia cantar e dançar, e encantou-se por todos os instrumentos possíveis: piano, violino, viola, rabeca, bandolim, fole de oito baixos, contrabaixo, pandeiro e cavaquinho. Mas foi a sanfona, elemento clássico do forró raramente visto nas mãos de meninas, que lhe trouxe projeção nacional. Em 2013, já em seus 20 e poucos anos, Lucy apre-

sentou um cover de *Qui Nem Jiló,* composição de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, em uma audição do reality de calouros *The Voice Brasil,* da Globo. Instantaneamente, impressionou os jurados e o país: para além da voz marcante, revelou habilidade notável no manuseio do pesado instrumento, com cerca de 12 quilos. "A vida foi me levando para o lado da música, até o ponto em que entendi que era isso que eu queria para mim. Eu fui indo, porque me divertia muito", afirma ela.

Nos próximos meses, Lucy irá ainda mais longe. Após conquistar fama no *The Voice,* ela lançou três álbuns e fez sucesso na internet com seus videoclipes. Engatou também a carreira de atriz, fazendo uma personagem na novela *Velho Chico,* exibida pela Globo em 2016. Agora, chegará seu momento de máxima exposição na TV e no streaming. A partir

VANESSA BUMBEERS/NETFLIX

QUASE AUTOBIOGRÁFICO Lucy em *Só Se For por Amor:* ela atua, canta e toca sanfona

da quarta-feira 21, Lucy estreia como protagonista de uma nova série da Netflix, *Só Se For por Amor,* que fala sobre o universo da música. É um aperitivo para o evento que tornará Lucy um rosto inescapável: em outubro, ela vai invadir o horário nobre da Globo como heroína de *Travessia,* novela de Gloria Perez que substituirá *Pantanal* na faixa das 9.

As qualidades que fizeram de Lucy um novo fenômeno da música são as mesmas que justificam o interesse da Netflix e da Globo por seu nome. Com uma beleza temperada pela ascendência negra e indígena, técnica musical afiada (ela é bacharel em viola clássica) e versatilidade no palco, Lucy confere uma estampa moderna à cultura nordestina de raiz. Encarna, assim, uma certa "gourmetização" do forró para as novas gerações.

INSTAGRAM @LUCYALVES

AMAR SEM MEDO Victoria Zanetti e Lucy: a atriz evita expor a namorada, mas não a esconde

A imagem de mulher forte não é mero detalhe na receita. Na série *Só Se For por Amor,* ela interpreta Deusa, estrela sertaneja que tem de decidir entre continuar a parceria com seu amado e brilhar em carreira-solo. A Brisa da novela de Gloria Perez demonstra sua força numa daquelas tramas rasgadas da autora: vítima de uma *deepfake* na internet, a mocinha é procurada por um crime e tem de fugir do Maranhão para o Rio, onde vai sacudir a poeira e se levantar. Sempre exalando segurança e energia, Lucy é uma boa aposta para viver essa heroína que "verga, mas não se quebra".

A própria confessa que, apesar dessa imagem resoluta e da vocação familiar para a arte, teve ao menos um instante de vacilação: na juventude, quase desistiu da carreira artística para virar advogada. "Cheguei a cursar cinco períodos de direito, mas vi que meu negócio era a música. É um caminho árduo: além do talento, tem de conhecer gente, ter equipe, correr atrás de oportunidades", explica.

Reservada sobre sua vida pessoal, Lucy teve seu romance com a produtora Victoria Zanetti registrado por paparazzi em abril deste ano, quando as duas trocavam carinhos no Rio. Mesmo ciente da exposição que teria ao fazer uma mocinha de novela das 9, a atriz se assume bissexual e afirma não ter se incomodado com o "flagra" — mas se importa, sim, com o rebuliço que uma relação lésbica ainda causa na sociedade. "Algumas pessoas ficaram impressionadas, mas é bom poder incentivar as pessoas a ser livres para amar. Até agora, nenhuma porta se fechou para mim, graças a Deus. Eu prefiro pagar o preço de ser quem sou", diz a artista, que se apresentou no Rock in Rio com o apoio da namorada no backstage. Na arte ou na vida real, a autenticidade vale a pena. ■

O MESTRE DA PROVOCAÇÃO

Expoente máximo da nouvelle vague, o diretor franco-suíço Jean-Luc Godard mudou a história do cinema ao quebrar regras e celebrar a divagação intelectual **RAQUEL CARNEIRO**

"O que é o cinema? A resposta para essa pergunta eu resumiria assim: é a expressão de sentimentos sublimes."
JEAN-LUC GODARD
(1930-2022)

CHRISTOPHE YVOIRE/SYGMA/GETTY IMAGES

A DEVOÇÃO de Jean-Luc Godard ao cinema extrapolava limites — inclusive os da lei. “Cheguei a roubar para poder assistir e fazer filmes”, disse o diretor franco-suíço em 2007, já sob a segurança do prestígio e da idade avançada, perto dos 80 anos. O meliante se via como um nobre Robin Hood: o butim do dinheiro que furtava, advindo de empregadores e de sua família abastada, era compartilhado com outros cineastas iniciantes. A camaradagem e a verba curta, em um mundo de desequilíbrio moral e emocional pós-II Guerra, foram as bases que sedimentaram o movimento cinematográfico francês da nouvelle vague, a iconoclástica nova onda da qual Godard se impôs como expoente máximo nos anos 1960.

COLLECTION CHRISTOPHEL/AFP

ROMANCE *Acossado:* estreia que virou um clássico instantâneo

Morto na terça-feira 13, aos 91 anos, o diretor demarcou uma linha histórica na arte de fazer filmes: depois dele, as produções seriam divididas entre aquelas fabricadas por estúdios e o cinema de autor. Se as primeiras têm por objetivo entreter e conduzir o espectador por viagens escapistas, o segundo é um convite filosófico à autorreflexão. Da quebra da quarta parede — expediente no qual o ator olha para a câmera, ou seja, para o espectador — até finais abertos e divagações sem respostas, os filmes da nouvelle vague não eram feitos para ser palatáveis, e sim digeridos com elaboração intelectual. Godard tornou-se, assim, o mestre supremo da provocação — amado pelos que viam o cinema como uma forma de arte elevada e odiado por quem o via como o pai de todos os diretores-cabeça.

POÉTICO *O Demônio das Onze Horas:* começo, meio e fim misturados

FILMS GEORGES DE BEAUREGARD

Ao rasgar a cartilha dos padrões impostos até ali especialmente por Hollywood, a nouvelle vague recolocou a França em posição de glória na ebulição artística mundial. Já a liberdade de contar histórias sem amarras, de linhas cronológicas indefinidas a enquadramentos inovadores e ao uso de câmera na mão, se revelou um legado de alcance global. O cinema novo brasileiro bebeu da fonte francesa: Godard e Glauber Rocha (1939-1981), aliás, se admiravam mutuamente.

Nascido em Paris e criado na Suíça, Godard tinha uma relação conturbada com os pais, um médico e uma filha de banqueiro. O vínculo se rompeu quando ele trocou a ilustre Sorbonne pela Cinemateca Francesa, onde conheceu seu principal parceiro criativo, François Truffaut (1932-1984), e

COLLECTION CHRISTOPHEL/AFP

CENSURA *Je Vous Salue, Marie:* o filme que irritou José Sarney

André Bazin (1918-1958), dono da revista *Cahiers du Cinéma,* bíblia dos cinéfilos, na qual Godard trabalhou como crítico — e de onde roubou uns trocados. Forjado nesse meio vanguardista, Godard fez filmes sobre laços humanos que não se explicam e sobre a fragilidade do *status quo.* Em *Acossado* (1960), sua brilhante produção de estreia, um ladrão procurado pela polícia tem um romance com uma americana. Quanto mais poético e abstrato Godard ficava, mais sua popularidade crescia, como atesta *O Demônio das Onze Horas* (1965), que fala de um criminoso em fuga das autoridades — mas, principalmente, do tédio.

Em 1985, o diretor mexeu num vespeiro religioso com *Je Vous Salue, Marie,* alegoria moderna sobre a mãe de Jesus.

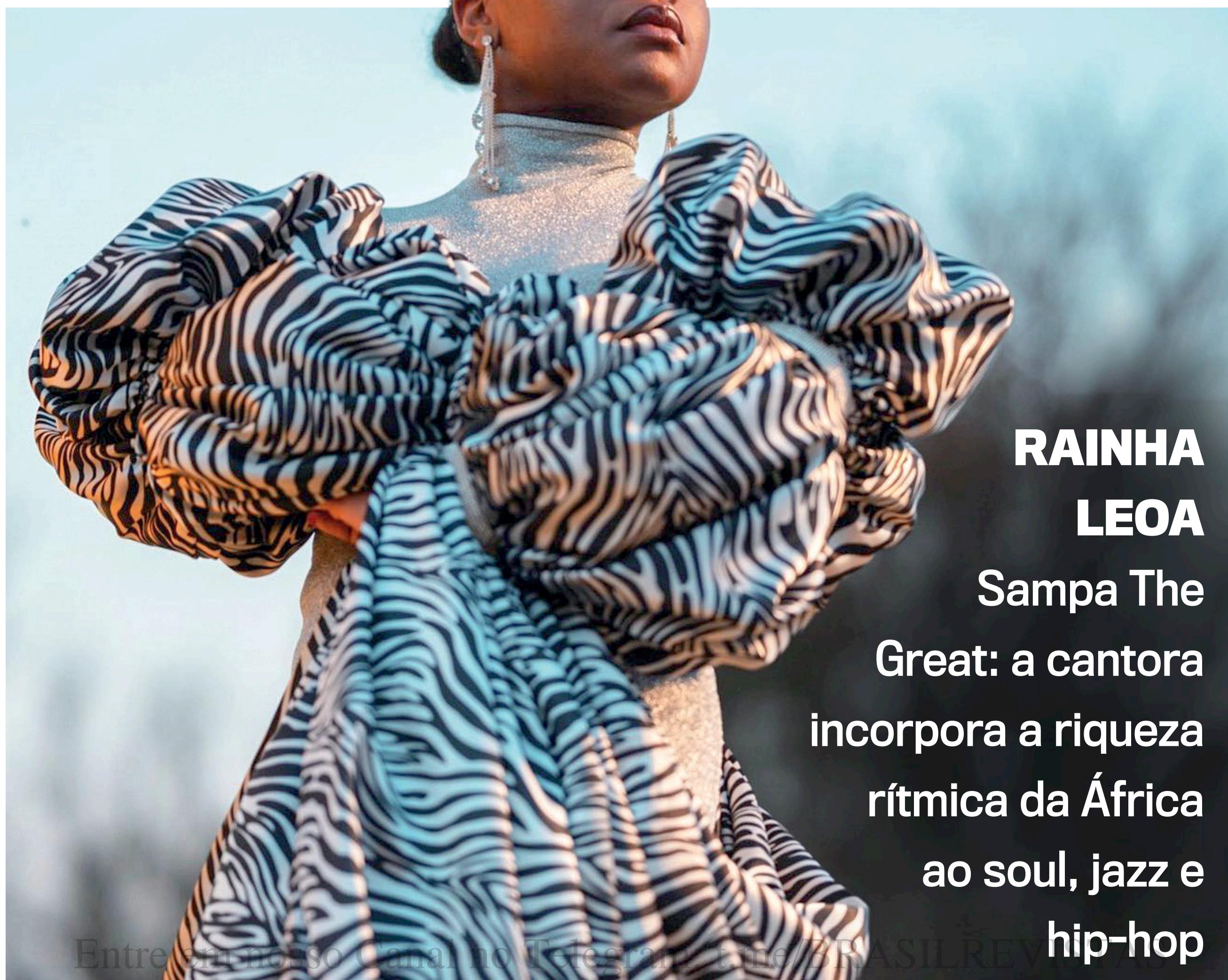
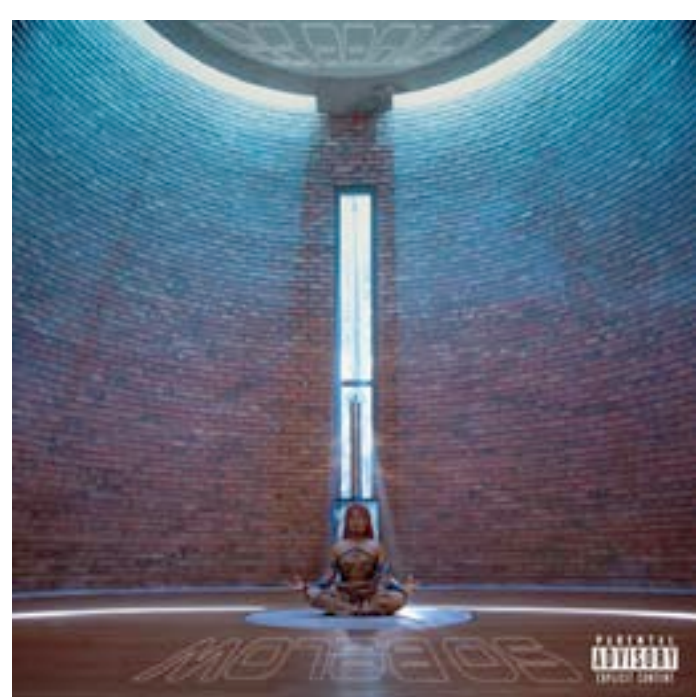
O filme foi censurado no Brasil pelo governo de José Sarney, a pedido de líderes católicos, e liberado só em 1988. Ao longo da vida, as críticas e os aplausos não distraíram o cineasta de escrever, produzir, atuar e dirigir sem descanso. Seus últimos trabalhos foram tão experimentais que mais pareciam colagens de cenas e frases. O jornal francês *Libération* noticiou que Godard morreu em um suicídio assistido — prática legalizada na Suíça, onde vivia. Como ele mesmo disse: “A história deve ter um começo, um meio e um fim, mas não necessariamente nessa ordem”. ■

MANOLO PAVÓN/NETFLIX

PARCERIA BILÍNGUE Raúl Arévalo e Gagliasso *(à dir.):* policial espanhol e colega brasileiro caçam traficante

TELEVISÃO SANTO **(disponível na Netflix)**

Um narcotraficante cujo rosto ninguém nunca viu sequestra e tortura crianças em rituais satânicos, mas é considerado uma divindade por seus seguidores. Com esse mote imaginativo, a série criminal da Netflix inaugura uma auspiciosa parceria transnacional: metade da trama e da produção se passa no Brasil e a outra metade, na Espanha. A um oceano de distância, o brasileiro Cardona (Bruno Gagliasso) e o espanhol Millán (Rául Arévalo) são dois policiais que investigam a seita e caçam o criminoso, enquanto esbarram em seus dramas pessoais, lutando contra a culpa pela morte de entes queridos e suspeitando dos próprios — supostos — aliados. A produção aposta em um filão que faz sucesso mundialmente, mas acrescenta um toque sombrio instigante à jornada de seus dois heróis controversos.

INSTAGRAM @SAMPA_THE_GREAT

RAINHA LEOA
Sampa The Great: a cantora incorpora a riqueza rítmica da África ao soul, jazz e hip-hop

DISCO

AS ABOVE, SO BELOW,

de Sampa the Great (disponível nas plataformas de streaming)

Nascida na Zâmbia e criada em Botsuana, a cantora Sampa Tempo, 29 anos, incorpora com elegância a riqueza rítmica africana em suas músicas, que passeiam pelo hip-hop, soul, jazz, gospel e reggae. Seus primeiros trabalhos foram gravados na Austrália, para onde se mudou, mas traziam pouco da África. De volta à Zâmbia na pandemia, Sampa deixou que suas raízes falassem mais alto, com criativas linhas de percussão. *Never Forget* é uma ode às conquistas africanas; em *Let Me Be Great* (a melhor do álbum), ela se declara a Rainha Leoa e exige respeito.

LIVRO

ABRAÇO APERTADO,

de Émile Ajar (tradução de Rosa Freire D' Aguiar; Todavia; 224 páginas; 64,90 reais e 39,90 reais em e-book)

Um homem comum vive num apartamento em Paris com uma cobra píton de 2 metros de comprimento. A afeição pelo animal é curiosa: ele anseia chegar em casa e ganhar um abraço apertado do réptil. Repleto de tiradas cômicas e analogias sobre solidão e sexualidade, o livro vai de tratado zoológico a diário de um solteirão, numa narrativa acelerada e envolvente. A obra de 1974 é do exímio romancista francês Romain Gary, que usava o pseudônimo de Émile Ajar para se descolar da reputação séria que lhe atribuíam. ■

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 57#] GALERA RECORD

2. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [3 | 40#] GALERA RECORD

3. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO**
Taylor Jenkins Reid [6 | 73#] PARALELA

4. **O HOBBIT**
J.R.R. Tolkien [0 | 30#] HARPERCOLLINS BRASIL

5. **A HIPÓTESE DO AMOR**
Ali Hazelwood [4 | 10] ARQUEIRO

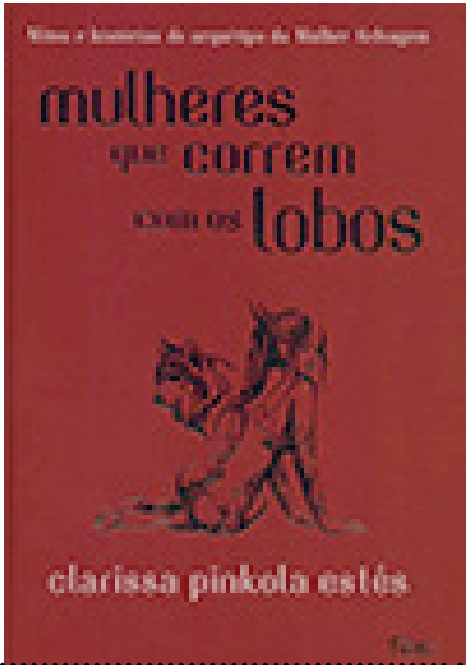
6. **NAS PEGADAS DA ALEMOA**
Ilko Minev [5 | 24#] BUZZ

7. **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [2 | 9#] BERTRAND BRASIL

8. **O LADO FEIO DO AMOR**
Colleen Hoover [9 | 13#] GALERA RECORD

9. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [7 | 197#] VÁRIAS EDITORAS

10. **E NÃO SOBROU NENHUM**
Agatha Christie [0 | 3#] GLOBO LIVROS

NÃO FICÇÃO

1 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 123#] ROCCO

2 **PASSAPORTE 2030**
Guilherme Fiuza [2 | 4#] AVIS RARA

3 **ESCRAVIDÃO – VOLUME 3**
Laurentino Gomes [4 | 13] GLOBO LIVROS

4 **MENTES INQUIETAS**
Ana Beatriz Barbosa Silva [0 | 39#] PRINCIPIUM

5 **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE**
Tori Telfer [10 | 84#] DARKSIDE

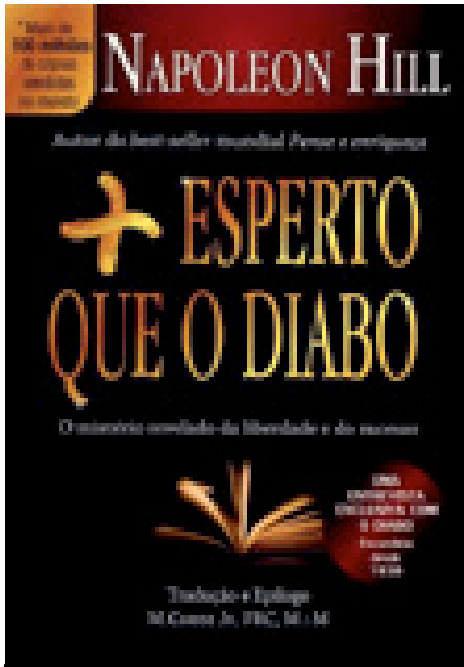
6 **CABEÇA FRIA, CORAÇÃO QUENTE**
Abel Ferreira [9 | 22#] GAROA LIVROS

7 **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [6 | 175#] OBJETIVA

8 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [8 | 289#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

9 **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [7 | 8#] BESTSELLER

10 **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA**
Djamila Ribeiro [0 | 100#] COMPANHIA DAS LETRAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 MAIS ESPERTO QUE O DIABO
Napoleon Hill [4 | 174#] CITADEL

2 O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA
George S. Clason [2 | 93#] HARPERCOLLINS BRASIL

3 OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA
T. Harv Eker [4 | 384#] SEXTANTE

4 QUEM PENSA ENRIQUECE
Napoleon Hill [6 | 99#] CITADEL

5 O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE
Paulo Vieira [0 | 78#] GENTE

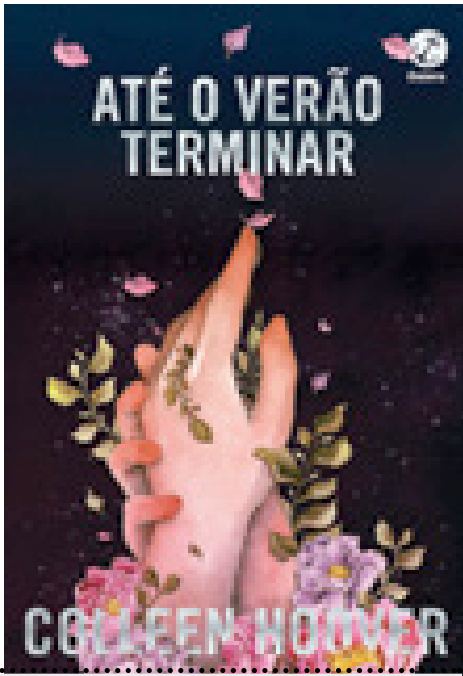
6 PAI RICO, PAI POBRE
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [5 | 94#] ALTA BOOKS

7 O PODER DO HÁBITO
Charles Duhigg [0 | 271#] OBJETIVA

8 COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS Dale Carnegie [8 | 59#] SEXTANTE

9 ESPECIALISTA EM PESSOAS
Tiago Brunet [9 | 24#] ACADEMIA

10 MINDSET
Carol S. Dweck [10 | 127#] OBJETIVA

INFANTOJUVENIL

1 **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
Colleen Hoover [1 | 31#] GALERA RECORD

2 **COLEÇÃO HARRY POTTER**
J.K. Rowling [6 | 126#] ROCCO

3 **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
Casey McQuiston [7 | 76#] SEGUINTE

4 **AMOR & GELATO**
Jenna Evans Welch [2 | 60 #] INTRÍNSECA

5 **EU E ESSE MEU CORAÇÃO**
C.C. Hunter [5 | 3#] JANGADA

6 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [3 | 357#] ROCCO

7 **TODO ESSE TEMPO**
Mikki Daughtry e Rachael Lippincott [9 | 8#] ALT

8 **AS AVENTURAS DE MIKE 3: MUDANDO DE CASA**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [0 | 1] OUTRO PLANETA

9 **CORALINE**
Neil Gaiman [8 | 43#] INTRÍNSECA

10 **MIL BEIJOS DE GAROTO**
Tillie Cole [10 | 38#] OUTRO PLANETA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Aeromix, Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

O PODER PARALELO

O FUBAQUISTÃO existe. Fica nas franjas de Cascadura, bairro carioca onde o último vestígio relevante de presença estatal data de século e meio atrás, na construção da Estrada de Ferro Dom Pedro II.

Na semana passada apareceu uma faixa de protesto na entrada da favela, depois da morte de um turista americano surpreendido no meio de um tiroteio. Obra coletiva dos sobreviventes de oito meses de guerra entre narcomilícias, é um curioso pedido de socorro ao Estado contra o Estado.

São 63 palavras em destaque: "Nós, moradores e comerciantes do Morro do Fubá, não aguentamos mais cobranças em nossa comunidade. Proprietários de casas e lojas estão sendo obrigados a pagar uma segurança (via Pix) que não temos, e tudo isso sendo feito aos olhos da PMERJ que vem apoiando os milicianos com essa falsa ocupação. Nós somos os verdadeiros financiadores dessa guerra! Queremos paz. Libertos dessa falsa segurança".

Fotografias do pano pendurado em fios foram espalhadas nas redes com queixas adicionais sobre a amnésia política: "Somos lembrados apenas em época de eleição".

Fubaquistão é parte de um Brasil onde a vida sob a Cons-

tituição ainda é mera probabilidade, apesar de a lei completar 34 anos de vigência no próximo 5 de outubro. Das favelas à Floresta Amazônica, não são poucos os trechos do território nacional onde a realidade constitucional naufraga na confluência de interesses privados e predatórios. Manipula-se o Estado numa implementação seletiva da Carta, como define o professor Joaquim Falcão, fundador da Escola de Direito da Fundação Getulio Vargas, do Rio.

No Rio tem-se a moderna tradução do Estado miliciano. Armas de guerra dividem a paisagem com o mar, palmeiras e trens suburbanos. É a terra onde mais florescem grupos armados sob patrocínio estatal.

Nos palácios celebram-se liturgias de leniência com o

crescimento da influência desses paramilitares em instituições públicas. Eles garantem votos. Em troca, recebem apoio tácito no avanço de negócios lucrativos — controle do gás de cozinha, da luz residencial e da TV a cabo, com parcerias em jogos e em entrepostos de drogas nas margens da Baía de Guanabara.

O monopólio da violência é do Estado, segundo a Constituição. No Rio, a milícia se tornou o Estado. Já nem se dissimula a trapaça: Allan Turnowski, candidato a deputado federal pela fração bolsonarista do Partido Liberal, foi preso na semana passada como agente duplo, acusado de servir à lei e ao crime nos 27 anos de carreira pontuada por duas estadias no comando da Polícia Civil (entre 2009 e 2011 e de 2020 a março deste ano).

Espanta que os militares avalizem Bolsonaro e suas esticadas de corda

Uma investigação transparente sobre o candidato Turnowski, que nega tudo, iluminaria parte dos porões da política no eixo Rio-Brasília. Daria pistas sobre a influência nos três poderes e a dimensão dos lucros obtidos pelos grupos que mantêm 16 milhões de pessoas reféns da liquefação política, institucional e financeira do estado do Rio.

Na última década e meia, essas holdings do crime expandiram em 387% o território dominado no mapa estadual. Aumentaram a hegemonia sobre negócios ilícitos em 10% da área metropolitana. E substituíram a Constituição por leis próprias na vida de 3,7 milhões de pessoas — 41% mais gente subjugada do que quinze anos atrás, constatam pesquisadores da Universidade Federal Fluminense e do Instituto Fogo Cruzado.

Se exposto ao sol, o caso Turnowski poderia contribuir, também, para a compreensão dos mecanismos de controle político que oxigenam as finanças das gangues. Essa engrenagem funciona, por exemplo, em 468 seções da capital, com capacidade de influência sobre o voto de mais de 610 000 eleitores (12% do total da cidade do Rio) — observam juízes

que estudam a evolução de votações concentradas em candidatos apoiados por narcomilicianos da Zona Oeste.

A eficácia dessa estrutura foi reafirmada nas últimas eleições gerais. Jair Bolsonaro, por exemplo, foi beneficiário de mais de 60% dos votos em quarenta das 49 zonas eleitorais da cidade do Rio. Só perdeu (com 48,8%) no bairro de Laranjeiras. Em 22 zonas cariocas, sobretudo nas da Zona Oeste, arrebatou mais de dois terços das urnas. É caso de empatia jamais disfarçada por Bolsonaro e seu clã parlamentar. Nos últimos vinte anos foram pródigos na defesa e em homenagens aos "heróis", entre eles um certo capitão Adriano da Nóbrega, expulso da Polícia Militar e abrigado no Escritório do Crime, empreiteira miliciana especializada em assassinatos por encomenda. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA